

POESIA REUNIDA
Ana Paula Arendt

2018-2022



Ana Paula Arendt

POESIA REUNIDA

2018-2022

1ª edição

São Paulo-SP
Dezembro de 2022



Só Livro Bom Editora
R. Barão de Itapetininga, 273-06ºK
01042-913 República, São Paulo-SP
BRASIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arendt, Ana Paula

Poesia Reunida (2018-2022) / Ana PaulaArendt. -- São Paulo :
Só Livro Bom Editora, 2023.

ISBN 978-65-990855-6-7

1. Poesia brasileira I. Título.

23-180629

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Corpo editorial

Capa: Stephan Schmitz

Vencedor do *Applied Arts Photography & Illustration Awards 2016*

Edição e projeto gráfico: Só Livro Bom Editora

Revisão: a própria autora e Francisco Merçon

Aquarela com imagem da autora: Rodrigo Nardotto

Agradecimentos: Ministério das Relações Exteriores

Foi realizado o depósito legal.

Dezembro de 2022.

SUMÁRIO

ESTUDOS II

UM ESTUDO SOBRE A DEMAGOGIA	8
UM ESTUDO SOBRE O SOLDADO	9
UM ESTUDO SOBRE O MANIQUEÍSMO	10
UM ESTUDO SOBRE A DIGNIDADE	12
UM ESTUDO SOBRE A ALTURA	13
UN ESTUDIO SOBRE LA PRECARIEDAD	14
UM ESTUDO SOBRE A EPIDEMIA	15
UM ESTUDO SOBRE A CONVALESCENÇA	16
UM ESTUDO SOBRE A JUSTIÇA	17
UM ESTUDO SOBRE A DIPLOMACIA	19
UM ESTUDO SOBRE O ERRO	20
UM ESTUDO SOBRE AS PÁGINAS DOS LIVROS	21
UM ESTUDO SOBRE A TRISTEZA	22
UM ESTUDO SOBRE A ARBITRARIEDADE	23
UM ESTUDO SOBRE O MICROFASCISMO	24
UM ESTUDO SOBRE A MEDIOCRIDADE	25
UM ESTUDO SOBRE A ESCRAVIDÃO	26

MARÉS ATLÂNTICAS

MARÉS ATLÂNTICAS	28
UM SER DO MAR	29
IRREDENTISMO	30
GALEANO	31
POR MAIS MULHERES MELHORES	32
UMA ILUSÃO CONCRETA E LONGA	35
IDEOLOGIAS	36
É PRECISO REPLANTAR-SE	37
O BUROCRATA	39
INIMIGOS DAS MÁSCARAS	42
EXARCA	43
GREEN MILL	44
CAIPIRINHA	45
O OUTONO	46
O PRÍNCIPE NEGRO	47
O PURITANISMO IMPERIAL	51
SER NEGRA	55

OMPHALUS	57
PARTENON	59
JERUSALÉM	60
DENTRO DOS OCEANOS	61

MARCHAS DE MAIO

O NORMAL É SONHAR COM ALGO BOM	64
ATAS	65
SINTOMA DE AFEIÇÃO	68
ENCONTRO EM LEMÚRIA	69
DIA SEM TÉRMINO	72
O AMOR TERRITORIAL	73
A LUZ AO REDOR DO TÚNEL	76
UMA IMENSA FORÇA	78
O SOFRIMENTO DOS BELOS	81
AOS PASSARINHOS	83
ABSTERGIDA	84
DIA SEM TÉRMINO	85
ANDO LENDO O TETO	86
UM POEMA PURO	89
O QUE HÁ DE VIR	90
UMA CARTA PARA RASGAR O PODER	92
A SODA CÁUSTICA	97
O HOMEM CISMADO COM A PAISAGEM BRASILEIRA	98
CASA DE MAMÃE	100
AMOR	101
AMAR SIN MEDIDA	102
AMAR SEM MEDIDA	103

CANARINHOS E ANDORINHAS

O TEU NOME	106
ANDORINHAS	107
BAILARINO	108
ESTRELAS INFINITAS NO CÉU	109
ESTRELAS CONTADAS NA TERRA	110
O OLHO DE PÁSSARO	111
NÃO DEIXARÁS DE TE DEDICAR ÀS COISAS BOAS	112

CARTA A FERNANDO PESSOA	113	INTERIOR DE ETERNA MIRADA	181
NÃO HÁ BELEZA ALGUMA NA MENTIRA	115	LAGO DE PROFUNDIDADE INCONCEBÍVEL	182
TODO DIA UM DOMINGO	116	UNIDADE DE GRANDEZA MÚTUA	183
PENSAR EM LIBERDADE	117	CUSTÓDIA DE MEUS ERROS FELIZES	184
O PÂNICO DE SOBREVIVÊNCIA	118	O PERIGO DAS COISAS	185
UM ESTRANHO PESSIMISMO	121	O CANTO DE ZIZ	186
UM PAÍS SEM CONFRONTO	122	O MÚSCULO DE BEHEMOTE	187
VENCER UM PESADELO	124	A ESPADANA DE LEVIATÃ	188
O BOMBARDEIO	125	ODE À SIBIPIRUNA	189
AS VOZES DE HOMENS NA GARGANTA	129	AMOR SEMPITERNO DE APELO FÁTUO	191
O VOTO É SAGRADO	130	POR QUE ESTÁS SORRINDO, AO LER ESTE POEMA?	193
PESTILÊNCIA EM EXAME	132	RIOS E RUAS	194
NÃO TEM BANDIDOS	135	A MANEIRA DE ENAQUIM	195
O CASEBRE	136	A SÚPLICA DE UM BEM ABSOLUTO	196
A CIDADE AZUL	137	SEISACHTHEIA	197
BOM JESUS DA LAPA	138	SERVIÇO QUE É MAIS DO QUE PALAVRAS	202
CARTA A UM PRISIONEIRO	141		
ESCOLHAS	144	VIDA DE VIVER	
LUCHO!	146	O QUE É A VIDA?	204
O FINAL FELIZ	148	O PAÍS QUE SONHO	206
OS SENTIMENTOS E AS QUESTÕES CONCRETAS DA		SOBRE A TEOCRACIA	209
CONSCIÊNCIA E DA NATUREZA	149	AO MENOS UMA VEZ NA VIDA A VIDA É CERTA	213
ASCALÃO	150	UM HOMBRO AMIGO	214
O ANO EM QUE PROIBIRAM O CARNAVAL NO BRASIL	151	ODE AOS HOMENS RUIVOS	216
A TENTATIVA DE FUGA DO BRASIL	152	MURMÚRIO ERUÍDO DA FONTE DE ÁGUA VIVA	217
UM LUGAR DE ENCONTRO	153	SOTERIA	219
OS MENDIGOS DO PODER	154	O AMOR E O ESPANTO	222
A CIDADE DE ESCORPIÕES	156	CUIDAR DA PRÓPRIA VIDA	225
NO RESTANTE DO MUNDO	161	ESCARPA DO MAR	229
UM MUNDO MELHOR	163	DIA DO EXÍLIO	230
BRILHA A ESPADA	164	QUERMESSE DE SÃO JOÃO	231
ECOS DA II GUERRA	166	NAVIO DE RATOS	234
NATAÇÃO	169	UM NOVO SENTIMENTO	236
POEMA DA DISTÂNCIA SEGURA	171	O INVERNO DE CADA SÉCULO	237
PRO PATRIA SEMPER	173	CARDÁPIO DE EXPERIÊNCIAS	240
		O DESTINO DOS FANÁTICOS	242
		O LADO PODRE DA VIDA	245
		O MEU LÁPIS ESTÁ QUEBRADO	248
		NA ARESTA DO TUIUIÚ	249
		CONFISSÃO ÀS ORQUÍDEAS	250
O LIVRO DOS AUGÚRIOS			
UM AUGÚRIO	176		
SÚMULA DE EMPATIA DEFINITIVA	177		
VIGÍLIA	178		
GARANTIA DE VIDA	179		

ANOS DE IDADE

OS ANOS DE IDADE
A CASA DE PRAIA NOS ESTERTORES
O LOUCO NÃO CONCEBE
O DESEJO BRASILEIRO DE PUNIR MULHERES
O CHÃO DA REAÇÃO NENHUMA
CRÍTICA AO CONFINAMENTO MODERNO
PAISAGENS CÍNICAS
O DIA DE MINHA PLUMA NOS TEUS OLHOS
O BERÇO DO NEO-GRUNDYISMO
CAIM: ADEUS
LUGAR SEM DISTÂNCIA

252
253
254
256
260
263
267
269
272
276
293

HINÁRIO DO MUNDO

LA MAISON BLANCHE	296
OXENAFORDA	298
OXENAFORDA	300
ONE HUNDRED STREETS	302
UMA CENTENA DE RUAS	312
LA AZALEA BLANCA	319
A AZALÉIA BRANCA	321
PAULISTEIA	322
AS BELAS ESTRADAS DE MINAS	324
PARIS VIDE	326
PARIS VAZIA	328

ESTUDOS II

UM ESTUDO SOBRE A DEMAGOGIA

A arte de conduzir um rebanho sem cajado;
de amealhar mais elogios que serviços prestados.
Dar uma ordem para pouco em seguida negá-la;
estupidez de quem pregou ideias vazias e agora se cala.
Capacidade de instar de um modo desarticulado e direto;
preferência de um processo tortuoso ao de um mais reto.

Ignorância do quanto custa e a forma obtusa de pagamento;
as lacunas em que se aprecia e se deprecia para fazer rendimento.
Números sem períodos, sem outros países, sem dialogar com a realidade;
discursos onímodos para distrair os olhos das favelas da cidade.

A propaganda e a maquiagem no rosto, na rede social e no santinho;
os buracos na rua que foram tapados, mais caros que um novo caminho.
Os preços rebaixados com favores, sob aumento de oitenta por cento;
ligar em alta voz para os figurões, ocupar bem elegante um assento.

Encontrar pêlo em ovo e elogiar a higiene do galinheiro;
criticar sem nenhum critério, predar os sonhos dos aventureiros.
Pagar jornalistas para escrever uma linda autobiografia;
ficar batendo perna à noite, dormir durante metade do dia.

Receber senadores, criticar prefeitos, demandar deputados;
esquecer o que deve fazer na função à qual foi designado.
Viajar com grandes comitivas, ser o líder e falar como referência;
polemizar com vozes passivas, dispensar tratativas, negar a ciência.

A falta de reger sob autoridade o bem absoluto do submetido;
ser incapaz de felicidade, pela dificuldade de não tê-la tido.
Ter como parâmetros o prêmio, a promoção e o valor da festa;
dizer como bela vocação o trabalho que evita e detesta...

UM ESTUDO SOBRE O SOLDADO

(Para os oficiais hospitalizados)

Ímpeto de enfrentar no ato contínuo de vencer;
ter um problema incontornável do qual fugíamos eu e você.
Vontade então de atirar sismos, derrubar as paredes;
de provar ter valor contra o inimigo, um soldado tem sede.

És o inimigo? És o meu alvo? És um civil?
O soldado grita do pântano segurando um fuzil.
E salta o rio com passos altos, alcança lídimo a margem,
confundido com os animais e as árvores da paisagem...

Corre da mata até os pampas, para a inveja de Salamina
não apenas uma maratona: maior trajeto que nunca termina.

Ser soldado: quem foi uma vez é soldado para sempre;
o olhar oblíquo, desconfiado, bem atento a tudo pressente.

Ser soldado! Ter na vida nenhum descanso, esse é o sentido:
permanecer com o rosto alto e com o olhar no horizonte, destemido.

Ser soldado! Cumprir a missão qualquer que sonhares!
Ser peixe no rio, onça na mata, sabiá nos ares... Ser milhares.

UM ESTUDO SOBRE O MANIQUEÍSMO

Jeito de dizer binário, ser contra ou a favor;
pobreza de vocabulário, falso-verdadeiro rumor.
Necessidade de vencer pela sofreguidão,
contradições e inconsistências ignoradas;
jeito de arguir sem dizer o coração,
prisão do conhecimento, edícula condenada.
A disposição em negar antes que o outro fale,
o que o déspota se repete como única verdade;
vitória que se compraz com que o outro se cale,
um prazer mesquinho na inflexibilidade.

A raiva do que inspire melhor sentido e beleza;
destruição das pontas em equilíbrio da natureza.
Transformar o homem comum em inimigo,
inscrever no amigo um escravo consigo.

A cegueira de não ver demais lados e aspectos;
raciocínios incompletos, sem brilho, desconectos.
A maturação do que se pensou somando insultos;
contra todos a condenação e para si o indulto.

Plantação de notícias falsas para o dano de quem não lhe imita;
a falta de pensamento, a miséria do vazio que em tudo habita.



Manés, o fundador da seita maniqueísta, e os Maniqueus, seus seguidores. Do Manichaean Book. Khocho (Khocho kingdom), Ruin K. 8th/9th century AD. Painting on paper. 17.2x 11.2 cm. "MIK III 6368" recto.

UM ESTUDO SOBRE A DIGNIDADE

Diante do caos do mundo e de sua fúria ofensiva,
a distopia foi construída como instrumento e narrativa:
para se apropriar do Estado e subjugar quem saga e verseja.
Mentiras urdidas sobre o que não foi e o que não se veja.

O poder de desmentir quer decretar toda dignidade...
Assim os apedeados medram fraudes com autoridade:
para prostrar de joelhos, especulam com falta de verdade.

Já não dizem o monopólio de um uso legítimo da força;
mas a exclusividade de uma agressão que nos retorça.
Ai! A belicosidade do mínimo teve como filha a ignorância:
como se deprestar fosse um sinal de maior poder e instância...*

A dignidade, contudo, nos acena jamais com preço:
do seu espírito o domínio tem um eterno recomeço.

Nesta alçada em que se cultiva com a mão de consciência:
só brotam seus veros frutos, a sinceridade e a paciência.
Dignidade, o presente que o poeta se dá a si mesmo:
o ato de escrever a própria história, um abolicionismo.

* “Tenho a sensação de que alguns jovens nas redes sociais acreditam que a forma de gerar mudanças é julgar as outras pessoas o máximo possível. Se eu posto um tuíte ou publico uma hashtag sobre como você não fez algo direito ou usou o verbo incorreto, posso sentar-me e me sentir muito bem comigo mesmo: ‘Viu como fui woke? Peguei você!’ Chega! Se tudo o que você faz é atirar pedras, provavelmente não irá muito longe. O mundo é desordenado. Existem ambiguidades. As pessoas que fazem coisas muito boas têm defeitos.”
Barack Obama.

UM ESTUDO SOBRE A ALTURA

Existem muitas e diversas alturas,
a distância entre a cabeça e os pés,
a profundidade de um túnel;
aquela inexistente entre pessoas puras,
da Terra ao céu, e ao revés,
a distância que se toma em um gesto plúmeo.

Existe o imenso espaço entre a consciência
e o grilo falante querendo morrer em minha cidade.
Hiato de recomendação contra a própria ciência
que nos arrasta ao mar, à perda de dignidade.

Existem muitas e diversas alturas.
Daquelas agonizantes, melhor descer na primeira recolhida.
No lugar Altíssimo onde muitas vezes Deus nos cura,
com um canto discreto sinto por vezes Ele nos apura,
onde a alma ainda com erros pede estar arrependida.
Para estar à altura, é necessário defender a vida.

UN ESTUDIO SOBRE LA PRECARIEDAD

Tesón de humor pensativo
en el rincón de mi fertilidad.
La espera del agua y del trigo
mientras sangre chorrea en la ciudad.

Los hilos desnudos y enmarañados
que transmiten muy poca energía.
Feligresa sin estar a tu lado,
mis fallas que el honor pedía.

La falta de las palabras lindas,
el recogido de lo que hizo ayer.
La plata que había y no se brinda,
vivir, sin razón de ser.

UM ESTUDO SOBRE A EPIDEMIA

Esfera onde pairam os orgulhosos e os arrogantes;
espera na qual param os prudentes por uns instantes.
Promessa centenária da mente de um Deus furioso;
colheita dos desavisados, dos cétricos em clima desairoso.

A propagação da falta de astúcia e de estudo;
a punição a quem se previne apenas a menudo.
A cura do otimismo displicente, do pensamento mágico;
a pura absorção do texto bíblico, sagrado e trágico.

Resgate e remédio à falta de memória coletiva;
disciplina e aprendizado obrigatórios de vida ativa.
Gente oscilando entre o conforto, o terror e a dúvida;
o grito invisível na rua em silêncio dos que têm dívida.

Sobreaquecimento dos leitos e dos estetoscópios,
laboratórios com café e olheiras nos microscópios.
Ramais que não atendem, estantes vazias ou com quase nada;
gente fumando e trocando o dia pela madrugada.

Discursos políticos mais abundantes que ações concretas,
atos caridosos a todo vapor de pessoas discretas,
cardeais em helicópteros despachando com andor;
as ruas vazias, a falta de rodízio, de planejamento e de amor.

Imprensa tensa, de números e de minúcias sobrecarregada;
a praça de um único homem, de vítimas esvaziada.
A atividade humana sob a lente do vírus aumentada.

UM ESTUDO SOBRE A CONVALESCENÇA

Um repouso de aqui e acolá sem dores,
fazer siesta e pensar tranquila nos amores.
O relógio cujo tempo nunca passa.
Falta de vontade de escrever linhas de graça.

Muita ajuda de aplicativos, médicos e enfermeiros;
para não esquecer dos horários, nem de remédios cimeiros.
Não se deve misturar da vinha ou cevada com o vimeiro:
do pior esqueci: mas os homens se esqueceram primeiro.

Muita leitura de letras miúdas, ruídos de gente incauta;
mulheres que não foram viúvas, acham que bula é pauta...
Muita vivência e solidariedade com todos os enfermos;
o ponto de vista de verdade, do medo de vida a termo.

A busca de bons amigos, o milagre de fotos encontradas;
passeios e alguma faxina, na rua umas caminhadas.
Descoberta de chassidismos, de gente muito dedicada.
Familiares sorrindo felizes, de ver ligeira melhorada.

Reposição de minerais, forças, ânimo, energias;
leitura do que há tanto tempo se recosta e adia.
Recuperação das coisas de fazer favoritas;
ver paisagem de novos horários em nuvens mais bonitas.

UM ESTUDO SOBRE A JUSTIÇA

(para uma magistrada)

O gesto de cumprir a lei, ou a persistência de um valor moral?¹
 Não fazer juízo de valor, a mesma regra, um preceito a todos igual?
 Proteger o fraco contra o forte, a dignidade como pedra fundadora;
 decreto para evitar a morte, fundamento de consciência reparadora.

União de vontades sublime jamais reduzida aos fâscios de combate;²
 o que emerge convindo entre os homens, da angústia o maior resgate.
 Uma tutela de confiança, de aplicação da proporcionalidade;³
 Princípio assente no primado de uma norma vital à sociedade.

Dar a quem falta uma vontade própria, contra desigualdades inelutáveis;
 Consciência de concitar acordos, uma trégua entre leituras razoáveis.
 O princípio e fundamento, o que faz do poder um ofício;
 e não instrumento ao serviço do poder e do seu exercício.

Realce das liberdades: jurídica, contratual, política e civil;
 nada à margem do Direito, permissão sobre o que se arguiu.
 Construir o patrimônio público e proteger o que é privado;
 ser cego ao ego da pessoa, ter olhos para o que foi provado.

O fim da supremacia de encantos que o déspota aprova;
 dar à matéria de partes em conflito uma índole nova.
 Algumas pétalas do projeto racional que a humanidade busca;
 devolver ao dono o seu destino com um floreio que nos rebusca.

Dominar os institutos de *imperium*, *potestas* e *majestas*;
 patrocinar a soberania, ter braços de obreiro e grandeza gesta.
 Não se estender no vale da dúvida pelo poder de um domínio;
 Mas arrebatrar na sociedade os vínculos eternos de corações exímios.⁴

O que confere à nossa vida previsibilidade, paz e sossego;
 dever ser acima da regra jurídica, de um hábito social que carrego.
 Postular sobre fatos com normas de valor além de uma definição;⁵
 Ver desde o lugar do julgado, encontrar doutrinas, dar a sua mão.

O que se aplica a si e ao outro, o que nos concede personalidade autônoma;⁶
 a prática de moral que insiste e limita condutas monstruosas, anômalas.⁷
 O dia de hoje melhor que o de ontem; e ao de amanhã, o que nos caiba.
 Lei que existe ordenando a vida, mesmo que dela não se saiba.⁸

Dar ao opressor o dobro de sua medida, ensinar a conduta humana;⁹
 descobrir a verdade juntos, dar um segredo que se proclama.¹⁰

(Poema declamado no XXIX Encontro de Magistrados da Justiça do Trabalho de Rondônia e Acre: Justiça 4.0. (Rondônia, Acre e Brasília, 5 a 7 de maio de 2021).

-
- 1 KELSEN, Hans. *O que é Justiça?* São Paulo: Martins Fontes, 2011 (Obra de 1957). “O que persiste em uma consciência afiada das palavras para aguçar a nossa percepção dos fenômenos.” (AUSTIN, apud HART, Herbert. *O Conceito de Direito*. Oxford: Oxford University Press, 1961).
 - 2 A estátua da liberdade sobre o Capitólio americano tem nos fâscios de combate apenas um instrumento de defesa, e ergue-se acima deles.
 - 3 MIRANDA, Jorge. *Teoria do Estado e da Constituição*. Rio de Janeiro: Forense, 2019, passim.
 - 4 “O que os romanos aspiravam não era tanto aquele Imperium Romanum, aquele domínio romano sobre povos e terras que, como sabemos desde Mommsen, tocou-lhes mais contra a própria vontade e lhes foi impingido, quanto uma Societas Romana, um sistema de aliança fundado por Roma e infinitamente dilatável, no qual povos e terras estavam ligados a Roma não apenas através de tratados temporários e renováveis, mas sim por alianças eternas.” (ARENDDT, Hannah. *O que é Política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 119)
 - 5 “O Direito é uma integração normativa de fatos segundo valores.” (REALE, Miguel. *Teoria tridimensional do Direito*, 1994, p. 97)
 - 6 “É também necessário que os juízes sejam da mesma condição que o acusado ou seus pares, para que ele não possa ter em mente a ideia de que caiu nas mãos de pessoas capazes de lhe fazer violência.” (MONTESQUIEU, *O Espírito das leis*, Livro XI, Capítulo VI)
 - 7 MIRANDA, Jorge, Op. cit., passim.
 - 8 HART, Herbert. Op. cit., p. 227-228.
 - 9 “Se alguém te obrigar a andar uma milha, vá com ele duas.” (Mateus 5: 38)
 - 10 Uma legislação pode existir e se encontrar em vigor independentemente de que as pessoas saibam que as leis existem, ou que foram criadas (HART, Herbert, Op. cit., passim).

UM ESTUDO SOBRE A DIPLOMACIA

Remígio de ideias em rotas costumeiras;
 leitura de mapas e livros, domínio de disputas lindeiras.
 Espírito de permear as frases com uma calma despertada;
 uma ponte levadiça da fasquia mais elevada...

Prestígio pelo qual não se esforçam os seus dirigentes,
 a flor do oficialismo, o ouro do emblema das gentes,
 palavras primorosas de elegias metálicas e prudentes.
 Paixão pela Pátria na distância, o preparo de um convite indeclinável,
 passo que depõe ordens exorbitantes, uma ambiguidade renovável.

Falta de ostentação de quem aprendeu recursos conforme se diz o limite,
 os roteiros que alimentam o homem e as ideias nascidas de um palpite...
 Guardar manuscritos longevos, o patrimônio herdado que se transmite.

Conjunto de regras sem incrementos, fazer tratados e reservas;
 preces nos muitos tabuleiros, o silêncio de quem os observa.
 O que se faz na escrivaninha atrás da porta, cumulada de papéis secretos,
 desfetação e uma raiva morta, desdém por quem diz este poema completo.

Conhecer das composturas as diversas faces do interesse nacional;
 esperar urgentemente, quando dizem o monopólio, a guerra total.
 Pensar a mesa, selar com afeto as cartas, separar a correspondência;
 quem vê só burocracia não sabe o tamanho do dia e da ciência
 de viver à beira do ostracismo, de fazer turnês da própria existência.

Juntar em caixas coisas bonitas que se vão achando pelo mundo afora,
 o lar distribuído em muitos lugares, um momento de que se rememora...
 Filhos em outros países, pais que não ligam, o amigo que já não chora...

É o caudal de autarcia do homem que deságua no mar de autarcia do Estado,
 discreto sorriso de autoria do desenho onde senta o poder, conformado...
 O trabalho ininterrupto de ler oportunidades sem turnos intercalados.

Mania de consulta ao Congresso, empresários, juristas, príncipes, pássaros e poetas...
 Relatos que nos deixam interessados, opiniões justificadas, decisões concretas.
 As piadas e paisagens colecionadas, as gafes calculadas para homenagear a pressa,
 rostos deslumbrados pelo teu trabalho, quem és, realmente, pouco os interessa...

UM ESTUDO SOBRE O ERRO

Quem constata o erro: chato

Quem atesta o erro: venenoso

Quem testemunha o erro, pato

Quem comete um erro, talentoso.

Quem assume um erro: hoje em dia, raro.

Quem não sabe do erro: despeitoso...

Quem mente sobre o erro: ignaro

Quem jamais tem erro: mentiroso

Quem pensa no erro, sábio

Quem conserta o erro, hábil

Quem perdoa o erro, generoso.

UM ESTUDO SOBRE AS PÁGINAS DOS LIVROS

(para os encadernadores)

Restauradores de livros abrem suas páginas
e avaliam o material de que é feito seu papel.
Linho macio com a espessura de anos jurígenos:
do direito de ser lido e ao final, esse o troféu.

E lixam as suas bordas, sopram, recosturam a sua lombada
até que perfeito, tem um jeito novo e cor amarelada;
e recebe uma capa borgonha, de couro, com letra dourada...
Uma fita carmesim e de cetim para a página marcada.

Relevo de estrelas tetras e arabescos pequeninos,
as folhas chiando cortam o silêncio e nos retornam a pino
das bibliotecas povoadas de volumes grossos e franzinos.

Ali as capas e os trechos importantes da vida das pessoas,
seus pensamentos inexatos e pérolas do que nos ressoa
imprimindo na nossa alma experiências boas...

E sendo as páginas antigas, além do autor, tendo muitos donos,
de mãos em mãos, em revezamento de vários outonos
me indicam as respostas que vou travando durante o sono...

Nas folhas de início do livro, tantas promessas!
No meio delas, muitos já abandonaram uma coisa dessas,
Ah, mas o livro duradouro nos cativa até que o fim nos impeça.

Viessem os tomos de páginas aromáticas a granel e por quilo...!
Como são vendidos os grãos diários para nos suster tranquilos.
Os lançamentos dos autores favoritos: ao preço de bronze.
Os clássicos de gravuras trabalhadas: ao preço de prata.
E os restaurados por mãos aficionadas: ao preço de ouro.

UM ESTUDO SOBRE A TRISTEZA

As lágrimas que me escorrem fluidas sem nenhum açoite.
Ser a escuridão, mas não saber o que fazer com a noite.
A desesperança de que venha a frutificar o estudo;
o amor em desperdício, o silêncio de ser mudo.

Ter visto algo terrível sem disso ter partilhado o dano;
muitos homens ocupados e nenhum com o ser humano.
Ler uma carta do seu amor a outra pessoa direcionada;
trabalhar dia e noite, e ao fim do ano, não ter nada.

Dizer palavras de carinho e ser por gritos abafada
Achar a luz na caverna e tropeçar nas risadas.
Pontes aéreas caindo, lojas fechando;
o povo na rua em protesto, se contaminando.

Os preços nos mercados não medidos pelos índices;
o Censo cancelado, os números de ausentes, credíes.
Pessoas tentando perfurar o que chamam de couraça:
gente que nunca perdoou e nunca fez amor de graça.

Patrulhadores desocupados, raciocínios vazios;
famílias destruídas pelo escárnio e vaia ao fastio.
As cartas que abro de manhã me dizendo: “acabou o País”.
Não ter mais versos na manga para relutar e te fazer feliz.

Jogar no lixo um prato queimado, borradas as aquarelas...
Pôr no papel estas palavras desafinadas e esquecer delas.

UM ESTUDO SOBRE A ARBITRARIEDADE

Para se justificar a arbitrariedade acusa;
para constranger, a arbitrariedade é rasa.
Para arrasar, a arbitrariedade nos usa;
para destruir, a arbitrariedade não precisa de causa.

Para dominar, a arbitrariedade amplifica;
para doer, a arbitrariedade ignora.
Faz crueldade, a arbitrariedade que nos bica;
a malsinação que refutada não vai embora.

E quer dizer o que nos aconteceu sem ter visto,
e quer afirmar para prevalecer na área.
A arbitrariedade tem pessoa para tê-la quisto,
têm de pairar sobre uma mesa as ignorâncias várias.
A culpa é de quem a sofre, diz a autoria dela signatária.

UM ESTUDO SOBRE O MICROFASCISMO

A necessidade de ser o único entre todos certo;
viver ofendido com a opinião do outro por perto.
Defender a ignorância, não enxergar os muitos lados;
a contínua tentativa de fazer quem discorda ficar calado;
Desprezar as mulheres, só ter amigos machos elogiados.

Jamais duvidar nem considerar nenhuma suspeita;
no prejuízo geral, agir como quem se aproveita.
Gritar palavras violentas, cultivar instintos ferinos;
golpear muitas vezes a mesa, tomar posse de nossos hinos.
Adular os inimigos e extorquir os pequeninos.

Expulsar quem não concorda, insultar quem não se submeta;
fazer crise a quem cedo acorda, dizer ordens para o planeta;
o sorriso e abraço cínicos de quem desdenha o que promete.

Patrocinar lavagem cerebral para analfabetos diversos;
confundir autoridade e poder, dar voz a pensamentos perversos.
Envelhecer sem poesia, sem cantar música, pisar nas flores...
Encravar-se na boçalidade de um inferno erguido sobre dissabores.
Séculos adiante sozinho e enterrado, sem brotar beleza e amores.
Um galo asqueroso que não canta pela manhã, nem brilha, sem cores.

UM ESTUDO SOBRE A MEDIOCRIDADE

Eu não sei o que é a mediocridade:
pois eu não sei presumir tão bem de minha pessoa,
nem conjurar sócios para perjurar uma verdade;
eu não sei sair dizendo por aí que a vida não é boa.

Eu não sei o que é ser menor que si mesmo,
nem catar desonras sem colher delas com desmo.
Eu não sei o que é limitar estritamente o meu voo,
diante do meu caminho parar e debater com acoos.

Não consigo ensinar o sucesso, nem a felicidade:
a minha própria, onde está, em qual cidade?
Eu não sei expor e olhar por cima das cabeças dos outros,
nem viver sentada no ombro de gigantes, como tão poucos...

Não sei desfiar bajulando nem azarando quem está no poder:
falar quem pode e quem não pode continuar a crescer..
Eu não sei dizer que aqui, neste poema, quem manda sou eu:
nem admirar em cada facínora a vítima que padeceu.

Só sei abrir bem calmamente uma garrafa de champagne:
o futuro já pavimentou um baita sentido com poeiras infames.

UM ESTUDO SOBRE A ESCRAVIDÃO

Ir ao balcão, depois de muito trabalho, buscar o teu salário;
 receber uma série de perguntas, para provar que não és um salafrário.
 Ter de comprovar horas embora ignorem de todos demais os horários;
 trazer teu horário e extra, todos os anos que serviste, os trabalhos que fizeste.
 Ter a tua privacidade invadida, nada sexual, mesmo assim reprovada no teste.
 Ataraxia à obsessão invasiva dos que perseguem por capricho quem deteste.

Se todo colega ao teu lado com fome comeu do pão e com sede bebeu do vinho,
 com fome e sede não podias ter comido, nem bebido, como o teu vizinho.
 Com dor não podias ter gritado, ainda que às paredes, sozinho.
 A tua história por critério objetivo prova carregas uma grande cruz;
 mas o desfrute dos amigos do chefe é um fardo maior, diz quem conduz.

Indagar se poderia um amigo católico e honesto interceder favoravelmente;
 mas ele não tem nada a ver com isso, que pena, a tua vida é mesmo deprimente.
 Ouvir que se és explorado, na verdade és culpado: não mereces teu pagamento.
 Se aos inimigos se faz a lei, então por que não me dás a lei? Só em outro momento...

Está na lei que tendo servido muitos anos de trabalho, em mais onerosos serviços
 me deves, sim, em retributo, o meu salário, a minha família, o meu viço.
 Contudo reiteram: este lugar não esquece jamais, é um lugar de “alto nível”...
 Nenhuma pessoa jamais discriminada: só quem recusa dormir com um homem “incrível”...

Não suportam a indignação: pois eu achava a escravidão hoje impossível...
 Como ousou? Empina o nariz e estufa o peito orgulhoso, o trambiqueiro corruptível.

Sem embargo, de mãos vazias e mal tratada, eu agradeço.
 Menciono apenas por alto pagar um caro advogado, mas não o mereço.
 O jovem congolês que continuou exigindo pagou um maior preço.*

* Moïse Kabagambe, morto em 24 de janeiro de 2022, por exigir seu pagamento correspondente a dois dias de trabalho, no quiosque Tropicália.

MARÉS ATLÂNTICAS

(Janeiro de 2019)

MARÉS ATLÂNTICAS

Eu já não quero mais ter o mundo,
 eu já não quero mais novas coisas.
 Já não quero mais ir no fundo
 do consciente sorriso das noivas.
 Prefiro rezar no meu canto
 juntar meus livros,
 selar cartas.
 Contar ao amigo que parta
 da película rosada no por-do-sol
 que ele me deixou de herança.
 Eu quero cozinhar o café da manhã
 para as minhas crianças.
 E depois de esquecer de todas feridas...
 Ser feliz bem sem graça,
 sem gravar ligações recebidas,
 nem fazer discursos nas praças.
 Estou velha e arrependida
 de ter feito o meu tempo,
 pois a hora não passa
 e é preciso preenchimento.

E depois de algum momento,
 guardada apenas em cada um,
 sem ser transmitida
 como as doenças,
 não farei sintoma algum.
 Terei pairado só nos teus olhos
 enquanto escrevo...
 Deixarei nada
 que possa ser lembrado
 de um modo coeso.
 Seja egoísta,
 prometa me guardar,
 segredo.
 E a gente lá fora costura,
 e a gente lá fora se ajeita,
 e perfaz ângulos
 em busca de uma forma perfeita
 que sempre passa por um triângulo...
 E a gente lá fora foge,
 e se acomoda,
 e fica triste.
 Mas eu não.
 Para mim já está bom
 e Deus existe.

UM SER DO MAR

O mar me tragou,
as ondas me levaram:
fui salva por togoleses.
fiquei longe do mar por meses,
embora o tenha amado tantas vezes.
E depois de umas semanas
pegaram malária ali.
Vou voltar pro mar, e dizer:
entendi.
Agora o mar me fez sábia.
Talvez o mar me responda...
Talvez ele me ame,
talvez o mar me fure,
e não apenas me descame.
Embora o Atlântico jure,
sempre me faz exames
do que nele eu encontre e apure,
do que na vida eu já não reclame.
E por mais que eu não o procure,
ele transborda para que a minha alma derrame.

IRREDENTISMO

És violenta.
Onda quando quebra,
me leva junto,
de modo que fico na praia...
A ti, que vens do mar, digo:
não sou dândi,
nem aventureira:
tenho medo
da onda sobressaída
de adeptos de um
interesse que não seja o seu próprio.
Onda tua estilhaça
muitos corpos de fome;
gritam ardendo insones,
nas fronteiras expandidas
da tua legitimidade estratégica.
Venha não;
guarde para ti as tuas expectativas,
e deixe-me aqui com as minhas.
Quando deixares de intercambiar
nossos vexames,
Quando estiveres muito teimosa,
a ponto de não aceitar nada,
então sentaremos, tensos,
pois saberemos onde nos dói a vida.
Seremos seres de ser o que somos,
menos saliência do porto que exigimos...
O farol nos dirá nossa idade.
Então venha
e caminharemos no cairel do mar,
acareando uma ao outro.
Galgaremos as palavras suaves,
pois nas praias morrem os excessos da ânsia
e nas extremaduras é que se soldam os homens.

GALEANO

A una mil y ochocentas personas se los gustan.
Y a una, solamente una persona, se lo ama.

POR MAIS MULHERES MELHORES

O mundo precisa de mais mulheres sensíveis.
O mundo precisa de mais mulheres
capazes de ter sentimentos
e de enxergar os sentimentos de outros.
O mundo precisa de mais mulheres musas e místicas,
de menos mulheres escusas que celebram pouco.
O mundo precisa de mais mulheres cozinheiras, cerzideiras
de doces, sonhos e paixões infantis.
O mundo precisa de mais mulheres artistas
para sorrir, chorar e admirar-se das coisas,
de mais mulheres a tecer fios de aranha
em tramas de seda e de vestidos cintilantes.

Mais mulheres que organizam badernas,
de mais mulheres que compreendem o caos
e são cais.
Mulheres que enxotam homens das cavernas
para grunhir baixinho e sozinhas.
O mundo precisa de mais mulheres
e do modo sereno das mães sem rinhas..
Mais mulheres tirando fotos dos filhos
e brincando de esconde-esconde..

O mundo precisa de mais mulheres inteligentes
que dedicam seu bom senso
a partilhar ganhos, produzir conhecimento.
De mulheres que sempre têm muito tempo
para encontrar palavras zelosas e perfeitas..
E de menos mulheres permanentemente insatisfeitas.

O mundo precisa de mais mulheres meninas
que se olham e se enfeitam para o espelho:
aquelas que sondam buscando de esgueio
alguém sobrando que precise de ser cuidado..
O mundo precisa de mais mulheres com erros,
e de menos receitas de como fazer
isto ou aquilo, assim e assado.

O mundo precisa de mais mulheres que
saibam ficar em silêncio
e ser Sol.

Mais mulheres que desaprovem
gente mesquinha sem pé nem cabeça.
Mais mulheres cujo olhar nos entorneça.
Mais mulheres cuja força nos fortaleça.
Menos mulheres de olhares indiferentes
a todo problema que não lhes pertença.
Menos braços dedicados à hesitação cruel
diante de sofrimento humano.
O mundo precisa de mais mulheres que dançam.
O mundo precisa de menos tontura,
de menos inveja,
de menos veneno,
de menos mulheres fofoqueiras
menos mulheres acusando e
reclamando de mulheres
no exercício de suas funções,
de menos mulheres ligeiras
e de mais mulheres que pensam,
de mais mulheres que opinem em seus domínios,
que busquem e explorem novos domínios.

O mundo precisa de mais mulheres que
contem causos e contenham memórias.
De menos mulheres bradando causas
para se arrogar glórias,
diminuindo outras.
O mundo precisa de mais mulheres gentis,
de mais flores,
de mais vasos de barro belos e delicados
que podem quebrar...
E de menos pedras duras e frias
que os quebram.

Menos mulheres que se empenham em ser magras
e mais mulheres que se acham perfeitas como são,
que se dedicam a outras coisas além de si mesmas.

Mais mulheres que riem alto,
que lustram pacientes,
persistentes,
as folhas viradas por dentro
e as janelas de cada segundo,
até o mundo voltar a ter brilho.

UMA ILUSÃO CONCRETA E LONGA

Ama-me de um modo que
ninguém mais saiba.
Ama-me até que o amor
seja um quesito apenas entre nós dois.
Ama-me até que o amor seja uma terra em silêncio,
uma pressuposição da nossa vida.
Ama-me até que isso não precise mais ser dito.

Mexe a tua mão primeiro em direção à minha,
para que eu fique em dúvida
se foi a tua mão, ou se foi o meu desejo;
e filosofando durante o teu beijo
eu possa alcançar mais altos prazeres.
Ama-me para me amar muitas mais vezes,
amando as canções em mim congêneres.

Ama-me de modo a saber
o nome e a idade dos meus filhos.
Ama-me a ponto de tecer
especulações sobre os meus brilhos
e eu, bem vaidosa, sintam-me livre
para expressar emoções, vontades...
Sabendo que tu irás buscar as metades
que deixei neste ou naquele homem.
Ama-me de modo a monopolizar-me,
como alguém pragmático que os sentimentos domem.

Deixa-me como coisa tua,
cercada de um muro alto de teus lamentos,
coisa verdadeira quanto mais passa o tempo;
e volta como me amaste já há alguns anos.
Sem perturbar as linhas lindas, já insano,
deixando hiatos para as coisas mudas.
Imaginando serem as páginas da tua vida
laudas de mim graúdas,
mesmo quando não são.
Ama-me até que seja verdade,
até seja completa e concreta a ilusão.

IDEOLOGIAS

Ah, os homens erguem vozes
e as mulheres clamam ferozes:
a ideologia, a ideologia, a ideologia!
E chamam para si o bom rótulo
e defendem que o rótulo
irá salvar o vinho.

Ah, os homens erguem rótulos
e as mulheres clamam ter os óculos:
a ideologia, a ideologia, a ideologia!
E chamam para si os bons dados,
e defendem que os bons dados
irão mostrar o caminho.

Ah, os homens erguem dados
e as mulheres clamam tê-los decorados:
a ideologia, a ideologia, a ideologia!
De repente os dados provam
que a ideologia foi rótulo,
que o rótulo não fez dados,
que os dados
foram jogados,
e não nos levaram a um bom caminho.

A cor da camisa
não salva o homem,
uma ideia lisa
não move o moinho.

Só a vida precisa
e nos consome,
só várias guisas
explicam meu cadinho.

É PRECISO REPLANTAR-SE

É preciso ir, levantar-me da cadeira.
Deixar a semana a que me acostumei por inteira,
o travesseiro que eu venci ao bem tranquila acomodar-me.
Sim, vou ter de deixar de admirar o sol desta tarde,
e tudo que eu construí nos minutos vazios,
em que as pessoas deixaram de se alternar nas atenções:
todo o espaço em que eu finalmente me pus de pé,
eu terei de deixar.
Saiu o plano de remoções
e é preciso replantar-se.

E não vou ter mais o guarda para dar o bom dia,
com a mesma alegria, imitando o seu entusiasmo.
Ah, e a areia que o sapato deglutia...
Eu terei de deixar o dia como o dia me deixa um espasmo.
Ai, os caminhos pontilhados,
que eu fui ligando, transitando, preenchendo...
Terão passado como as páginas amarelas
nas quais eu anunciei os meus acenos.

E toda a poesia que eu encontrei,
brotando abundante em toda parte da consciência
abandonará meu corpo,
rumo a outra parte,
a outras abrangências.

Não há ansiedade,
os mecânicos dedos se movem
na velocidade com que os dias trilham,
numa cidade onde as areias escorrem.

Mais à frente, será este momento vago
um prenúncio de uma boa tese?
Estarei de mãos entrelaçadas,
com a língua aguçada,
no zênite da prece?

É preciso cortar as cordas,
ir me soltando,
paulatinamente
E pisar nessa brisa larga,
que incerta carrega
a pluma da semente.

E nascerei de novo,
em outro vilarejo,
em outra morada.
Terei de dar novos frutos,
aprender novos jeitos,
dar novas risadas.

Mesmo que seja um mesmo lugar
ao qual eu fui anteriormente,
muda a feição das ondas do mar,
quando muda por dentro a gente.

Talvez eu me acostume,
talvez seja um mero ensaio
para quando depois do final desmaio
eu saiba crescer mormente.
Mas não me acostumo,
quero ir, mas não quero!
Felizmente alguém irá me arrancar
e me fará recomeçar tudo do zero.

O BUROCRATA

Uma simples mão vazia
balança o texto,
a mão terna do burocrata.
Menos eterna, para sempre imediata,
sua pluma oscila entre o ganho
e a espécie.
Ele repete tudo o que merece,
o burocrata estende a sua mão vazia –
quer dizer como se dizia,
e não tendo dito, sua boca enche.
Mas a vogal não preenche,
o dito foi o que pareceu dizer?
A minúscula fonte de sentimento.
A mão vazia deixa de estender
desprezo,
esvaziada de juízos.
Incomoda-lhe a fidelidade.
O burocrata sente ao longe;
assim protesta,
com portarias profetiza.
Contra sua vida ele testa
repetir o que não irá dizer.
Ele galga as lacunas em que não há poder;
perscruta as não remidas necessidades.
Responde apenas à sua própria vontade,
está mergulhado em sono profundo
e produtivo.
Páginas, tabelas, sob crivo,
o burocrata então lhes empresta
empresa.
Empreendendo sua mão vazia,
ele oferece a firmeza
de dizer nada.
Estendeu a sua mão vazia,
inveterada,
e eu lhe pergunto:
por que a estendes,
se nada ofereces?

Então se recolhe em crisálida,
e de tão imóvel,
sai de seu casulo
o burocrata-mor, de senso estratégico,
promovido com adjetivo,
ele mesmo se diz o fruto.
E novamente a mão vazia
estendida no minuto,
uma capacidade de estender nada
e dizer com isso que não há coisas necessárias –
da parte dele.
Ele prova: lambe sua própria mão.
As maiores arras vivas de que é um
burocrata excelente.
A sua foto de currículo
mais igual que as outras.
Cai o político,
rede das tensões e refluxos,
tudo mantido e nada dito,
derrubado.
O burocrata provecto olha-se no espelho,
desenha sua silhueta no vapor do vidro.
Uma silhueta mais igual que as outras.
Comemoram-lhe o trunfo;
a vitória do nada sobre as promessas
que hão de parecer a resposta,
mas seguem jazendo.
O novo político vem.
aperta a mão estendida, vazia,
e o burocrata não entende.
Lambe a sua própria mão,
para sentir o sabor do político e dizê-lo,
até que possa enfim,
sozinho, no banheiro,
relaxar o braço estendido
que ele levou até sua casa.
Aposenta-se. Enfim poderá
viver a verdade.
O burocrata foge,
corre alegre pelas ruas,
deixando para trás

o acúmulo de vazios,
empurra um carrinho de mão
com o qual irá viver suas propostas.
O carrinho de mão está vazio.
Deve ser o hábito.
Tropeça na guia,
cai sobre o carrinho de mão,
já não está mais vazio,
mas ao menos também agora
ele é a proposta.
Enterram-lhe e gravam a lápide:
“Aqui jaz o mais garboso de todos os burocratas”.
Em um túmulo basto e vazio, mais igual que os outros.

INIMIGOS DAS MÁSCARAS

(Para Aurea Domenech Bussons)

Surrealistas
surraram a realidade.
Retratam-na toda,
suas circunstâncias,
não só desejos.
O corpo sem a cabeça,
o que se queria simultâneo.
A diferença bizarra nua,
a estética irracional
dos símbolos cultivados.
A realidade que é dentro dela mesma.
A falta de foco dos afãs.
Arte que há no artista antes da arte.
Surreal, me disseste, turbas cantando
aguardando o apocalipse,
São João primeiro surrealista.
Surrealistas retrataram a realidade
surreal destes tempos.
Enquadraram a feiúra do mal,
desafiaram o ridículo,
desfilaram riquezas.
Cientistas atômicos,
Filósofos precisos,
Artistas declarados,
Humoristas santos,
Inimigos das máscaras.

EXARCA

Não deixarei que o mar seja meu co-autor
em tarefa de debruar os teus achados,
pois as ondas quebram sem amor nenhum.
Regulam os níveis conforme estrados:
escanos rebaixados viram cadafalsos.
Ai, mas quem saberá dispensá-los?

Mulher antiga, que se frustrou muito
de explicar princípios falsos,
de indicar melhores pretextos,
mas que não se arrependeu de
abandonar rebuliços quando se extinguem.

Seguram-se os homens aos seus intentos,
optaram pelo passo de cenouras...
Mas é muito caro e muito tenso,
o momento em que a ambição agoura,
o desleixo do inacabado,
o sócia do sócia do sócia que imitam.

Eclipsou bem discreta aquela mulher sábia,
as suas pegadas gravadas no cimento
em que apenas distraídamente piso.

Por isso me inclino, pretexto e tato,
ao exarca deste momento,
apenas para dizer que o aprecio.
Por isso eu jogo fora a brisa ao mar,
ele bate com as ondas!
(Apenas porque me distanciei
das tempestades, o mar
raramente me ouve).

Mas que tamanho do passo
de herdeiros da Verdade,
dos mansos que deixaram monstros!
Sábios que vivem na bondade,
Artistas enxutos
com pluma consulente.

Boas-vindas!
O céu riscou a hagiografia
e apenas tomei nota.
O mar fixo é meu exarca...

Não há instrução alguma na vida,
Apenas reinvenção da mesma vitória
de continuar molhando o mundo...

GREEN MILL

Era um dia de semana,
em Chicago,
depois de uma aula de sapateado,
quando eu disse
“Guten Abend”.
Dançamos horas
dentro de cada minuto.
Rodopiei, rodopiei,
com muitos passos
Sapateados
Passinhos de samba
E pedi mais bossa.
Cansei.
Descansei.
Voltei,
porque ele era loiro,
e bonito, e me buscava.
A gente dançava efusivamente
batendo palmas
acima das cabeças
como num bar irlandês
com dança espanhola
e os amigos na mesa
aplaudiam e brindavam.
O alemão segurou meus braços,
rodopiamos, rodopiamos...
Mas numa das voltas e piruetas
o cellista tímido da banda
tinha de me olhar sorrindo:
queria estar no lugar do meu par.
E me fazia alegrar mais ainda,
enquanto tocava só para mim...
Por isso eu fui andando sozinha pra casa,
sonhando com os seus acordes de luxo
debaixo dos feixes de luzes.

CAIPIRINHA

Dai-me algo de beber –
eu disse ao moço bem brasileiro.
Ele cortou limões em quatro
macerou com um pilãozinho
acrescentou açúcar
pôs gelo perfeitamente picado
alçou a garrafa de cachaça acima da cabeça
derramou a dose exata
e não me deu um beijo.

O OUTONO

É preciso amar a terra,
seus traços lombardeiros.
O prato de estrelas algonquino,
o algoritmo do movimento perdido.
É preciso amar seus frutos,
dióspiros de mesma cor,
daquela que nos mata:
a cor do medo da morte de seu fruto,
aquilo que faz tombar nossas copas.
É preciso molhar os lábios e os olhos da terra
de uma água que não encontramos
no mar, nem nos olhos dos animais.
Da água que sai do coração humano.

O PRÍNCIPE NEGRO

Foi depois de longa jornada,
 em vasto festival de três dias,
 com pratos abundantes de música
 e dança com cinco mil pessoas,
 com cobras e pombas, máscaras e fitas,
 carangueijos numa arena, elefantes e tchebés*,
 durante muitas horas de coreografia,
 depois do trânsito de um sol impiedoso,
 a areia cedendo conforme os passos...
 Que se abriram as portas até o Palácio Real.
 Ali as fórmulas de respeito e cordiais boas-vindas,
 a troca de homenagens e fotos cerimoniais.
 Mais da metade de todo encontro africano é silêncio.
 Pátio de mesas ornadas com festa,
 cheiro de comida abundante e vinho.
 Mas cenha solene nas testas das autoridades,
 quando chegará a paz com os ogunguns?
 E falaram do Presidente brasileiro
 como se não estivesse preso,
 a honra de ter enviado irmãos brasileiros
 para mostrar que a cultura deles é nossa.
 O ainda mais longo silêncio africano
 completado por olhos brasileiros no chão.
 Foi então, depois da dança licenciosa e das fantasias,
 festejando apenas com a metade não ferida do peito,
 ali em Atoèta, onde todos usam barretes frígios,
 quando, guardado um resquício de meus olhos exaustos,
 eles pousaram sobre alguém na soleira da porta do Palácio.
 A roupa alva e luminosa;
 tecido coberto de flores ainda mais brancas.
 Salvador da Bahia me anunciou o santo à porta.
 Cercado de dois cavaleiros,
 um à sua direita, outro à sua esquerda
 dispensou a companhia,
 à soleira da porta do Palácio,

* Africanos em trajés típicos que caminham e dançam com pernas-de-pau nos festivais e nas praias

ajustou hesitante seu colar longo,
de contas redondas e amarelas.
O corpo saído de um banho de louro e sálvia,
o perfume escondido de sândalo,
brilho trivial de óleo de patchouli fresca.
A túnica branca como a dos brasileiros,
como a dos santos negros;
em Atoèta, a diáspora brasileira residiu,
desde 1835, logo ali, depois de Aneho,
onde se apresentou Nossa Senhora ao Papa.
Num Palácio Real,
de sagrado chão de cimento queimado,
aquele solo sagrado que
conhece a liberdade antes do discurso,
construído por escravos libertos e
homens donos de si,
que retornaram, heróicos, do outro lado do Atlântico...
Ali estava um Príncipe Negro dessa descendência.
Em seu peito havia apenas flores.
A pele de um Príncipe mais ébano que o céu à noite.
Ajustou seu colar longo, de contas redondas,
no Palácio Real encheu a sala de primavera.
Passou sua faixa sobre a cabeça
e a amarrou na cintura,
como quem entra alheio a convivas
e ajusta o alfinete da gravata
em um café no verão de Paris.
Suas sandálias douradas pairaram sobre a soleira.
Entrou e sua veste iluminou a sala.
Tive coragem, finalmente, de olhar seu rosto.
A pele de mais ébano que o céu à noite,
os olhos imensos desenhados por um sátrapa,
o rosto perfeito de um deus africano e mouro...
Os lábios sérios e indisponíveis.
A barba feita no rosto delicado e liso.
Depois de permitidos pelo rei e conselheiros,
deram seus olhos infinitos de captar
a minha presença abismada.
Os olhos desenhados de um Príncipe antigo e mouro,
a pele de mais ébano que o céu à noite,
as flores de aura de um tempo festivo,

a roupa completamente alva,
coberta de flores ainda mais brancas.
Olhou diretamente em meus olhos.
O peito perfumado, aberto de luz e cheio de flores,
saído de um banho de sálvia,
respirava seu peito feliz a primavera.
E eu
eu estava velha e seca como um imenso baobá
com galhos que saem de galhos,
que saem de galhos retorcidos.
De óculos e sem maquiagem,
sem brincos e sem roupa de festa,
despenteada e cabelos ocultos,
recoberta de poeira
com equipamentos e a máquina fotográfica
que esqueci de usar para registrar seu rosto.
Não me ocorreu no momento ter algo dele,
embora a máquina estivesse no meu pescoço,
como o colar de contas amarelas e redondas.
Torpe e mulher branca,
abismada com a presença luminosa
de um Príncipe negro,
pelo que pedi desculpas.
Era um Príncipe negro e africano.
Seu corpo saído de um banho,
capa de aurora arrastando
no caminho percorrido.
Onde estava eu?
Só via luz e erva fresca na porta.
Ele se aproxima,
porque o vi desmesuradamente,
o ser mais incrível que já vi na Terra,
com passos de veludo.
Ele se aproxima
porque é natural e está disposto
e aceitou minhas desculpas.
O corpo saído de um banho africano,
água com louro e sálvia.
É homem e também heróico,
porque se posta sem fala.
Mas minha comitiva saía,

depois de horas intermináveis,
de sol expurgando,
depois de todos os discursos e homenagens,
depois de esperar tudo isso
e dançar com cinco mil pessoas,
com cobras e pombas e elefantes e máscaras,
e carangueijos numa arena de tchebés,*
depois de finalmente ver algo que jamais havia visto,
um Príncipe Negro luminoso,
a minha comitiva saía e me chamava.
A comitiva me espera na porta.
O Rei, na sua lindíssima veste prata e azul,
e barrete alto com estrela celeste de quatro pontas,
o Rei me observa e me pergunta
Por que não acompanho a minha comitiva?
Irei ficar?
Não, é lógico que eu devo ir.
E tive de sair do seu lado,
sem pedir desculpas,
como se não fosse
o que de mais impressionante havia visto
em toda a África Ocidental.
Depois de centenas de fotos
não me ocorreu usar a máquina fotográfica
para registrar o deus africano,
seu corpo humildemente perfeito,
seus olhos delineados,
seus lábios indisponíveis,
os raios de luz suaves de seu peito,
o Príncipe Negro de veste alva,
com flores ainda mais brancas.
O Príncipe estará com outra hoje à noite,
e não saberá de meu poema,
como não sei de seu nome.
Por isso trespassada eu o esqueço,
sendo escrava de minhas circunstâncias.

O PURITANISMO IMPERIAL

Quando estiveres próxima do fim,
lembra-te do quanto o ódio
te empurrou a ver o fim nisso.
Quando os recursos tiverem acabado,
quando os teus rios estiverem secos
e transformados em montes de plástico;
quando as tuas florestas e os teus bichos
tiverem calado meio à tua soja transgênica
e quando os teus índios estiverem bêbados
pelas estradas, na chuva...
Lembra dos teus anos
de lamúria e preguiça
em que gritando de amargor
não cataste um só plástico.
Lembra-te do quando abanaste voraz, diante
das estratégias globais de informação,
das guerras climáticas,
das seitas políticas.
Quando tiver acabado a criatura humana,
quando o meteoro destruir tua casa
e o metano se expelir do solo,
quando vires a extinção em massa
inundar as terras de oceano;
quando as emoções forem fabricadas e
enviadas por e-mail,
quando teu corpo já não tiver força
para gozar orgasmos,
para dançar no tablado,
quando a música
e o silêncio
represarem o mesmo vazio:
lembra-te da tua intransigência
durante a flor da vida.
Quando estiveres próxima do fim,
lembra-te
do quanto a ambição desmesurada
te empurrou a ver o fim nisso.
Quando já não lembrares

do que é um beijo
ou do que é estar arrependida;
quando tudo for um mal inexorável
e o fim dos tempos
tiver chegado...
Lembra-te
que escreveste
e leste o teu final,
o teu presente ensaiado
detalhadamente
a cada ano.
Lembra-te do quando cedeste
à necessidade da plateia
por um prato de raiva.
O quanto decididamente
desenhaste o futuro
imutável e
sem nenhum afeto
em nome da fama:
para ganhar
(e derrotar?)
os inimigos que fizeste.
Lembra, irmã,
do quanto te escondeste feito cobra,
debaixo da saia dos homens?
Quando no teu mundo faltarem
crianças e riso
e memórias de felicidade,
quando tudo for
frálicos de escassez
e indicadores de caos;
quando não tiveres álbuns de fotos
de teus parentes,
próximos e distantes
para derramar lágrimas de saudade,
lembra-te que não quiseste amores
Nem filhos.
Quando tiveres a caneta na mão,
e estiveres diante do mundo
respondendo às novas gerações,
idosa e incapaz,

já sem forças de agredir o outro
e de prometer vingança e revanche,
quando já ninguém mais quisesse ouvir
sobre a porta cuja chave
supões ser a dona exclusiva;
quando a histeria
tiver exaurido
e nela nada tiveres semeado,
quando nenhuma ideia houver nascido
e nem tiveres apagado
uma única labareda de fogo
que ateaste, demente
sobre o
país dos outros...
Lembra-se que
amaldiçoaste a ti mesma, no futuro
com a falta de teu perdão sobre si mesma.
Lembra-te de como perdestes a chance
de ver o verde íntegro do meu País,
a honra nos olhos de meu povo,
os cabelos negros
e o semblante tranquilo
da verdade da vida
que plantou árvores,
que olhou para ti com ternura.
Lembra-te de que a dureza
com que trataste o mundo
não foi o ponto definitivo
com que se destruíram os homens;
nem deixaram as mulheres
de usufruir suas cores
arrastando as saias de carimbó
sobre o sal marinho na pele.
Lembra-te
de que vezes se ergueram,
bandos de pássaros
fizeram ninhos
nos braços quentes
de uma Pátria linda.

Lembra de que o presente
e o momento final
estão sempre juntos...
Lembra-te que no Brasil,
escolhemos hoje ser alegres
apesar de tudo
e despertar na manhã limpa
com versos puros.

SER NEGRA

Uma mulher pode ter a cor negra;
pois isso, no Brasil, é belo.
Nossa Senhora Aparecida é negra.
Valorizar a mulher negra é ser generoso.
Mas uma mulher negra não deve
se comportar como uma negra:
ou não será valorizada.

Uma mulher pode ter a cor branca,
pois isso, no Brasil, é nobre.
Nossa Senhora de Nazaré é branca.
Proteger a mulher branca é ser educado.
Mas uma mulher branca não deve
se comportar como uma negra:
Ou não será protegida.

Na África, uma mulher pode ter a cor
branca ou negra.
Não sabemos se será valorizada ou protegida
nem se será generoso e educado quem o faça.
Mas ela pode se comportar como uma negra.

Na África, eu posso lamentar
sobre o triste futuro de
uma parte do Brasil
a cultivar falsa generosidade,
sem nenhuma educação.

Desde esta sede ancestral de natureza,
eu amaldiçoo o homem violento em busca de seu falo,
pois esse é que atenta contra a natureza masculina;
eu amaldiçoo a mulher mesquinha de nádegas retas:
pois essa é que atenta contra a natureza feminina.
Que eles tombem em suas próprias armadilhas de poder
e bebam o veneno que produzem para mulheres e crianças.

E posso GRITAR a revolução de direitos civis
que estamos apenas iniciando.
Ó Homens cavalheiros e pobres!
Ó Mulheres de sangue e lágrimas!
Aqui neste continente, de
Homens com pedras preciosas no peito
e Mulheres com grandes fardos na cabeça
eu posso ser negra.

Os africanos,
negros ou brancos,
orgulhosos de ser
nascidos com a alma
no corpo de Mamãe África,
generosos e educados
me retêm, abrem a porta do carro
e me declararam:
“verdadeira dama negra”.

Depositaram fé
de que teremos homens
mais deferentes e generosos,
Depositaram fé
de que teremos mulheres
mais valorizadas e protegidas.

Por que a África é isto:
um continente do qual
nasceram todos os outros,
a maior reserva natural de fé do mundo:
de tradições e de esperança, o mais rico.

OMPHALUS

Une femme ne parlera pas
de sa fatigue utérine.
Elle restera en silence,
toutes choses étant égales par ailleurs.
On ne s'apercevra pas
de son intérieur féminin.
On lui regardera soi-même et
on demandera des excuses
si des mots qui sortent
sont des mots d'une femme.

L'homme, sa objectivité
son stabilité de l'humeur
est lui seul
la mesure de tous les choses:
c'est qu'un homme a dit cela
après une bagarre avec sa femme.
Sa femme ne voulait pas
faire un adage sur lui,
elle préféra souffrir,
frapper la lessive,
faire la buée.

Une femme ne parlera pas
de sa lâcheté;
toutefois elle pourra dire qu'elle a des droits égaux;
même si les droits ne sont pas encore égaux;
même si la femme et l'homme sont d'une chair
différent...
L'homme est né avant du monde incomplet;
C'est à lui d'entendre et obéir une instruction.
La femme est née après, parmi le paradis:
elle ne connaît que le monde parfait donné par Dieu...
Elle n'a reçu de Dieu aucune prohibition...

La femme est née au Paradis,
l'homme, il est née dehors du Paradis.
Alors elle ne se dira lâche jamais.

Pour quelques hommes,
être une femme prudente
et inclinée à la paix
c'est de lâcheté,
et des femmes, elles leur croient.

Pour des hommes
qui veulent devenir courageux
au prix de faire descendre une femme
un niveau plus bas...
Voilà, la monnaie masculine instantanée...

Dans ce silence,
une femme aura
son salaire diminué
et son travail augmenté de 20%.
Et des autres femmes,
elles ne diront rien...

Elles sont toutes occupées
à devenir si dures que des hommes,
recherchant des femmes lâches...

Regardez: c'est l'année de 2019 déjà.
On ne veut pas disparaître
dans un incendie,
comme d'autres femmes
dont la journée nous célébrons
aujourd'hui
pour avoir vraiment dit
qu'elles voudraient plus de droits.

PARTENON

Há um homem desfaz os meus pequenos versos,
argumenta ter mais títulos e amigos importantes:
incomoda-o eu viva fora do seu universo
diz meu futuro é tombar e ser como dantes.
Não sabem sempre fui mulher livre assim...

Vaidosos amigos de jogos e combinações
me visitam e revisitam, desprezam minhas feições,
seus olhos sem vontade de ver além do fim
que nos encerra e domina com predileções...

Chamam vaidade de política:
de luta entre o certo e o errado,
de mobilização das imagens e símbolos.
As mentiras no centro de uma arena venenosa.
Clamam conhecer os mais famosos e a balística,
os conceitos dizem ter estratégia, ser firmados.
Ídolos se debatendo contra ídolos:
ignoram a beleza e o perfume das rosas.
Não plantam flores...
Zangam-se que eu não os admire.

No mundo, quem dialogará?
Onde estará o homem que ouve um pleito,
onde estará a mulher que encanta o afeto?
Todos tão ocupados em criticar por ser perfeitos,
odiando tudo que seja maior que os seus plexos.

Da política, pensam: corrida com recordes...
E dopam os demais maratonistas
em condomínios intelectuais universitários...
Houve um tempo em que a política
produzia reflexões redondas, maduras
na alma de espelho bem construído.
Mas não enraíza o pensamento em pessoas tão duras
o convite à humanidade, a ser aberto e instruído.

JERUSALÉM

(para Kubieszski)

Em Babilônia sem paradeiro,
perdi o propósito que reluzia:
as mãos com que tecia o dia
harpejaram os galhos do salgueiro.

Se bem não era mais estrangeiro
o ar que meu peito insuflava
o pessimismo, sendo trava,
me escravizou de corpo inteiro.

Mas vem na memória um cheiro,
a flor da laranjeira de minha casa.
Debaixo dela eterna era a asa,

no céu voava o nune e sendeiro.
Dobrei papel e lembrei de cantigas...
Me pus numa estrada de pedras mais antigas.

DENTRO DOS OCEANOS

Por Ana Paula Arendt com João Davi

Dentro dos oceanos
no meio dos mares
uma luz brilhava.
Enfim
o Rei dos mares governava
a bondade.
A água deslizava dentro da água,
escura e fria,
oculta e fina.
Correnteza de pensamentos mutáveis,
rumo a molhar o peito da Terra.
Era o homem querendo estar na água:
A luz dominava
e a paz reinava.

Contudo,
querendo governá-la
os mares baixaram.
A força do homem
menor que a água,
O tamanho do homem
menor que o mundo
E a vida,
verso após verso do poema.

O poeta queria voltar a ser Rei.
E no verso de pedra, uma gota d'água
fez o poema brotar da água.
Fez a luz brilhante,
fez a paz no habitante
dos rios jorrados com generosidade.

MARCHAS DE MAIO

(Junho de 2019)

O NORMAL É SONHAR COM ALGO BOM

Não sonho muito,
nem sonho demasiado,
eu sonho um pouco.
Desde quando esperar felicidade
é ter mentalidade dos loucos?
Por que eu sonharia com muros,
com esforços feitos à toa...?
Eu sonho com um futuro
feito de coisas boas.

Sonhemos mesmo que seja um pouquinho,
com muitos caminhos,
em que tudo se encaixa perfeitamente.
Quem sonharia de um modo mesquinho,
com um mundo mais sozinho,
o Armagedom em uma faixa descontente?

Não... Eu sonho coisas lindas.
Meus filhos crescendo bem perto.
Um amor que não me chegou ainda,
ter alguém que com beijos desperto.
As árvores me contando da tua vinda,
as coisas saindo tudo muito certo.

ATAS

Eu ainda escrevo do chão;
mas meu corpo se equilibra
sobre muitos espinhos,
no topo onde dão as rosas.

Aprendi a ser faquir
demandando pétalas.
Embora não haja feminino
para esse ofício,
muitas cicatrizes.

Houve a longa espera,
a boca ressequida.
O infinito minuto no deserto,
quando não se sabe mais
o que é água.

Recebi de vários lados o pior,
por isso é que
eu não me levanto.
Preferível seguir
jazendo viva.
Os convivas me depredaram:
por isso tranquei a porta.

Mas amigos da tribo
me chamam.
Eles me despertaram
de madrugada.
Disseram havia alguém
certamente branco
me procurando em Lomé,
alguém raro, que não lhes via.

Expliquei:
Ele não sabe que é tribo de magos:
todo o continente africano,
a taba em que eu mergulho de noite,
em que a escuridão cura.
Por isso peço desculpas.
Minhas irmãs riem,
me chamam soberana
de meu país desconhecido.

E de ti eu vejo as asas,
a onda de espuma.
Dizendo que é loucura
as palavras de atas,
mas me pregando
juramentos lindos.

Já vi tantos hierósgamos,
esta cujas asas já empenam.
Mas me dizem algo raro,
as súplicas escondidas,
os feixes de luz na caverna,
o curso por onde corre a tua água
sem nenhum esforço.

Talvez eu me levante, mas
talvez eu não precise levantar.
Formigamentos nas mãos,
os sustos no ventre.
Meu corpo já não me obedece,
as respostas de eletricidade.
Já não procuro mais as chaves,
o estado de permanente alerta
à brisa do atlântico.

Sacerdotes e sábios me acenam
como no aeroporto,
com grandes placas luminosas:
poeta, eis o
Bruxo.

Eles me chamam pelo meu nome de nascença,
dizem-me, fuja!
Até os africanos fogem dele.

Volto-me aos sábios, digo a eles,
Sim, é um Bruxo, mas e daí.
Ao menos não é senhor de escravas,
nem filho do ócio,
é o que me ocorre.
É filho de Oxóssi, vem do Sul.
E observo de fato o abismo
no fundo dos seus olhos.

O abismo é o sonho de toda poeta.
Eu ouço os sábios apenas vagamente,
porque falam muito mais alto
seus olhos mais molhados que os meus.

Eles bem me avisaram...

SINTOMA DE AFEIÇÃO

Alguém que chore é um pedaço de mim mesma.
Ah, lágrima vivente da minha afeição!
Convidou-me a preencher com sonora razão
lençol áspero que não dorme e esma.

São as margens tristes, desse bem tocante
de ventos acerbos, cavidades, solavancos
que nos faz correr eflúidos pelos flancos,
aos encontros de braços em bocas repousantes...

Foi coragem, confessar propensões doces,
ou descarga de coisas muito propícias?
Sim, eu poderia muito bem seguir nutrindo o mistério.

Mas não lanço meus passos desde cátedra de magistério...
Com a distância eu invento a pátria de nossas carícias.
Nela desviam a ponta das facas que o mundo nos trouxe,
nela se elevam os voos mais altos de suaves primícias,
os gritos selvagens de nossos prazeres e delícias.

ENCONTRO EM LEMÚRIA

Não me retenho em bagatelas
pois tenho um quarto cheio delas
e agora o trabalho de me desfazer.
Eu as deixo empilhadas.
A punição da histeria e venenos
é vir parar em meu almoxarifado,
ficam à espera do triturador.
És testemunha:
não os canto.

Não, eu quero um amor grande, cheio e eterno.
Espelho de água limpa para a minha alma nadar.
Nada de pratos vazios e sempiternos
que se desfazem à primeira onda.
Melhor ser a primeira e única pessoa
confiável em tua vida.

Dizer sempre a verdade
não deveria ser meu problema.
É portanto justo e justiça
que seja explicação de amar.
Foi apenas por tua causa.
A verdade não é peso,
a verdade é caminho.
Irás tomá-lo?
Eis o peso da decisão.

Sou forte
porque a vida me deu músculos.
A decisão me é um peso,
claro que sim.
Eu a sustento,
eu a carrego,
sem me mexer muito.

Decisão é a boa
coluna do mundo,
Porque para decidir
existem antes as opções,
e novas opções se abrem
em infinitos caminhos.
Não,
nenhuma decisão encerra;
uma ponte leva um lado ao outro,
mas vês?
Nem um lado nem o outro acabam na ponte.
Mas me dizes que a ponte é e será teu mundo,
que por isso me temes.
Assim me sinto amada.

Dás importância infinita às minhas decisões:
assim a tua profecia invisível não me cala.

Dorme, amigo.
Em nosso encontro na Pátria de sonhos antigos,
de mapas marselheses compilados no século XIX,
observa essa cidade que lhe apontei
sobre esta ponte que atravessa os cataclismas.

A primeira comunhão e o crisma,
a vela e as mãozinhas unidas,
os cantos pastoris
que o tempo não leva.
O rosto de tua mãe.
O jeito de quando soa normal,
reconhecível,
ter dois braços e duas pernas.
Cidade na qual o estranho é estranho.

Deixa a oferta na encruzilhada,
ponderante,
presidente,
não tem problema:
Oxóssi é São José negro.

Mas:
Veja que a oferta é para ti,
e que nesta África poucos sabem
que existe Oxóssi.

No platô, os homens negros plantam e cuidam,
sem nem mesmo saber disso,
ao redor de suas casas.
O sol nasce e as crianças correm
por uma estrada de terra
com os pés nus,
sendeiros de relva.
Eles também caçam:
pois na África todo pai
é caçador, caça soluções
a variedade de problemas,
No escuro,
como ficaste à espreita
e tremeste meu corpo.
Bem sei.

Dorme tranquilo,
vou contar uma história
para o boi braseado dormir, um segredo:
a paixão inexistente.
Eufemismo para amor,
timidez de expressão
e vergonha de derrota...
Paixão, o amor derrotado...
Observa:
é sempre assim que se diz
quando a certeza é só de um lado,
ou quando se quer ser humilde.
Para que o outro lado
tenha a liberdade total de dizer
à sua maneira
que não é só de um lado
que se estendem as pontes...

DIA SEM TÉRMINO

Hoje é prolongamento de ontem.
Dia que não passou ainda,
não quis cessar, o itinerário
que as flores fizeram no meu rosto.
Todo dia tem vontade própria.
Assim, pode-se dizer que
hoje é o mesmo dia de ontem,
ontem a casca
e hoje o fruto suculento
escarchado por tuas mãos voláteis de onda,
vapor em teu pescoço de ervas e trigo.

Pois então virá hoje o azul topázio,
e quando vires
o céu de éter duro que o ar nos dita,
virão meus olhos varar a fuga transparente,
serão teus olhos os meus olhos,
pois quero estar tanto neles...
E como o seu dia de ontem,
hoje também tem vontade minha.
Apenas hoje tenho para ver o que vês
e sentir o que sentes,
dia sem término.
E por que isso?
Não há muita razão.
Aproveita hoje para ler o que escrevo,
e tires disso néctar para saciar teu dia,
para teu corpo sadio gozar das uvas.
As estrelas em hastes,
beijos em pencas,
dosséis de braços estendidos,
hinos de varandas abertas com linho
onde o ar frio e prateado canta.
Hoje é ontem um pouco mais lindo.

O AMOR TERRITORIAL

Os territórios não se aplanaram
sob meu olhar indiscutível e indispensável.
Os meus domínios sobre a gente desvairada
opinando de distintas formas
e manifestando diferentes apreços
não foram absolutos:
nada me obedece.
Porque eu não descrevi a complexidade
nem a completude de tudo,
dentro do cérebro transparente de água-viva
ornando o que havia sido um oceano,
para que não viesse a se tornar deserto.
Ainda assim,
vieram dois pássaros na minha janela
e ali ficaram muito tempo.
Sem sua árvore,
parecia-lhes agradável
o meu tempo livre sem dilemas.
Ali ficaram me observando,
ou o seu próprio reflexo no espelho do vidro,
liso e aprovado pela catóptrica.
De dentro eu também os via,
embora através de um vidro,
por eles imperceptível.
O que podem perceber os pássaros?
Eu lhes contei de todas as coisas
de meu mundo a seu redor:
o que em mim falava,
ao menos,
a ponto de querer falar
também para outro.
Apenas o que me pareceu
necessário para a consciência.
E tão pouco lhes falta.
Mas debaixo das linhas,
sob o vidro invisível espelhado,
também imperceptível:
os meus vastíssimos territórios.

Porque deles sempre carrego
indiscutível e indispensável
um punhado de terra.
Debaixo das linhas:
os meus domínios absolutos
sobre a gente diversa.
Porque deles,
Assim como da terra onde se nasce,
também se carrega
um punhado de algo
que deixo permanecer em mim,
de modo absoluto.
Debaixo delas
estão a complexidade e a completude,
andando juntas de mãos raras.
A distância de minha terra natal
não me fez infeliz,
como não há distância
nem infelicidade
entre uma mãe e seu filho,
recolhendo-se em seu colo
todas as noites frias,
como se mesma coisa fossem.
E a distância de quem amo,
territorial e de artifício,
a menor extensão de meu braço,
a longitude e o itinerário
do mundo em que vivemos
me fez padecer por um instante
indiscutível e indispensável.
Assim, era tudo o mesmo,
talvez menos pior
do que o incêndio anual das coisas.
Mas meu sofrimento de distância
por longitude e itinerário diversos
me fez querer ditar absoluta:
Sejamos próximos de novo.
Para que tudo seja
complexo e completo
de um modo que não possamos escrever.

Para que eu possa aplanar os teus territórios,
dizer o teu olhar indiscutível e indispensável,
deixar o teu domínio absoluto
sobre todas as minhas opiniões díspares,
apreços diversos e formas desvairadas.
Eu não ligo...
Porque debaixo do vidro,
tenho de si um punhado de terra.

A LUZ AO REDOR DO TÚNEL

(para meus Filhos, quando têm pesadelo)

Ai, Amor, a convergência da tragédia foi anunciada
pelo profeta desprezado pela amante que não o queria...
O caos foi exaltado e o perigo induzido,
a inevitabilidade da derrota,
a deterioração e o definhamento;
o mal invariável que provam as estatísticas...
Tudo é obscuro e grave e tóxico,
por culpa de quem recusa a elegância
e, cafona, chafurda em culpa,
menos no grito uníssono.
Há uma luz no fim do túnel?
Jamais feita essa pergunta...
E me disseste, Amor, de teu pesadelo.
Chuvvas de lava, e vampiro bebendo sangue,
psicopata matando a todos e
destruindo nossa família.
Eu te recordei, Amor:
mas é tua a pluma para escrever o último livro.
Tudo foi criado e muita coisa se passou,
desde o gênesis à morte do inocente.
Mais eis que a inocência te entrega a pluma,
simplesmente porque te sentes amado.
E narra então tua chuva de lava,
e conta-me de teu medo do vampiro.
E pedes que eu escreva?
Escreverei que a última escrita é tua,
a palavra que dirá do sentimento
que tanto queres.
A portinha que se abre para o infinito,
desenhada pelas tuas mãos de criança...
É que há, fora do túnel, não só luz ao seu final,
mas um dia inteiro ensolarado ao seu redor,
e pela noite, estrelas.
Há os pássaros que dormem na minha janela,
num país cujo nome não esquecemos...
E mulheres de panos coloridos lavando roupas.

O teu apocalipse termina com gente incontável,
de vestes brancas
e nas mãos, palmas...
Só porque te soubeste amado.
Há todas as árvores que plantei,
inclusive naquele poema apaixonado,
não pelo vampiro, mas pelo homem,
a ponto de ser tantas
que deram cor aos montes.
Há toda a água que jorrou de meu rosto,
não sabes ainda.
Mas num momento de grande felicidade
que se anunciou possível no futuro,
a ponto de não domar a altura da voz,
ainda que adivinhasse a invenção de litígio.
E todo o corpo é uma jarra de água do oceano.
Porque a vida nos controla,
porque corre sangue nas veias e pulsa luz nas velas,
mais do que nosso medo possa
conceber o vazio e escuro.
Não só no fim do túnel de um sonho,
mas em toda a montanha de árvores, arbustos,
e de pássaros e insetos, e de peixes na praia:
O mundo imenso e ileso...
Vigia e cuida
como eu cuidaria de ti em meus braços;
como eu o abraçaria em meu próprio corpo.
Cuida para caminhar sem tropeços.
Olha os desvãos
e pisa ciente de onde estás...
Com passos leves e firmes.
Porque pouco me importam
o vampiro e a lava:
Apenas quero observar melhor meus dedos,
e com ou sem imprevisto,
Sejam para salvar o teu doce sorriso.

UMA IMENSA FORÇA

Uma mulher me envia cartas
dentro do envelope, picotadas.
Eu as tento juntar,
como um quebra-cabeças.
Nas poucas frases,
ela não chora:
reafirma ser contra
as mulheres que lhe aborrecem
querendo ser algo.
Ela insulta a natureza feminina,
asseverando ser menor
que a do homem.
Despreza o dito bíblico,
a lei de mesma imagem
e semelhança,
para um público amplo.
Ela afirma que
as mulheres não vão à guerra
e que as mulheres não
correm nenhum risco,
como os homens.
Que as mulheres não ficam
com os piores trabalhos,
e que morrem menos
por algum propósito nobre.
Observo a caligrafia,
e vejo as linhas de uma mulher.
É o homem que lhe dita a alma,
talvez lhe tenha surrado a ideia?
Ou será o mercador de sândalo
inspirando-a a baixar o seu preço?
A mulher que não viveu ainda a vida
nem viu morrer e padecer tantas mulheres...
Outras mulheres com medo a seguem
e zombam em coro:
“As mulheres não fazem nada
e é muito interessante
e nossas mortes

não são nobres.
As mulheres exigem
sem merecer
e são podres.”
Eu me recolho
em um sofrimento
profundo e verdadeiro.
A minha alma foi ferida
e a minha dignidade aviltada.
Porque em uma mulher
estão todas as mulheres.
E é de graça que se doa o espírito,
numa alavanca de revelação ele se sustenta.
Pois foi com muita coragem
que pari o homem,
e com ainda mais força
que permaneci por ele.
E quando um homem morre,
uma mulher mais do que morre.
Quando parte o ideal inteiro
que doa uma parte de si enquanto sonha,
sobra apenas o pedaço de carne;
a costela triste e enfadonha.
Somos homens e mulheres.
Sempre as setas e as energias
correm pelos fluxos do mundo
como o sangue nas veias,
e os homens se debatem
como peixes sem oxigênio
na calçada em brasa.
Um a um as mulheres
colocam-nos de volta ao mar.
Nenhum deles obviamente
volta ao nosso prato:
nos alimentamos de ar e ervas.
Por isto não ganhamos medalhas
e para ser mulher
não precisamos delas.

Eu observo o pôr-do-sol
desde este lado do Atlântico,
o solo de areia seca,
a gente de outras cores e vozes.
Não se pode reclamar da vida.
E sendo a vida uma força imensa,
isso também me toma uma imensa força.
Termino de juntar os pedaços picotados.
Os pedaços picotados da
carta que ela escreveu contra todas as mulheres.
Por que a mulher picotou a própria carta?
E adivinhando a resposta, aliviada, eu me consolo.

O SOFRIMENTO DOS BELOS

Sou feia, e daí?
 Os feios também amam,
 têm filhos e são felizes.
 Os mais feios vivem para os outros
 e não podem contar com a falsidade.
 Ao feio não é permitida a deselegância;
 dele se espera a vênua permanente
 e a densidade humilde.

Mas prossigo, feia:
 nua há gerações,
 eu fico de pé sozinha
 frente a todos, sem vergonhas
 e altamente disponível.
 Sou feia, imperfeições por fora e por dentro:
 da vida não ganhei descontos...
 Mas no meu peito existem sentimentos:
 os feios e desafinados também têm um coração.

Quando se é feia e se vai ficando mais velha,
 Ai!
 Não se pode afirmar, nem recusar a opinião alheia
 sem que um exército de adoradores do prazer estético
 ditem a exclusão dos feios
 e defiram a punição dos mais ou menos céuticos:
 « não, o feio não pode »...
 Por isso prefiro ser feia:
 porque os feios são mais afortunados e
 sorriem tímidos, mais bem-fadados,
 com seus dentes tortos e cabelos meia-boca...

Prefiro deliciar-me com as sobremesas e saltimboccas,
 com o elogio às minhas gordurinhas e estrias,
 sussurro do homem apaixonado que me aperta e geme,
 que não vê mais nada de tanta loucura,
 perguntando da minha vida e pedindo mais carinhos...

E porque ele ri e me diverte, com a beleza dele, soberana?
Ai! Como sofrem os feios que desejam no íntimo ser os mais belos
Mas não conseguem enxergar a beleza no outro...
O homem mais lindo que já amei
faz questão de me olhar nos olhos,
de me dar um beijo e dizer que
nenhuma brasileira jamais será feia...

AOS PASSARINHOS

Eu não dou de comer aos pássaros.
Eles que são livres: que se virem
em ser pássaros.
Se bem, de fato, àqueles com ares combalidos
e de plumas macias, asas aventureiras
deixo poemas, pães da alma.
Deixo os poemas em um pratinho limpo
e uma bacia de água limpa, feita de concreto
num jardim florido.
Eu os observo
porque isso me encanta.
De fato certa vez alimentei um beija-flor;
mas era um filhote,
caído do ninho em um domingo,
estava sendo pisoteado
pelos ecologistas apressados em seus discursos.
Depois de recuperado e forte,
achando muitas flores como emprego,
foi cuidar, feliz, de sua vida.
Há, no mundo, muitos pássaros
e não me falta vê-los.
Urubus horríveis e fedidos: tenho nojo.
pego minha arma de chumbinho,
taco pedras neles
e vão embora.
Dos morcegos da noite,
tenho pânico e fujo.
Sei que desviam;
que me temem em maior medida;
mesmo assim grito e fujo.
Não são pássaros.
No alto de minha casa,
no frontispício grego
acima das colunas do peristilo,
Um falcão fez o seu ninho.
Aviso a eles, os passarinhos;
mas parecem conviver normalmente.

ABSTERGIDA

Havia
um cheiro de queimado
na ponta dos meus cabelos
nesta manhã.
Se meus braços e mãos se movessem,
eu os teria cheirado,
para classificar em tipologia os raios.
Eu teria me perguntado novamente,
o que é que eu fiz de errado.
Como não se moviam,
aborrachados,
não pude fazer a pergunta.
Ao breve raio de sol de manhã de verão
seguiu-se uma nuvem escura.
Mas relâmpagos amaciam
os músculos tensos,
reabastecem energias perdidas.
Muito chá de camomila
emagrece, desperta de um
sono com peso desanuviado.
Foi então quando veio
aquele cutelo no pescoço,
a evisceração do peito,
o garrote dos membros.
Fizeram-me recordar:
não sou mais virgem de Nuremberg.
Tudo isso sintoma da
abstersão dos meus olhos
pelo milagre de dois santos,
Autonomia e Arbítrio.

DIA SEM TÉRMINO

Hoje é prolongamento de ontem.
Dia que não passou ainda,
não quis cessar o itinerário
que as flores fizeram no meu rosto.
Todo dia tem vontade própria.
Assim, pode-se dizer que
hoje é o mesmo dia de ontem,
ontem a casca
e hoje o fruto suculento
escarchado por tuas mãos voláteis de onda,
vapor em teu pescoço de ervas e trigo.
Pois então virá hoje o azul topázio,
e quando vires
o céu de éter duro que o ar nos dita,
virão meus olhos varar a fuga transparente,
serão seus olhos os meus olhos,
pois quero estar tanto neles...
E como o seu dia de ontem,
hoje também tem vontade minha.
Apenas hoje tenho para ver o que vês
e sentir o que sentes,
Dia sem término.
E por que isso?
Não há muita razão.
Aproveita hoje para ler o que escrevo,
e tires disso néctar para saciar teu dia,
para teu corpo sadio gozar das uvas.
As estrelas em hastes,
beijos em pencas,
dosséis de braços estendidos,
hinos de varandas abertas com linho
onde o ar frio e prateado canta.
Hoje é ontem um pouco mais lindo.

ANDO LENDO O TETO

Eu estou deitada
mas estou caída.
Do chão escrevo
o teto das coisas.
É possível ver o teto
de onde eu escrevo.
Foi um tabefe no peito,
escrever o que li no teto,
mas doeu só no dedo anelar direito.
Daí espalhou para o pulso e os dedos.
Alguns poetas não olham para cima,
alguns poetas preferem o horizonte.
Eu também já fitei o horizonte
hoje pela manhã.
Sob o sol a pino,
fiz aba das mãos.
Machucava meus olhos claros.
Haja sol menos forte,
a doçura da lua...
Mas não é noite, ainda.
O corpo dói,
algo no peito contido
e os dedos dóem.
O corpo precisa de mais,
e recebe mais, à noite.
Mas pela noite
as pessoas gritam desvairadas,
avariados os ânimos.
Não se dão o que o corpo sugere, apenas.
Servidão de humores,
as mesmas frases todos os dias.
E ai de quem tiver frase distinta.
O descarrego.
Não se pode cansar do que se diz?
Que lástima.
Contudo do chão eu me contenho
por falta de forças.
A inteligência não me serviu

para deixar de doer os dedos.
Aos menos do chão não passo
e não caio.
Tudo sopra, mas
estou imóvel.
Penso na minha jacente:
uma efígie de alabastro.
A hora da estrela não me faz diferença.
Talvez eu seja lua?
Mas e se o mármore tiver
o formato do meu rosto
e um epitáfio em latim?
Que meus Filhos cuidem disso.
O meu amor por eles infinito
merece nada menos.
Talvez esteja ainda muito longe,
talvez seja
a distância que eu não alcanço no teto,
muito menos jazendo viva...
Daí fico no chão
com as mãos cruzadas
e olho para o teto.
Para o resto do tempo.
Mas pelo menos eu não olho para trás.
Ao meu redor, pilhas de livros
e o burburinho do ar condicionado.
Os passarinhos já dormem
e nem mesmo roncam.
Um relógio de pulso apita.
Alguém me lê
e pondera se sou mulher, mesmo:
é um relógio que tem alarme especial.
Ergo o pescoço.
Sim, amigo.
Sou sim.
Eu sou uma católica traumatizada que
decidiu praticar mais ou menos,
que não quer entrar em detalhes.
E, pela noite,
escreve do chão.

Estendi o braço,
passei uma pomada no anelar direito
e o peito melhorou.
A medicina poética entende.
Terão chegado meus Filhos da escola?
O que eu direi hoje,
que digo todos os dias,
e ainda assim atendem, e ouvem?
Como eu direi de um jeito
ligeiramente diferente,
minuciosa, o
Eu te amo?
Para colher o jeito
ligeiramente diferente,
minucioso
com que me olham felizes.
E pensar: eles não se cansam nunca de ser amados?
É nisto que penso e planejo.
Olho para cima.
Não vejo nenhuma cilada,
apenas o reboco.
Talvez algum dia seja estuque.
Escrevi o que li no teto,
foi apenas isso.
E dormirei contente,
com os dedos já amaciados
pelas palavras de amor escritas.

UM POEMA PURO

A vida é uma carta que escrevo sem resposta;
cristais numa sala dourada em que vou polindo.
Para que servem, estes esteios de mãos dispostas?
Se na tua face não há um homem sorrindo...
É um muro de pé direito alto,
erguido entre os dias que não me vêm.
Sozinha, não falo a ninguém:
homenagem, quisera o arauto,
dizer com palavras mestras.

Mas não me vêm, as mãos destras,
verbetes vão se completando móveis.
Dentro a tristeza muito bem se adestra
e as distâncias permanecem e chovem.

Há de vir, se insistente na tecla do invento...
A ideia sonhada, da qual não se teve exemplo,
ah, irrefreável sede de se estudar em um templo
onde o naco que herdamos simulou contente...
Ai! Que sentido teriam tido tantos papéis imaturos?
Mas apenas nas mãos amadoras o poema fica puro.

O QUE HÁ DE VIR

Hão de vir
armas de destruir armas.
O pesadelo tecnológico
será desfeito em lagoa de lírios
depois da mesa de linho lavado
e do leito de algodão tecido.
Haverá cabelos longos e retorcidos de manhã
sobre o ombro direito de uma mulher na sombra.
Aroma de árvores frescas
e de panos ao sol na brisa,
em varais, quintais de sonho,
entrando pela janela embaçada
de uma casa de assoalho limpo.

Hão de vir passos de pés nus,
dados um após o outro sem pressa.
O que nos espera à frente
estará antecipadamente pronto:
o café posto à mesa.
Hão de vir
os vestidos e camisas de flores que
abotoaremos em frente ao espelho.
A tua camisa florida, fluida e macia,
abotoaremos juntos
com o murmurinho das roupas.

Haverá melodia de entonações
à voz falada,
as canções ao despertar,
o dizer sob a água.
Os dois vasos de flores na varanda,
nos saudando ao partir e nos aguardando,
guardando a casa.

Hão de vir no cavalete
as cores sem transições inexplicadas,
o completo cenário compelido,
a loucura exposta deixará nossos dedos.

Voltará então
a declaração à vista dos desejos.
Porque hão de vir páginas de Pã,
lugarejos de alegria espontânea e riso,
o suspiro de quem nos fez enfatuados.

Erguerá para trás o rosto nos buscando
alguém por quem nós agonizamos,
mas já estará escuro no bosque...
Tão escuro quanto o passarinho negro
que pousou na tua janela, em convite.
A noite será totalmente indissoluta no dia,
pois seremos réus do céu estrelado.

UMA CARTA PARA RASGAR O PODER

Não é justo
que uma mulher tenha pedido amor
e ganhado o poder em troca.
Dá-se de presente ao outro
o que se busca para si mesmo?
Os pratos em que se servem os poderosos,
acotovelando-se por um maior espaço,
não alimentam.
Livros de pessoas selecionadas
dentre tantas,
portando a verdade como arma.
O que é a Verdade?
Perguntam os que desejam o poder inteiro
para si mesmos,
querem ávidos a Verdade
para comprar sapatos
expostos na vitrine
e exhibir no baile
a melhor estética de suas fêmeas.
Pensam a Verdade
como um instrumento de uso,
algo que revelará a finalidade outra.
Não...
Eu pedi amor,
mas me deste poder em troca.
O canto vazio e humilhado
da mulher que recebe ovos podres,
enquanto ama e clama o filho desde a sarjeta,
preso e chorando na janela de tua prostituta,
porque os abandonaste
em tua corrida fútil.

O poder engana mulheres
e não enxerga crianças.

O que é a Verdade?
A Verdade é o que D-us escreve;
apenas Ele não mede as coisas

segundo as unidades das próprias ambições,
porque já tem tudo;
criou tudo.

Com Ele já tenho tudo:
a lágrima de amor de meu Filho,
a minha lágrima.

Quem celebra a estupidez intencional?
Quem se conforta com a vingança espúria?
Ó homens mentirosos!
Ó homens violentos!
Ó mulheres sem gozo!
Recebam de volta suas mentiras.
Recebam de volta sua violência.
Recebam de volta o deserto de gozo.

E o que me deram, o que achavam que tinham?
Queriam me dar as próprias medidas deles,
estabelecer os limites do que pode ser dito;
brindar com a escravidão do corpo,
violar e suprimir o que lhes mostra
a Verdade
e os recusa.

Livros recheados de homens
que se esvaziaram
para fazer caber toda a vaidade.
Nenhum lirismo.

Onde está a mulher
cujas unhas coloridas
prometeram o gozo ilimitado?
Elas não surgem em nenhuma linha
dos livros do poder reconhecido em cartório
e publicado em diário oficial...

Onde estão as crianças
cujo canto tão obscuramente
se calava na trama pelo homem tecida?
Já não há escravos
e alguém precisa ocupar as senzalas...

Mas não me calarei pelo que fizeram
com minhas crianças.
Que eu jamais me perca
nem me perdoe
enquanto minhas mãos não escreverem,
a meu grado, a palavra Justiça!
Porque o inaudito permanece.

Deste-me do que dispunhas:
promessas ambíguas e reversíveis.
A ambição de determinar o que é acertado
e o que é o erro,
atropelando mulher e crianças,
alienando sentimentos belos de seus corpos:
quiseste proibir o aconchego.

Porque não os conhece,
nem sabe que existem;
nem conhecerás,
nem saberás como existem
Mãe e Filhos.
Enquanto eu respirar,
estará excluído o homem mesquinho
de meu corpo.
Melhor seria ter sido atirado
no fundo de um mar escuro;
pois jamais gozará novamente do amor aconchegante
da mãe de teu Filho.

Serão para sempre destruidores mesquinhos?
Não,
Não se pode ser um destruidor mesquinho
de algo que é indestrutível.
A vida virá contar a Verdade,
o lápis divino escreve
o que o homem arrogante
deseja ocultar de si mesmo
com as linhas do poder por decretos.
Dizendo o amor materno dispensável,
dizendo ser D-us um teu submisso...
Um acréscimo...
Não...

O meu Amor pelos meus Filhos é a minha eternidade,
é a substância com que se faz o mundo.

D-us irá cada dia seguir provando
a crueldade de teu crime.

Não se tira do colo de uma Mulher
o Amor a seu Filho.

E D-us mais uma vez recorda
escrever a lápis...

Porque deseja melhor bem ao homem:
que ele retorne a si mesmo
e acrescente melhores linhas.

O tempo passa,
e tudo é graça.

O crime perde seu tamanho.

Eu viro a página de uma falsa carta de amor
como viro uma página de um livro.

Porque foi isso que de fato fiz.

Tão simples...

E prossigo com minha vida, aprendo de outros:
não de volumosas teses ensinando os caminhos
de um poder estatal que aos algozes deslumbrava,
não da argúcia sintomática e excludente dos veneneiros,
dentre tantos volumes
sussurrando serem definitivos.

Ah!

Desprezavam os demais julgando-se imunes: por isso pequenos.

Eu encomendei ao Amor este livro;

E encaminho ao Amor cargos de prestígio.

Porque há uma mulher,

Uma poeta, neste livro,

que se traumatizou. Assim

todo poder dos homens perante o mal foi inútil.

Deus, em seu mistério, conhece as escadas

em que sobe e desce o espírito

e poderá um dia me dizer:

Amaste.

Que nos reserva, a vida?
Eu me dirijo ao Amor,
onde estará?

Em seus voos de misericórdia
cumprindo a jornada de um belo dia
que conhece, de antemão, a Verdade.
O Amor está em um livro aberto.
Eu apenas quero teus olhos,
para deixar de lado
A página virada, rasurada
de viver a vida.
Rasgar o poder que impõe maldades,
que dá nomes aleatórios ao abuso,
indiferente ao que é puro.

Eu me dirijo ao Amor para
encontrar finalmente o que é
tão maravilhoso e estupendo,
além de mim mesma e de meu alcance.
Os enlaces esplêndidos de mares incultos...
A consideração macia dos tempos...
A liberdade de renúncia ao que aborrece...
O apego às melhores coisas...
As linhas que sigo escrevendo,
com minhas mãos e punhos.

A SODA CÁUSTICA

Enxergamos apenas o caminho imediato.
Nós, que trilhamos rumo às feras,
amaldiçoamos e excluímos um vizinho armado.
Teremos dito: quem nos dera
fosse corrigido este parceiro de nosso recato...!
Por que isto contém sinal de toda esperança?
Porque espero que todos os caminhos levem à boa lembrança.

No silêncio de quem caminha,
nem tudo pode ser dito.
Seria prudente ou tolo,
Ter à briga renunciado?
Ide ver!
As praias de encanto sem lodo...
Ide curtir agora o nada...
Prefiro a praia limpa de encanto arrumado.
Mas metades de países foram reclamar às ruas,
porque disseste que o redondo é quadrado.
Isso fizeste apenas para coonestar praias e
mobilizar grande parte do mundo...

Mas uma vez ataçadas, as hordas da ignorância insistiram:
essa violência contra a verdade é sofrida no sórdido peito.
Fariam felicidade de insultos a inculpadados,
de todo jeito.
E foram punidos os culpados?
Ou seguem sintomáticos, buscando impasses...?

Um coração cáustico já não pulsa.

O HOMEM CISMADO COM A PAISAGEM BRASILEIRA

Cisma com o meu ombro nu,
 o homem que pensa a ele pertencem
 todas as mulheres do mundo.
 Mas quando indagado, diz:
 “É o povo.”
 Cisma também com os vales nus:
 recobertos de florestas virgens,
 pensa todas as riquezas debaixo do solo
 também lhe pertencem.
 Mas quando indagado, desconversa:
 “É a conspiração do aquecimento global.”
 Haverá, no mundo
 um lugar seguro para o homem
 não temer ser corno
 nem temer ser pobre?
 Um lugar onde o homem
 possa viver sossegado
 e sem medo do futuro...
 (Onde está Taprobana?
 Limúria, Ligúria que seja,
 alguém viu?)
 Eu me compadeço.
 Procuo dia e noite
 esse lugar para o homem:
 onde as mulheres não sejam todas dele,
 onde as riquezas não lhe pertençam todas.

Homem, esta mulher de ombro nu
 que veio das florestas virgens
 está do teu lado.
 Os cartórios se apressam
 escrevinhando certidões de casamento
 mais alianças, mais alianças!
 Com mulheres mais bonitas e
 que não usem ombros nus, convenha-se.
 E digam que sou gorda,
 pois essa é a verdade.
 E escrituras de propriedade.

Ai, os Sínodos!
Apenas homens igualmente virgens falem!
Eu também trabalho,
eu não sou mais virgem
(ou sou? As índias usam barbatimão).
Mas escrevo para o homem um epitalâmio,
eu também trabalho!
Os governos todos se movimentem
as relações entre Taprobana e Limúria, acordos!
Os projetos de lei sobre os bons costumes
e os novos costumes, a família, a família!

Não ousem falar de gênero: agora só falaremos de sexo.
Apenas um dia voltaremos a falar de nossa identidade.

Que todas as mulheres usem ombros nus,
se não for possível aprovar projetos de lei
para proibi-los.
Só por segurança, pelo menos!
Assim, todas iguais e com o mesmo uniforme:
Não se notam tanto.
Os acordos oficiais e os de bastidores
para assegurar todos os corretos cálculos políticos,
pois é preciso duvidar:
ai, esse ombro nu não me serve,
ah, essa floresta não é assim tão virgem.
Já levaram todo o nióbio (e as pernas também nuas?!)
Rápido!

Porque há uma mulher vestindo ombro nu
em uma terra tranquila com florestas virgens:
é preciso então dizer que foi um homem que aprovou isso.

CASA DE MAMÃE

Crianças em casa.
Nenhum poema será tão bom
quanto o aconchego
de crianças em casa.

Torpor de útero,
o sorriso permanente.
Ruídos da manhã de sábado
e das noites bem dormidas
com paisagens nos sonhos.

Os corpos distensionados de
estar nas mãos de carinho,
mergulhados no dia,
esfregados na noite.
O mundo aberto em breve
desde o sofá de veludo,
coisas para se imaginar
e o que venha para se divertir,
porque da cozinha saem os pratos,
não há acerto de contas
e a canção que chama à mesa é doce.

(Breve repúdio da voz de outrem,
que não chame com a mesma
vibração que vinha no ventre;
de quem pede acerto de contas).

A voz que chama à mesa
é a mesma que cantarola antes de dormir,
que conta memórias ao redor da fogueira
e que fica certas horas em silêncio.
Uma coisa no peito de quem nos carrega
incendeia o nosso peito.
O tempo longo.

Não há espaço nem escolha,
sob aconchego das crianças:
bom mesmo é quando não há espaço.
De estar tão perto,
nada é brusco.
Sala cheia de criança esparramada,
amplidão de normalidade,
o estado de tudo o mais desnecessário,
o comboio dos pássaros azuizinhos
encontrando o macio que buscam.

AMOR

(para Sophia de Mello Breyner Andresen, in memoriam)

Tu, que me falas
Tu, que me cantas
Tu, que me salvas
Tu, que me és encanto
Tu, que me teces
Tu, que nas preces
Estende sobre mim teu manto.
Tu, que me calas
Tu, que me acolhes.
Tu, que me amas
Tu que me cresces
Tu que me ardes
Tu, que me escolhes.

AMAR SIN MEDIDA

Amor,
Tienes tus ojos verdes
de las señales libres de mi ropa.
Porque necesito siempre verte
Cabildo en Copán,
andejo en Sahel,
suzerano en Europa.

Quiero amarte sin medida
en las esquinas de mis estadas,
en mi alma partida de estradas
de héroe al partir, de mártir al llegar.

Quiero amarte con mi tiempo de vida
morir en tus brazos con mi boca bebida,
tus gemidos en mis oídos a musitar.
Dime la canción que uno solo hombre canta,
aquel por lo cual se espera, mientras tanta
castidad hecha de ausencia,
dolor ansiado de existencia.

Te quiero, Amor, y este sufrimiento me rellena:
de palomas blancas, liras francas, lunas plenas...
Las murallas de piedra me cercan,
y una promesa en esta cuna yo te hice
de ser agua cuando tus ríos secan,
cumplir las rosas de que me sea artífice.

Te lo dije, en tus ojos, que estaré contigo
En gloria de flores que me sepan
en la torre marfil de mi castigo.

AMAR SEM MEDIDA

Amor, tens os teus olhos verdes
dos sinais livres de minha roupa.
Porque necessito sempre ver-te
prefeito em Copán,
andarilho no Sahel,
suserano na Europa.

Quero amar-te sem medida
nas esquinas de minhas estadas,
na minha alma partida de estradas,
herói ao partir, mártir ao chegar.
Quero amar-te com meu tempo de vida,
morrer em teus braços com boca bebida,
gemidos em meus ouvidos a mussitar.

Diga a canção que um só homem canta,
qquele por quem se espera, durante tanta
castidade feita de ausência,
dor ansiada de existência.

Te amo, Amor, e esse sofrimento me esplena:
de pombas brancas, liras francas, luas plenas...

As muralhas de pedra me cercam
e uma promessa neste berço eu te fiz:
de ser água quando teus rios secam,
cumprir as rosas que perfazes feliz.
Prometi em teus olhos que estarei contigo
na glória de flores que me saibam país
da torre marfim deste meu castigo.

CANARINHOS E ANDORINHAS

(16 de março de 2020)

O TEU NOME

Eu tenho um poema
dentro de mim
que há muito tempo
não foi escrito.

Na madrugada,
quando acorda,
num chão escuro,
meu peito aflito.

E de repente,
no suor e crise,
algo macio

até vir canto
de passarinhos
e o mar do Rio.

O céu azul,
a nuvem rosa,
a voz do dia

A bicicleta,
sacada airosa
de pedra fria.

Tudo é de novo,
e eu me levanto
no meu País

Brasília e água
Rumor de pedra,
olhar feliz.

Vem o teu nome,
Pra mim igual
ao Itamaraty

Estive insone,
porque cantaste
aí e aqui.

Vem o teu nome,
de encanto e conto,
de sábio sonho...

Rima não some,
poema pronto,
rosto risonho.

Me diz renome,
ó canarinho,
se eu ficar triste.

Vê se não some,
com meu carinho
retorna e insiste...

ANDORINHAS

A arte é o sentimento à distância,
golpe artesanal do nosso tempo.
Os murmúrios do vento no frasco da vida...
Curvas que percorremos com ânsia,
trajetória vertida sobre os campos e os templos,
a diplomacia feita de artelhos, sob medida.

E voamos artistas pelo cosmo feito andorinhas,
trafegamos sobre oceanos com asas propínquas,
a porta entreaberta nos disse fração de orgulho.
Aninhadas em reentrâncias, raro sozinhas
contudo perfazemos a Terra mais longínqua,
em bibliotecas de pensamentos, melhores mergulhos.

Tecem o tempo em tramas, quais são seus tecidos?
que fazem ciscando gramas, no bico um argueiro retorcido?
São seus ninhos o que tanto buscam, afoitas.
A ter com quem não tomba no escuro, e ali pernoita...

Buscam as andorinhas graça e perfume,
o ramo crescido no corpo das cidades,
calor e arremedo aos climas cinzentos.

Não se dão com estridente e alto volume,
querem o zesto fresco de arbóreas verdades,
onde nasce a razão para os seus sentimentos.

BAILARINO

O bailarino salta,
aos meus olhos bem atentos
de soslaio caio, alta
bem-amada eu me rendo.

O bailarino gira,
em muitas, muitas piruetas.
À felicidade de ver um cometa
que após duzentos anos se atira.

O bailarino tem sete lustros
e meu coração palpita.
Saberá ele quem me dita?
Quando me ordena, destro...
A sua voz bendita
no movimento de meu estro.

O bailarino então se cansa.
Pergunta se é melhor ser poeta.
E eu não poderia lhe dizer da seta
que não me mata, quando ele dança.

ESTRELAS INFINITAS NO CÉU

Do meu quarto eu posso ver as estrelas
e noto uma, depois outra, e então outra.
Não havia parado para percebê-las,
conturbadas minhas linhas poucas.

E falo boba, de amar estrelas,
do seu piscar diamantino,
dos seus reflexos puríssimos.

Eu guardo meus suplícios nelas,
amores repentinos,
os cantos vastíssimos...

Em mim não realizaram grande mito,
a minha vida é como toda vida outra.
Contudo em meu peito brilham tantas e soltas,
lembrando ser mais lindas em número infinito...

ESTRELAS CONTADAS NA TERRA

Eu olho as lâmpadas das nossas casas,
no vale elas recordam, decerto, as estrelas.
De barro e de bairros, as cidades rasas
com número de cômodos e escapadelas.

Depende de Deus a luz de suas asas,
dos benjamins, dos postes das ruelas.
Tão ténues, nem sabem das piscadelas
que fazem ao longe no horizonte de gaza.

Dentro cada família ruma e sonha,
por trás das luzes, calor de julgamentos
perdendo e buscando a cada momento

a glória esquecida de cada cerimônia.
Numa delas mora o seu e o meu contento,
poesia que eu escrevo sem parcimônia.

O OLHO DE PÁSSARO

Ver a vida pelos olhos de um pássaro.
Passaporte para o presente perfeito.
Passar tempo vendo coisas que não sabe.

As montanhas bem manhosas merecendo
lufadas leves de abrir as alas:
o azul depois do azul depois do azul,
um espelho dentro do espelho dentro do espelho.

O lugar onde se ergueu o telhado
depois do telhado, depois do telhado:
onde ficam as casas dentro das casas,
dentro das casas.

Só ver a vida passar pelos olhos do pássaro...
Até o passado ser pouso de azul, casas e espelhos.

NÃO DEIXARÁS DE TE DEDICAR ÀS COISAS BOAS

Ouves este eco de quem
esteve com tua mãe,
longe de laços do tempo
e das amarras concretas,
no cristal do amor interminável.
Ressonno na parede de teus ouvidos:
mesmas orelhas.

Esta voz à tua volta te dizes
que não deixarás de te dedicar
às coisas boas de nossas vidas.

Continuarás dançando à noite,
enquanto as crianças dormem.
E ainda que escrevas sobre
gestos fatídicos
de uma sociedade corrompida
pelos demónios que cria,
haverá graça no teu jeito
de perdoá-los.

Enquanto houver bondade,
não deixarás de te dedicar
às coisas boas de nossas vidas.

Continuarás olhando nas vitrines
como ficaria aquela moça
em vestido estampado de flores,
com a capa de camurça negra.
Continuarás vendo os amigos,
visitando seus olhos
quando abrem teus livros favoritos.
Terás erguido um copo
em memória do riso
e deslumbramento de cada um deles.
Continuarás mexendo o café
de manhã cedo,
antes que alguém acorde.

Não deixarás de te dedicar
às coisas boas de nossas vidas.

Abrirás álbuns e pastas de fotos
que avivam o peito e amolecem os olhos.
Dirás, em algum momento:
como tudo é perfeito
nas palavras daqueles que amam!
Haverá dor e muitas mortes
Ecuridão, crueldade, desespero

Mas mesmo assim
Olhe para mim:
Não deixarás de te dedicar
às coisas boas de nossas vidas.

CARTA A FERNANDO PESSOA

Fernando Pessoa,

Os burocratas deste tempo e lugar, em geral, detestam poesia.
Detestam ainda mais um poema que jamais tenham ouvido.
Somos escrutinizados e humilhados
por escapar do comboio de rédeas
e do molde dos bacanas de auditórios cheios.

Os burocratas deste tempo e lugar odeiam, em geral, a poesia:
elas odeiam todo sentimento que tenha vindo do outro.
Não tem importância o que foi dito para ser lido
e menos importância tem ainda o que foi dito de todo modo.
Antes são mais relevantes os formulários que precisam ser preenchidos.

Porque os formulários representam o vazio dominado e
as lacunas preenchidas são os joelhos da pessoa dobrada.
É preciso impugnar o mundo com formulários e regras,
antes de se dizer o que sente;
o poeta um inútil.
Os seus livros de sal não valem nada.

Porque os burocratas deste tempo e lugar, em geral,
querem que todos as obedeçam;
e não veem outra forma
de ser obedecidas,
senão odiando todo sentimento:
pois não querem saber do
carisma, da sabedoria, nem da especialidade.
A poesia é pior ainda:
não nos manda a nada.
não nos paga nada...

Mas que mal eu fiz ao burocrata,
além de ser pobre e sozinha,
além de escrever os meus poemas,
além de ler e publicar os teus poemas?!

Eu já preenchi os formulários
e dei todo meu dinheiro.
Mesmo assim não me largam.

Venha em meu socorro,
para que o diabo, envergonhado,
vá embora e me deixe.
Os teus poemas dão porrada.

NÃO HÁ BELEZA ALGUMA NA MENTIRA

Há beleza nos campos floridos,
no céu tramontino do fim da tarde,
há beleza em dizer que te amo, tarde;
mas não há beleza alguma na mentira.

Há beleza em caminhos tortuosos
e num sorriso depois de tomar chuva;
no arco-íris sobre o meu guarda-chuva,
mas não há beleza alguma na mentira.

Há beleza nos dizeres empoeirados
de uma biblioteca há muito esquecida;
no riso de uma alma que perdoa, esquecida;
mas não há beleza alguma na mentira.

Há beleza nos bordados e serestas
e ainda mais beleza no peito vencido;
no mal que o tempo expirou de vencido,
mas não há beleza alguma na mentira.

Há beleza sobretudo nos teus olhos corretos,
perscrutando amargor debaixo de minha poeira;
nas cinzas que voltam ao pó, poeira de poeira;
mas não há beleza alguma na mentira.

TODO DIA UM DOMINGO

Todos os dias parecessem domingo,
o tempo que não é perdido,
porque dedicado ao sonho.

Com seu azul vivo que não mais distingo
dos dias corridos e aborrecidos,
ah, toda manhã fosse um céu risonho.

Todos os dias amanhecessem em silêncio;
tua voz, contudo, ressoando um canto novo
dizendo incrível um desprazer que movo
para longe com mais fácil estêncil.

Um bom dia aos crédulos e fortunatos,
que douram as horas de presente nestes domingos...
Sonhando a chuva e imaginando pingos,
que farão mais frescos nossos campeonatos.

PENSAR EM LIBERDADE

As pessoas gostam de
pensar em liberdade,
pois isto é um instinto humano.
Desviar de ser domesticado
e dominar bicho, gente, planta.

Fazer rumos de descobertas,
achar ouro e pedras valiosas,
juntar o que não se entendia
e afrontar o que todos dizem;
estudar em segredo para
duvidar e achar falhas...
Dizer coisas novas e boas
sem ter de pedir desculpas.

As pessoas precisam de
caminhos que
não tenham sido pensados;
respostas que
não foram prevalecidas;
gestos que
não foram amestrados.

O ser humano gosta de
escapar dos labirintos
construídos em fortalezas
que levam a fins estabelecidos.
Grandes templos ficam onde
constrói cada um seu próprio labirinto
ornados de bustos de aço e pedra,
com os corredores de tapetes verdes,
as roupas coloridas e quentes,
passagens subterrâneas,
com varandas ensolaradas
para fraternos encontros com música.

As pessoas gostam de
ser humanas,
cometer o erro e ter de defendê-lo,
talvez negá-lo;
ou explicá-lo com clareza,
para assim pegar um acusador
desprevenido.

Correr com as pernas.
Comer no prato.
Chegar até um pensamento
que ninguém traçou, nem viu,
conseguir uma resposta
feita com suor da própria testa,
o teste que ninguém prepara:
lançar-se rumo à vida
e construir coisas;
juntar gente
e ter depois o vazio que fica;
deixar dominar-se
por uma ideia que veio
de si mesmo.

É preciso ser cabra macho
para encontrar a beleza na vida;
fugir do robô
repetindo o passar dos anos.
Algumas vezes,
para ser humano,
é preciso gritar e ser louco.

O PÂNICO DE SOBREVIVÊNCIA

Eu não tenho todas as respostas
para as perguntas que
foram feitas e para as que
ainda não foram feitas.

Eu não sei por que o homem bate com a cabeça no prédio,
ao invés de entrar nele e dominar consigo as coisas.

Não sei por que a mulher grita
dizendo que o país dela não existe
nem nunca existiu.

Eu não sei por que há guerras
e por que casas e pessoas são devastadas.

Não sei por que as pessoas não ligam para isso
e continuam vendendo armas,
ao invés de vender comida e tijolos.

Eu não sei por que uma potência mundial atômica
não consegue usar uma máscara de papel
nem oferecer uma máscara de papel decente
para as pessoas se protegerem
contra o genocídio e a peste.

Não sei por que as pessoas correm pelas ruas
gritando o ápice da própria insânia,
querendo injetar desinfetantes
em seus pulmões mortos.

Não sei por que se incomodam
e me jogam pedras
quando busco o bom caminho
do que foi corretamente feito.

Eu não sei por que o homem com microscópio,
ao ver um patógeno,
antes que o patógeno mate as pessoas,
ao avisar as pessoas,
é ignorado e preso.

Não sei por que as pessoas não devem
receber um médico e medicação
antes de ficar mais doentes.

Não sei por que os médicos em meu País
não usam a mesma proteção que outros países.

Não sei por que as pessoas que

têm dinheiro, carro e casa
não conseguem ficar tranquilas em casa
e esperar uma tempestade de vírus passar.
Não sei por que os ricos se manifestam
contra o direito de se manifestar,
por menos direitos e piores garantias.
Eu não sei por que as pessoas querem
entregar as suas vidas a um Estado ineficiente,
ao invés de cuidar das suas próprias vidas.
Eu não sei por que a Terra gira para o oeste,
por vezes para o leste.
Nem por que o legislador
inobserva a própria lei,
ou faz leis inúteis;
não sei por que um juiz
toma decisões injustas
sem ouvir nem olhar
para o rosto de quem ele condena.
Não sei por que as pessoas não gostam
de sossegar, de se aconchegar e de ler livros à noite.
Não sei por que os diplomatas agora dizem,
diante dos maiores desafios planetários,
que a palavra é dispensável e que
se deve dominar a língua do silêncio.
Eu não sei por que
surgem novas deficiências genéticas
nas regiões mais pobres,
nem por que precisamos combater
deficiências humanas com abortos.
Não sei por que jogamos no lixo o plástico
que poderíamos reciclar em casa;
não sei por que não há
eletrodomésticos de reciclagem de plástico.
E tampouco sei
por que o homem que já não gosta
de sua mulher,
nem imagino por que
o homem que já não vive com a ex-mulher
quer continuar discutindo com ela.
Não sei por que perco o sono
com algo que não me pertence.

Eu não sei por que as pessoas
se desesperam diante do mundo
gritando que o mundo pertence a elas,
Nem por que dizem
“cale-se!”
Sem se calar, antes.

UM ESTRANHO PESSIMISMO

Há um estranho pessimismo que lesiona,
a falta de alegria e de brincadeira,
sem medo de calúnia e denúncia;
a paranóia permanente de bandidos,
uma visão negativa da Pátria;
a Pátria que depende do combate ao inimigo.

Gente de camisa preta falando de morte,
mulheres iradas em que alguém diga
não haver razão para o pânico;
e que em algo dependa a vida de nossa responsabilidade.

Indivíduos avulsos retorquindo
sobre a certeza da corrupção dos outros,
protegidos em castas corporativas,
os embates entre irmandades;
o posicionamento político
antes do serviço público,
A entrega mais completa de si à mesquinharia
das divisões absolutas, totalitárias.
A posse da verdade como arma.

Eu busco as palavras de carinho
e os gestos de beleza nas palavras.
A verdade não lesiona, a verdade liberta.
Contudo o peso do dia; minha náusea.
Os limites do admissível de joelhos quebrados
e todos os limites das pessoas com isso junto.
Os marcos de leveza e de solidariedade
apagados pelos tempos da estratégia.

Eu me agarro ao troféu que guardo.
Eu o escondo por dentro de minha roupa.
Para que ninguém me arranque
sob gritos, insultos e ameaças
o que ainda me resta de bom senso.

UM PAÍS SEM CONFRONTO

Há mais de um século,
um homem recebeu um fuzil,
deram-lhe notória patente
e o enviaram à guerra:
os ricos haviam se matado.

Este homem então fugiu:
tomou sua família num vapor urgente,
a esposa grávida aplaudiu, pra frente!
E foram descobrir cantos da Terra.

Chegaram aqui no Brasil:
a saudade bateu, de Aquileia.
Mas o calor e o filho nascido em boleia
viraram a Pátria que o confronto encerra.

Ai! País de bandidos e degredados do mundo!
De todos aqueles expulsos das brigas.
A alta competitividade das nobres ligas
não durou muito mais que meio século.

Os rótulos de máscaras impostas ao fundo
aqui retiradas por compatriotas pecadores,
terra natal de quem viveu as dores
de ser acusado por brutos de brutalidade,
por ladrões, de roubo,
por ambiciosos, de cobiça;
por escravizadores, de ser escravo.
No carnaval, novas máscaras de brilho
e encantos diletos.

Naquele tempo,
a Europa já não era mais cristã contra impérios,
nem abrigo frio das quedas de braços na África,
mas campo de pólvora chinesa.
Portugal, nossa mãe, escondida às beiras...

Mas expulsos: brasileiros! Rumo ao lar de verdade:
terra ampla definida pelo gosto de palavra.
Pelos dogmas flexíveis, as armas são coisa que se lavra:
café, tabaco, os preços flexíveis da soja e do milho.
O que se dava a quem não tivesse prata, mas filhos.
Vizinhos apascentados e colegas de trilhos...

Mas veio o tédio, e oh!
Irmão rico do Norte.
Dizendo partilha não é mais sorte,
dando exemplo de confronto aos vizinhos;
pais e filhos com menos carinho;
a distância dos salões nos muros entre casas.
Querendo prêmios, juntamos lodo, cortamos asas...
A arte abstrata obrigatória:
modernos prenúncios de fim da História.
A litigância, ganância e conflito por hostilidades:
o homem não mais livre, nem mais verdadeiro,
em busca de ser mitológico, perdeu a felicidade.
Brasileiros! Tramemos então um novo inteiro,
o restauro de velhas cidades...

VENCER UM PESADELO

Vencer um pesadelo,
mais fácil que vencer a insônia;
ser eco de uma coisa vaga,
fio de um novelo desferido.

Mais fácil tomar o punhal
das mãos de quem ameaça,
retirar os cabelos de quem
rezou por mais ódio e sofrimento.
Mais fácil que aprender minúcias do torvelinho
é vencer o pesadelo com um sonho.

Vencer o pesadelo com um sonho,
de riso, lealdade e brincadeira
encanto leve de dizer o que se queira,
sem que os anjos maledicentes da noite
carreguem as almas desesperadas.

Vencer o pesadelo com um sonho,
dar palavras que nos façam como antes;
com sorriso feito de água deste instante,
paisagens verdadeiras de mãos arcazes...
Frente ao mal de ser ligeiros e vorazes,
vencer o pesadelo com um sonho.

O BOMBARDEIO

Era o ano de 1944,
Na cidade de Schüttelfrost,
ano em que as pessoas comuns não sabiam
o que eram bombas.
As pessoas,
escondidas em abrigos anti-aéreos,
não viam as bombas.
Tampouco sabiam se explosões vinham
dos russos ou dos ingleses.

Mas no General a população confiava:
ele, são patriota,
arriscava a vida pelo povo:
saberia avaliar o risco.
Recebia telegramas e
mensagens da capital;
Estava informado
de todos os movimentos
dos exército inimigos e do
exército alemão.
As pessoas queriam seguir suas ordens
e receber, assim, elogios e pão do Reichstag.
Talvez uma medalha:
assim teriam mais fácil um emprego.

As bombas caíam de dia e de noite,
a cidade devastada.
Algumas pessoas saíam
em busca de cartas e de alimentos;
era a coragem pela família.

Mas o General recebeu ordens:
toda aquela cidade
deveria voltar ao trabalho.

Conforme o Führer
as poucas pessoas que
saíam em busca de alimento
teriam morrido de qualquer jeito,
porque
as bombas iriam cair de qualquer jeito.
Logo, diziam as ordens:
todos deveriam retornar à vida normal.

Sim: isso aconteceu na cidade de Schüttelfrost.

Disse então o General ao povo:
não havia guerra, apenas uma fricção;
se não voltassem a trabalhar, haveria
algo pior que uma guerra mundial:
uma crise econômica.
Guerras mundiais acontecem, é a vida,
pois onde existe a vida, existe a morte.
Dizia então aquele governo: a crise econômica,
por outro lado, seria um maior problema.

Alguns protestaram:
viam as bombas caindo,
uma após a outra,
dia após dia.
Viam mortes de
entes queridos e de seus amigos.
Viam choro.
Recusaram, ultrajados:
sair, apenas em último caso!

O General, para cumprir ordens,
e ser promovido a cinco estrelas,
para provar que o seu povo era superior,
ariano, patriótico e à prova de bombas,
disse então ao povo daquela cidade
que as mortes eram mentira.

(Não lembram disso?)

Mandou uma mulher

ruiva e bem escandalosa
colocar areia em caixões
e pediu o serviço de um fotógrafo.
Jamais descobririam que foi ele.

Ninguém confiava mais
nas notícias de ninguém.
Todos os números de mortes
eram falsos e manipulados!

Mandou um pastor germânico abrir igrejas
e dizer aos religiosos que
era Deus quem matava aqueles porcos
que morriam com as bombas,
porque eram ateus e comunistas...
O Führer dava risadas...
Ele ria da morte dos outros, para
provar a sua virilidade tão frágil.

Concluíram que
não havia alemães que morriam:
apenas uns poucos comunistas,
apenas alguns judeus morriam nos campos,
os quais, decidiram os nazistas,
eram escória.

Os judeus não queriam
trabalhar pela guerra:
por isso os obrigaram a trabalhar,
por que o trabalho os libertaria,
conforme o General.

O General pregava
dentro do púlpito da igreja:
a II Grande Guerra
era uma invenção da mídia
dominada por judeus ingratos
e comunistas ateus
para vender jornais e
derrubar o Führer.

A crise econômica...
Uma conspiração contra o país dele...

A tal ponto que
a população foi às ruas,
protestar contra aqueles
que não aceitavam ordens absurdas
nem a autoridade do General.
Queriam o retorno à normalidade.
Decidiram que as mortes eram mentira...
Ou que não importavam.

Mas havia de fato bombas,
e tiros dos russos nas ruas.
Tiveram suas pernas e braços
amputados pelas explosões.

Era o ano de 1944,
na cidade de Schüttelfrost:
tempos de uma grande ignorância
E de insanidade coletiva.
A Guerra amputava também
os espíritos das gentes.

Anos depois,
o General foi julgado
no milésimo Nuremberg;
não ganhou cinco estrelas.
Enforcado por
seguir instruções de Hitler.
Morreu gritando que
um dia a história lhe faria
Justiça:
Um dia as pessoas saberiam desta
Verdade.

AS VOZES DE HOMENS NA GARGANTA

As mulheres feitas de vozes grossas,
seus rostos quebrados por homens funestos
dizendo assim lhes fizeram mais fortes,

sem arabescos na fala nem flores na alma,
firmes como uma montanha aplanada por explosivos.
Em cima delas passam carros rumo ao progresso.

O VOTO É SAGRADO

Uma pessoa apenas
pode mudar, com a sua opinião
o destino de um País inteiro.
Por isso eu voto com critério;
por isso eu voto com carinho.
E quando se perde a beleza:
eu não voto.

Uma pessoa apenas,
que diga algo verdadeiro
espalha a verdade como fogo:
o canto simples no coração dos homens.

Alcança esse canto sem televisão nem telefone,
apenas de ter vivido junto;
apenas de ter andado no ônibus lotado;
apenas de ter morado na Rua Alvorada
e de ter trabalhado na Avenida Brasil.
Apenas de ter dado o coração ao outro...
Apenas de ter olhado
uma vez na vida
nos seus olhos.

É assim que se ocupa o espaço sagrado do voto,
quando há alguém cansado demais
para prosseguir governando,
sustendo o lado bom das coisas,
usando todo dia
cada uma das mil chaves que não servem.

O meu colega ao lado disse, há sim, beleza!
Talvez eu discorde.
Mas ele insiste que
há beleza em ser homem:
de ser obrigado a ser homem.

Embora eu discorde
que a beleza de ser homem
esteja em ser obrigado a algo,
há beleza nesse meu colega
que deseja me devolver a esperança
com os seus olhos de ver beleza.

Eu aguardo até que possa dizer:
agora, sim, está tudo certo,
e já não me lembro mais
do que me magoava:

Agora sim, há em quem votar,
macho ou fêmea,
alguém
que me inspire beleza e esperança,
sem ter me obrigado a isso.

Votar...
Sem que eu tenha sido obrigada
a ver do jeito da pessoa em que voto
todas as minhas a as suas coisas.

PESTILÊNCIA EM EXAME

Uma teoria em queda livre
chuta para fora do ventre da noite,
reclama no lapso de tempo e de sombra
em que deixou tarefas e recados.
É chamada de chave para quem o substitui.
Em uma liderança, tanta pestilência.

Porque
as moscas ao redor de um pedaço
de carne viva, de reza, de causas
ignoram a transferência de chamada.
Meu calcanhar machucado não me mata.
A mosca quer e não quer a eternidade
de ter aberto enorme fenda
onde alguém busca sinalagmas.

A mosca abriu contratos e
deixou em túnel as respostas,
os pedaços de pão na estrada
que os pássaros vão comendo.
Quer retornar com pressa,
no corpo da truculência
de um homem delirado,
sem cabelos,
que come os pássaros crus e
os pedaços de pão na estrada.

A voz do além,
do funeral mal feito
e da falta de saudade,
no teu corpo
é tosca.
Mosca.
Ai, o malhete gira,
a mente infantil infernal
do homem cresce,
mas não trabalha:
os homens vazios, feitos de fôrma.

Quem matou a teoria?
É assim que ele me ouve,
o que ele mesmo diz
a si mesmo.

Quer se ver no espelho do rio,
para saber se é verdade quem é ele.
Medo de perguntar a si mesmo,
cansado das perguntas que
outros lhe fazem enquanto dorme.

Tudo hoje é punir e ser punido,
a falta de aparência
em busca de diafragma,
porque a truculência
quer trabalho, mas
não encontrou a resposta.

Não seguiu meus bons conselhos.
Quer ser levado a qualquer parte.
Os diagramas.
A máquina gigantesca de fúria.
E quem mais odeia denuncia,
para prevalecer o amor forçado.

Contudo colaboraram para o ódio
os que o denunciam, sem saber ter ódio:
ah, o seu papel fundamental,
de criar antagonismos a quem
já não mais se atraía por nada...

Ah, o fomento sempre registrado
nos dígitos e nas coisas não ditas
entre as coisas de mulheres...
Os homens que deliram de amor comprado,
dizendo ser isso amor.

Um delírio de alma quente nos infernos.

Vá em paz, à sua vida,
aquele que fez uso da teoria
para promover a desordem e a discórdia,
e a matou,
porque não tem futuro!

Vá em paz, à sua vida,
ó fruto corrompido
da aliança implícita entre poderes vacilantes,
desconfiados de suas próprias lágrimas;
porque seguiu entregando aos vórtices
quem pertence ao meu colo.

Fique aquele que abre a página do futuro,
as razões pelas quais dizemos o silêncio.
Parece improvisado?
Também é, quando vem, sem razão alguma,
sem crime ou sem justificativa,
a morte de todo homem, em idade apropriada,
depois da velhice,
pela qual luto.

Possa dedicar-se ao que aceitou,
à escolha do que faz algo ser lido,
ao prazer do labor no tempo;
à incerteza que chora:
ao próprio nome...
Ao invés de perseguir quem questiona,
ensinando, na fenda de queda livre,
quão frio é poder sem fruto,
o abraço entre a pestilência e o exógeno.

Envio de volta esse desgraçado ao decano,
na minha teoria de perda de tempo;
não, a teoria não está morta.
Porque prefiro ler homens puros
que se entregam desarmados,
ter nos versos recordações de praia;
fazer eco em folha sem medo.

NÃO TEM BANDIDOS

(Poema para uma criança que viu violência)

Não tem bandido.
O que é um bandido?
Um bandido
é uma pessoa
que não daria sua vida
pela vida de uma criança
imediatamente,
instantaneamente,
na velocidade que existe
além dos mundos e da luz.
Dorme, que não tem bandidos..
Dorme, que eu preciso dormir, também
e enquanto você não dorme, eu não durmo.
Não existem muitos bandidos.
Mesmo sendo o mundo
um lugar muito grande.

O CASEBRE

No meio da paisagem,
havia meio ao verde de arbustos
um pequenino casebre.

Lá no meio da paisagem,
meio aos rumores e aos sustos,
ele piscava luzinha breve.

Ao redor cantava à gente,
carro, moto e avião
as rezas e avisos leves,
pedindo calor e união.

No meio da paisagem,
o casebre nos lembrava
da casa que muita gente,
Oxalá, ter desejava.

Um lugar bem sossegado,
sem reboco e nenhum espaço
apenas uma cama e um telhado,
para descansar do cansaço.

A CIDADE AZUL

(Para Chefchaouen)

Num reino muito distante,
havia uma cidade azul.
Toda casa era azul,
a prefeitura era azul,
os carros eram azuis,
as ruas eram azuis,
as janelas, as portas, as soleiras;
os andaimes, os batentes e as beiras.

Vinha gente de todo o mundo
percorrer aquela cidadezinha
Coreanos, europeus, chineses,
brasileiros, argentinos, ingleses...
Crianças, jovens e avezinhas.

Vinha gente de todo o mundo.
Nas varandas dos sobrados,
tocavam música de violão
pra ver pôr-do-sol pelos prados,
e alegrar um bom coração.

Lá eu comprei um novo sapato
e o solado estava com um defeito.
Eu disse ao vendedor preocupado:
mas eu quero esse sapato, ele é perfeito.

Eu fui caminhando nas ruas
e na volta, em Tânger, perto da estação...
Um mar azul com tonalidades duas!
Realmente é de alegrar o coração.

Ao chegar no meu País com meu sapato,
eu abri o meu livro antigo de contos de fadas
sobre a cidade que eu achava não houvesse de fato
e descobri a beleza de saber que não sabia de nada!

BOM JESUS DA LAPA

Disseste-me com teus dedos de calos
e olhos salgados de lágrimas,
a aspereza de teu mundo:
ter apanhado do filho.

Tendo vindo de
Bom Jesus da Lapa
até Brasília
visitar o teu único filho...

Disseste-me ter sido expulso
da casa que construiu para ele;
choraste copiosamente
diante do Sagrado Coração e
da Senhora das Mercês.

Disseste-me ter sido diagnosticado
com câncer, e não ter meios
nem para um tratamento,
nem para retornar à tua cidade,
Bom Jesus da Lapa,
para cuidar da tua mãe de 90 anos.

Eu ouvi tua mãezinha falando
na nuvem daquele dia.
Ela de fato estava preocupada.

Disseste-me ela havia feito uma oração por ti
naquele dia da maior aspereza de tua vida.
O teu filho te bateu!
E escorriam do teu rosto lágrimas.
Na nuvem daquele dia
ela me confirmou o feito.

O padre, ocupado com gente,
deixou lhe desse o telefone.

Mas quando te dei mais do que necessitavas,
e ainda livros de criança,
para leres para crianças
e o lugar onde há poemas
e santinhos
e remédios para corpo e alma
e um terço para orares no ônibus
e o fórum da lei que obriga
os filhos a cuidar dos pais,
Não cessaste o choro:
choraste ainda mais.

Eu te disse que isso não podia,
eu ali para curar teu sofrimento!
Mas choraste mais ainda.
De que valeria o gesto,
piorei a tua situação?

E riste, foi um glorioso abraço.
E te jogaste no meu ombro,
descansaste profundamente por um segundo.

E disseste com todas as tuas forças
que jamais perdeste a fé em Deus,
de que ao final, o bem sempre vence.
Que estavas então feliz.

Agora me cobras o poema,
porque tens fé e sabe que não esqueci
de que disse eu escreveria para teu filho
um poema no lugar onde há poemas.
O filho que não enxerga as tuas lágrimas.

Ele há de chorar em mim, lembrando do mal que fez,
a Deus, a si próprio, à sua família e
a um pai dedicado e doente, agora.
O bem se esconde em seu peito,
arrependido de mentir a si mesmo e ao mundo:
de ter batido em seu próprio Pai,
de ter violado a própria consciência,
de não querer palavras amigas e maduras.

Ah, o amargor toma o corpo
e o fecha a um dia ensolarado.
mas está escondida em seu peito,
A amizade dos cantos tristes
onde se castiga a alma.

Algum dia brotará dessa terra humana
o desejo de um mundo mais humano,
e dará frutos copiosos como teu choro,
em árvores floridas.

Ora por nós , Bom Jesus da Lapa!
Pois jamais esqueço de tua visita.
Este poema que te faço
me faz sofrer menos.

CARTA A UM PRISIONEIRO

(A um jovem paulista)

No interior do meu coração,
na rua estrelada de listras,
nem à esquerda, nem à direita,
canta o que também cabe
no peito de um homem.
Ele me diz sua segunda Pátria:
a pátria da indiferença.
Prisioneiro dos costumes,
ele me acolhe a chama: colega.
Vai derrubando o que há
sobre a minha mesa de alimentos
e pede desculpas.
Cata cada grão e diz:
veja bem, o que se segue
talvez seja melhor
do que havia previamente.
É jovem.

E me fala dos homens
transsubstanciados
em bustos de pedra,
pelo exercício do poder.
Ele me conta da
imposição das vontades
de seus lugares e de seus tempos,
triste de ver profanados
os escravos do povo
por herdeiros que recusam
a origem do que fomos e somos.

A sua voz em minha voz escreve.
Pergunta se algum dia
seremos livres,
quando estivermos no lugar dos mais velhos.
Se poderemos dizer o que pensamos,
quando já não tivermos o ânimo.
Ou se também nos tornaremos

os bustos feitos de pedra e aço,
insensíveis à dor de si mesmos,
derrubados pela infâmia.

Muito a ele dedicada,
eu o levo a sério e
olho para o futuro
com meu suspiro de vista míope
que apenas enxerga
muito de perto
ou muito ao longe.
Envio remédios eficazes
para ficarmos de carne e osso,
de sangue pulsante nas veias,
de não saber o que virá
e nos precaveremos contra isso.
O arcebispo nos mira satisfeito.
O nosso suserano, por nós suserado
o qual nos prometeu ser Nossa Pátria,
atento como um cirurgião de templos,
envia símbolos, convoca signos,
desde o seu escritório de escriba.
Diz que fiquemos juntos,
que não o abandonemos à astrologia
e que sigamos cada um nosso rumo;
mas nos olha atento e nos chama de volta.

Quer ser nosso pai, e não nosso filho;
quer ser nosso amigo, e não nosso irmão;
quer ser nosso namorado, e não nosso esposo.
Quer ser selvagem no campo,
que nem mulher no vale de lírios.
Quer ser legendário e ser tudo,
quer dizer limites e verdades.
Quer não dizer nada,
mas também tudo o que
precisa ser dito.

E o deixamos em seu trabalho,
vendo as planícies e as ruas
nas quais choramos juntos.

E caminhamos sobre o Atlântico,
visitamos a casa sem mobília.

Os corpos acotovelados,
a excludência dos domínios,
as muitas línguas que falamos.

O nosso prisioneiro voluntário,
travesseiro de meus volumes,
corajoso diz ter precedência.
Reclama da própria vida.

Diz quer a nossa vida,
sem receios, nem apostas,
sem corridas indispostas,
com rima, hortas, horas,
senso.

Pergunta se visitarei sua cidade.
É lógico que sim.
E me lembro dos perigos
que outrora me trouxe a sua cidade
dominada por promessas.

Penso como entrarei invisível
e de onde pintarei seu retrato.
Penso como lhe levarei cartas
e de qual quermesse
escreveremos livros novos.

Pergunta se farei a ele um poema.
É lógico que sim.
E com isso me lembro que todo poema
escrito sob as vagas desta esperança
nos libertou, quando fomos prisioneiros.

ESCOLHAS

Escolhi não escolher
lados.
Escolhi a mão esquerda,
escolhi a mão direita,
ambas as pernas,
pelo caminho mais longo,
que leva a tantos lugares:
a estrela surgindo
sobre a alvorada na montanha.
A visita dos anjos cristalinos
na espera de manhã temprana.

A minha saúde vem de ter duas mãos,
duas pernas,
dois olhos,
dois seios:
de pisar por dois ou mais lados
cada problema e produto
que trazem ao lugares sagrados:
Ábatons, crítions, fédons, eutífrons, lemegetons, Hébrons, nemetons...
Banho de onde saem,
depois de macerados,
os homens inteiros, perfumados e felizes.
Eu falo de onde não compreendem as pedras...

Pudera: pedras não falam nem ouvem.
Apenas os seres humanos se calam,
quando digo: enches cada sala de silêncio.

Escolhi não escolher
entre a vida e a morte.
A vida erguida em sua glória
e a morte sustendo ameaça:
entre elas as colunas e arcos...

Ambas me dizem para
ter atitude menos servil e a
ser menos passageira do medo;
pensar aonde me levam,
a qual conhecimento de meu peito
eu não sabia;
em qual lugar de mim ainda não estive,
qual meu pedaço ainda não ofereci a quem amo.

Escolhi não escolher
entre um homem e outro,
pois
entre o território do jogo em que os perco
e o templo em que se erguem em bustos,
existe a praia dos cantos de espuma;
a floresta sem arbustos em que dou passos,
o escuro onde meus irmãos choraram,
onde pisamos e nos tornamos irmãos.

Haverá o dia em que eu não terei escolha?
Haverá o dia em que farei uma escolha?
Ou deixarei a nuvem me mostrar suas formas,
ou confiarei que o sol sabe fazer esta rota,
ou sentirei a gruta que permanece em meu ventre..?
Ou abrirei as janelas para um vasto Destino..?
Ainda não escolhi,
porque vivo tudo
e mais do que eu poderia,
se vivesse de escolhas...

LUCHO!

(para Zonia Reyes)

¡Lucho!

¡Luchamos!

Yo lucho para no enlutarme:

para que podamos salir a la calle
sin miedo de morir como los perros.

Yo lucho

como luchábamos antes
por el paseo de flores y gente,
por las gotas de rocío en los árboles,
por el ruido de niños corriendo en la plaza.

Sí, yo lucho

¡hasta que salga de mi pecho
un brado de que peleamos
por nuestras vidas!

Para que nuestro error
no haya sido huirse
de haber luchado.

¡Lucho!

¡Luchamos!

Por nuestras vidas,
para brotar a la vida
de los cuerpos fríos
que perdimos en nuestras ciudades,
para que la palmera crezca de la tierra al cielo,
para que el ciprés nos diga más alto el paisaje,
para que el abrazo de un amigo
esté nuevamente en el giro de nuestra mañana.

¡Lucho!

¡Luchamos!

Por el aire puro de haber luchado
con el poco que tenemos y sabemos...
Con la espada floja de una mascarilla,
con el escudo sin gloria de un desinfectante,
con la delicadeza estéptica de los guantes,
en contra los cuales se frena el enemigo mefítico:
con los cuales el enemigo pestilente muere banido,

no más difundido por nuestros cuerpos...
 ¡Yo lucho por cuerpos llenos de vida y historia,
 por los cuerpos que no sean vectores!

¡Lucho!
 ¡Luchamos!
 En contra el contagio del desespero y de la angustia
 de confinarnos en nuestra condición humana,
 frágil de constreñir los pasos que deseábamos,
 indolente de no encontrar lo que nos movía...
 Apático del número de cadáveres, y tumbas, y reglas, y rezas...

¡Lucho!
 ¡Luchamos!
 Para alcanzar las nuevas miradas frescas
 hacia descubrimientos azules y blancos,
 de una tierra azul y verde,
 en la que el ser humano
 salva a otro ser humano,
 en la que el ser humano
 llora por otro ser humano.
 En la que leemos sobre nuestras esperanzas,
 sobre nuestras persistencias
 de hacer mejor de lo que hacemos hoy,
 de saber más de lo que sabíamos ayer...

¡Yo lucho!
 Sí, luchamos...
 Por la alegría de una vida larga,
 por el derecho de conocer nuestros nietos,
 ¡de decirles de nuestra locura!
 Y de cómo nuestra locura compartida
 fue lo que nos salvó de la muerte.

¡Lucho!
 ¡Luchamos!
 Por esta cuna de montañas en espejos,
 por las piedras plantadas en el mar,
 por el pájaro y su nido en el techo,
 por el collar de flores en mi pecho,
 por el trayecto de coraje que nos lleva
 hasta donde nuestro corazón desea.

O FINAL FELIZ

Disseram que

O amor de mãe é fake

Que o povo é fake

Que o voto é fake

Que as notícias são fake

Que a CPI das fake news é fake

Que a educação é fake

Que o Papa é fake

Que a Bíblia é fake

Que o orgasmo é fake

Que o STF é fake

Que o Rei é fake

Que o comunismo é fake

Que todo nazismo é fake

Que o bar do seu Cafifa é fake

Que a poeta é fake

Que a liberdade é fake

Que a democracia é fake

Que o Capitão América é fake

Que Clint, para os íntimos, é fake

Que o Brasil é fake

Que os produtos chineses são fake

Que holocausto é fake

Que o meu sofrimento é fake

Que o meu prejuízo é fake

Que o homem é fake

Que a mulher é fake

Que o amor é fake

Que a pandemia é fake

Que a imprensa é fake

Que a minha opinião é fake

Que os partidos políticos são fake

Que os inconfidentes são fake

Que os confederados são fake

Que o Batman é fake

Que a Legião da Honra é fake

Que a amizade é fake

Que a história é fake

Que a outra história é fake

Que o jardim da FEB é fake

Que Minha Pátria é fake

Que o milagre é fake

Que o teu sorriso é fake

Que este Apocalipse é fake

Que o que é fake é fake

E agora

Eles não querem ser fake...

OS SENTIMENTOS E AS QUESTÕES CONCRETAS DA CONSCIÊNCIA E DA NATUREZA

O arroz seja arroz!
O feijão seja feijão.
Por que o arroz não pode ser o arroz?
Por que o feijão não pode ser o feijão?
Se és vivo, estás vivo.
Se és apaixonado, estás apaixonado.
Por que debater o motivo?
Por que não estar ao meu lado?

O intelectualismo tem limites:
apenas o sentimento verdadeiro nos rega.
As causas concretas não são palpites,
a natureza raramente nos cria e nega.

Por isso vou beijando coisas e dizendo nomes
enojada dos homens que só se voltam a si mesmos.
O que não encontram neles cresce algures a esmo,
repare que os desejos insaciados vão criando fomes
em meu país miserável, no qual todos querem ser os primeiros;
em que poucos servem felizes em valorizar seus companheiros.

ASCALÃO

Os homens fazem fila
 Um deles me conta,
 Dizendo ser o sexto.
 Passou pela rua
 A mulher livre e
 Sem pesos na cabeça.
 Uma vedete
 Os homens enxergam ao longe.
 Algumas doses de álcool
 E o cuidado com o local
 É o atrativo do engenho.
 Quem sabe até ganhem
 Uma patente militar secreta,
 Pelo grande feito de
 Ultrapassar o número de homens
 Das outras vezes
 Que os homens não contam.
 É que as mulheres não sabem
 O que os homens bons fazem.
 Finalmente chegou
 O grande momento
 A tentativa de dar um nó
 E impressionar
 A noiva desacordada.
 A fantasia do homem
 Que não tem coragem

De retornar a uma mulher,
 Nem quer ter filhas.
 Ele seria menos homem
 Se não a cumprisse.
 Quer mulheres descartáveis,
 Que surjam do barro,
 Diretamente das mãos divinas
 Entregues para ser suportes:
 Auxiliares de prazer na cama.
 Não quer saber como
 As mulheres nascem
 Nem do nojo que
 as mulheres sentem.
 Uma a uma ele as vai estuprando
 Em busca de elogios que ficam.
 Senão da mulher desacordada que
 Pouco sabe da fila,
 Dos homens que estão na fila.
 Os prazeres são passageiros,
 Mas o ego dura para sempre...
 Não sabe ainda o estuprador
 O que é o estupro.

O ANO EM QUE PROIBIRAM O CARNAVAL NO BRASIL*

O Estado brasileiro cancelou o carnaval
mesmo todos os anos depois da pandemia,
pois já não pode mais haver
nudez em público.
Nem mesmo em obras de arte
podem os deuses despir-se.

A capela Sistina, tampouco
está permitida pelo Estado brasileiro,
o qual assim se disse acima da arte,
dos deuses gregos e romanos,
acima do Papa e da Igreja.
(Onde já se viu, Deus fazer homem nu?)

Olho para o outro canto:
até o Rei, que estava nu,
calou-se.

Os índios perguntam:
mas por quê, se não faz frio?!

Tieta do Agreste triste:
já não pode mais sair
na abertura de novela na TV.

Mas Adão e Eva, completamente despídos
comemoram:
foram expulsos do inferno...

* O projeto de lei nº 1.958/18, foi aprovado em primeiro turno no plenário da Câmara Legislativa do DF, proibindo manifestações artísticas e culturais com “teor pornográfico” que exponham atos sexuais ou causem vilipêndio a símbolos religiosos em espaços públicos do DF; aprovado com alterações, no segundo turno, em 19/08/2020.

A TENTATIVA DE FUGA DO BRASIL

Coloquei minhas coisas
numa trouxa.
Eram muitos livros.
Disse: vou-me embora do Brasil.

O Brasil me perguntou:
mas por quê?!
Porque proibiste a nudez,
respondi.
Já não és mais o Brasil que reconheço.

Brasil me disse.
Deixa disso, Amor.
Aqui existe lei que pega
e lei que não pega.
Já não lembras mais de mim?

E fiquei muda.
De fato,
eu quase me esqueci do Brasil.

Eu quase saí do Brasil,
mas por sorte
o Brasil não saiu de mim.

UM LUGAR DE ENCONTRO

O Brasil é um lugar de encontro
entre gente perseguida de muitas partes.
Quem, recusado, não viu saída pronto
e recusou carregar da guerra os estandartes.

O Brasil é um lugar carmim de encontro
de muitas cores de pele, religiões e países.
Onde ser diferente é ter razão para ser felizes;
onde a ambição é contemplar o mar pesponto...

Lugar de encontro entre a floresta e o deserto;
entre colinas e vales, rios e igarapés.
Os vizinhos se reúnem num abraço de aperto,
nosso mapa a expansão de bom humor e de ter fé...

Lugar de encontro entre famílias e anseios,
gente de todo jeito na praia e no carnaval.
E em comum temos o rúmen de nossos veios,
que vão digerindo o nosso jugo fraternal.

O Brasil muito dado ao suco da cordialidade
de si reclama quando, raro, é grosseiro.
Pois quem não morre, ama de verdade
para depois esquecer, em um tom lisonjeiro.

OS MENDIGOS DO PODER

A mendicância extrema e a
pobreza generalizada se elevam:
pelo poder todos pedem.

As mulheres deixam de inovar
e de pensar sobre os problemas:
aceitam o que já sabem espúrio
em troca de uma foto em revista
e do reconhecimento de gente anônima.

O mundo já não pode ser todo abarcado
pelo pensamento em busca do sonho:
há de se aferrar aos pequenos cargos
e de se consultar antes quem diz autoridade,
para pensar sobre si mesmas.
O início de um século!

Os homens abdicam da iniciativa,
deixam de provocar as mulheres;
em nome de olvidar suas críticas,
erguem a igualdade onde não existe...
Uns aos outros declaram-se amores,
face à grande aridez do belo sexo,
mas que em breve, por prudência, podem dissipar:
pois não quiseram a beleza das coisas,
nem sustentar nos prédios humanos
as colunas de sentimentos.
O passado quer hesitar passos.

Pela mendicância de poder,
a ditadura do que é grave e desproposital:
todos perdem a capacidade do riso.
O acúmulo de regras, leis e coisas.
A prostituição do gesto humano.
A mentira da opinião dissolvida.

Para ficar impregnada no momento que passa
a impressão que gostaríamos ter de si mesmos.

Esvanecida no momento seguinte
a marca d'água do repouso em si mesmo.

Para ganhar um pedaço de pão em prato de cortesia,
para acumular o luxo e manter o trânsito
das mesmas ideias,
desvalorizado e destruído
o que antes conquistava a civilização:
o nosso tempo, um próprio modo, a nossa época...

Onde está a descoberta que nos muda?
Onde está a frase que não foi esquecida?
Onde está o pensamento que não foi domado?
Onde está o privilégio de ter te conhecido?
Onde está o prazer da tua vida?

A CIDADE DE ESCORPIÕES

Uma bela cidade
se erguia sobre belos montes
e as árvores filtravam um belo sol
entre as suas belas folhas reluzentes.
Deus preparava um lugar de
repouso e valia
para os viajantes em busca de
ânimo e oportunidades
entre os cômodos de
uma Minas alvejada de encanto.

O comércio se estabeleceu
pela beleza dos montes
e o nome do arraial
breve homenageou os
lugares bíblicos do passado.
Um jardineiro senil
Aparava os ciprestes em formato
de nuvens e sonhos infantis;
um padre holandês
caçava mentirosos com pesadelos.

A prosperidade, contudo,
devastou os ciprestes:
a vaidade de luxos e gastos
perpetrados pela esperteza
dos preços reformulados,
dos impostos sonegados.
Com jardineiros e padres
não desperdiçariam recursos.

O sacerdote foi preso no hospício
de outra cidade recôndita,
pelos alienistas de fraque.
Diziam algo justo,
negar ao pobre
o que lhe seria subtraído
cedo ou tarde pelos corruptos:

Assim se tornaram corruptos antes...

E quando ninguém lhes tocou
dizer da maturidade
do mau exemplo,
avançaram sobre as próprias mulheres.
Em irmandades juraram mentir,
enquanto louvavam Nome Sagrado
no templo do Mestre...
Assim aprenderam a fazer
mais prosperidade: e mais.

A luz se afastou daquele lugar,
com o movimento de
sujeira sobre sujeira,
imundície sobre imundície,
de sordidez sobre sordidez.
Tinham horror, já,
a tudo que inspirasse
Pureza e Verdade.

Nos jantares noturnos,
os planos para engravidar
a filha adolescente do promotor
que fazia tantas perguntas;
e selecionar a amante
que minuciosamente
o seduziria,
para celebrar a partida
de sua mulher a tiracolo.

Na praça, os cumprimentos.
E as moças formosas
Usando roupas de marca
corriam para seus maridos,
com medo de suas ameaças.
Sob o corpo imundo daqueles homens,
deixavam que gozassem
o quanto quisessem, bêbados.
A depravação e a bebedeira
prosseguiram,

perdoadas pelas palavras
solenes e ressonantes
de um padre qualquer na missa,
ciente do que fizeram com
o outro padre que os criticou.

A idolatria a objetos
e paus ocos de madeira,
os colares de cachorro no pescoço
consolavam a falta de esperança
de quem abria mão do raciocínio.
Que louco pensaria sobre si mesmo?

E depois veio a sevícia diversa,
quando as mulheres se disseram
cansadas de trabalhar como escravas
de homens adúlteros:
o corpo já não mais aguentava.
Foram estupradas dia após dia,
confinadas em um lugar de
desterro de si mesmas.
Os fiéis, apenas aqueles
que se abnegavam de
qualquer bondade,
pois o sofrimento delas era
desejável para ser salvas:
prova de martírio.

Aquela seita católica prosperou,
como prosperam os
violadores da castidade:
com prostitutas nas viagens
até à capital,
com os encontros furtivos
que as mulheres respeitadas celebravam:
Recolhiam-se em seus mundos de fé,
naquela facção violenta que lhes consolava,
denominando a quem
escapava de acidentes e acusações
como família.

E veio por fim a perversidade:
os escorpiões encontraram
tudo do que necessitavam para
viver e se reproduzir ali:
a falta de luz sobre os desvios,
a lama da corrupção antecipada,
o desprezo pelos pobres, a grosseria;
o amor à bebida e à depravação,
o prazer do estupro da
mulher repelente em
desposar o adúltero.

O ódio à maternidade
autossuficiente em sua beleza
primaveril de amor à criança.
Ai, de quem não acusasse
e fosse com isso vítima;
Ai, de quem não reclamasse
e fosse com isso usurpado:
não tinha a brutalidade
Para merecer respeito.

Gente mesquinha jogando
escorpiões nos berços
daquelas crianças sob o travesseiro,
sobre as mães sentadas na sarjeta;
olhavam os lacraus com desgosto
profundo de lamento testamental.

Os escorpiões proliferaram
Naquele lugar poluído
pela falta de honra,
onde as bocas de canalhas
celebravam a perversidade
do bicho rastejante em
seus pedipalpos,
fazendo a felicidade
e alimento de serpentes.

Diziam ser lugar mais santo
até mesmo que o Monte Santo
do Senhor Deus,
os homens dominados
pelo prazer da perversidade
de maltratar marias:
aquela cidade dos escorpiões,
o berço do ódio sorridente.

Já não havia ciprestes podados,
nem chegava perto a primavera;
as irmandades cessaram seu canto
para longe do cadoz de agulhões;
e as mulheres de verdade
buscaram a distância profética
de denunciar venenos
com que se exibem, nus,
os escorpiões naquelas ruas.

NO RESTANTE DO MUNDO

No restante do mundo
é tempo de primavera,
de cantar a flor desabrochada,
de estrela Vésper surgindo no cair da noite.

É tempo de cantar as boas memórias
com que o futuro se revela em esperança
e as dores adormecem no fazer as coisas;
o selo de cera rubro de queimar meu rosto
em tuas palavras de sentimento e gozo.

No restante do mundo
o Sol se levanta com Justiça,
pois os justos agradecem
pelo presente de mais uma manhã na vida:
por despertar para a messe do Mestre
e aprender num Sagrado serviço à Pátria*.

No restante do mundo,
a paz de concordar com o aroma estranho
de câmara nova em que se desvela o rumo:
amar o que é novo, para compreendê-lo.

O tempo de desenhar e inspirar cheiro de tinta
criando as paisagens humanas de meu coração
ferido,
do teu amor sucinto, paisano e persistente
com que provamos um gosto extrato do
relâmpago.

No restante do mundo, o mesmo poeta
abre e atravessa muitas portas
com mão de escrever sincera.
Dizendo as lágrimas de tudo que nos toca,
o desejo que liga as constelações
com nossos desenhos de criança.

* “Poeta, canta a história da Pátria!” Paulo Rónai.

O tempo de saber quem fomos
e no que somos distintos,
a dedicação do nosso mesmo valor de face;
o mesmo tanto de poeira devolvida ao mundo,
o mesmo tanto de passos de encontro a si mesmo.

UM MUNDO MELHOR

O que é um mundo melhor?

Para o soldado, mais armas

Para o escravo, menos trabalho

Para a prostituta, mais infelizes

Para o político, mais votos

Para o parlamentar, mais emendas

Para o empresário, mais isenções

Para o guerrilheiro, mais reparações

Para o socialista, mais discursos

Para o comunista, menos partidos

Para o pecuarista, mais vacas

Para o ecologista, mais florestas

Para o construtor, mais casas

Para o diplomata, mais consenso

Para o estadista, menos guerras

Para o traidor, mais idealistas

Para o cantor, mais cachês

Para o agricultor, maiores preços

Para o cozinheiro, menos pratos

Para o garçon, mais gorjetas

Para o burocrata, mais papéis

Para o comediante, mais erros

Para o cidadão, menos impostos

Para o jornalista, mais informação

Para o maçõn, mais altruísmo

Para o filósofo, mais ideias

Para o cientista, mais descobertas

Para o Constituinte, mais diálogo

Para o advogado, mais êxitos

Para o juiz, menos processos

Para o padre, mais fiéis

Para a freira, mais orações

Para o monge, mais isolamento

Para o industrial, mais consumo

Para a modelo, mais dieta

Para o professor, menos aulas

Para os alunos, menos provas

Para o carrasco, menos mortes

Para o nazista, mais mortes

Para a feminista, menos homens

Para o covarde, mais ex-mulher para
esfaquear

Para a mulher idiota, mais feminicídios

Para o bandido, mais roubos

Para a polícia, menos bandidos

Para o músico, maior público

Para o pintor, mais arte

Para o rei, mais súditos

Para o poeta, mais amor sublime

Para o veterano, mais serviço

Para a criança, mais brincadeira

Para a mãe, mais tempo com os filhos.

BRILHA A ESPADA

Eles defenderiam a família,
mas separaram da mãe os filhos.
Eles lutariam pela Justiça,
mas pediram fosse decapitada.
Eles garantiriam a propriedade,
mas roubaram os créditos.
Eles premiariam o mérito,
mas condenaram o trabalho.
Eles liderariam rumo ao futuro,
mas disseram que nada pode ser feito.
Eles defenderiam a democracia,
mas violaram seu espaço sagrado.
Eles celebrariam a liberdade,
mas mandaram calar a pluma.
Eles respeitariam a privacidade,
mas insultaram com indecoro.
Eles combateriam o terrorismo,
mas atacaram as velhas naves.
Eles revelariam a Verdade,
mas preferiram urdir mentiras.
Eles clamariam a Constituição,
mas pisaram em suas folhas.
Eles protegeriam a vida,
mas selecionaram mortes.
Eles ergueram o cidadão,
mas apenas para assumir o poder.
Eles não ouviriam a voz do Povo,
ficaram surdos
quando o Povo disse: chega!
E não queriam houvesse névoa e fogo...
Meio ao fogo, queimou a palha
mas brilhou a espada:
a espada em brasa canta
nas mãos cheias,
ornadas de fuligem.



ECOS DA II GUERRA

*(para o 27 de janeiro,
Dia da Lembrança Internacional do Holocausto)
#noslembramos*

Eu já não lembro do calor de um abraço.
Eu já não lembro do gosto de um beijo.
As reclamações de minha mãe soam distantes.
Eu já não lembro de caminhar na rua,
de encontrar a manhã de serração no vale,
ler o jornal do dia e a seção de quadrinhos,
bebendo um café à beira do lago.
Eu já não lembro do choro dos meus filhos,
nem do barulho das crianças brincando.

O bosque frio com o riso de fogueira,
a montanha de fios de água percorrida.
Tudo consta em minhas memórias:
mas não as sinto.
O meu corpo dói,
a minha boca é seca,
os meus pés descalços.
Apenas tenho uma roupa
que, generosos, me deram.
Peço pão
e perguntam-me:
o que é pão?
Retiraram-me tudo
até que pudessem escrever:
deficiência...

Assim querem colocar os judeus, ciganos, armênios, humanos
como os primeiros nas filas de mortos.
Há risos, gritos e sirenes,
o telefone toca incessante:
o que D-us deseja que eu faça
para que eu sobreviva?
O que posso fazer para
ver de novo meus Filhos?
E escuto à esquerda.

E escuto à direita.
Os muitos olhos em mim
para que eu não escape
nem desvie de tudo que digam.
Estão mais suaves,
porque minha alma é de pedra.

Há drogas em meu corpo,
silêncios nas câmaras de gás:
morreram porque eram vivos.
O cheiro de gente queimada
nas chaminés de monstros.
Os cadáveres brotam
das covas, entulhados.
A voracidade das más línguas
trespassam as minhas palmas.
As mulheres retiram os ovários
e são chamadas de prostitutas;
despejam os homens nelas
o fel dos deuses arianos,
até o ventre desmedrado.
Querem saber o dia em que sangram.
Se tenho dores de cabeça,
me enviam às injeções que
impedirão minhas pernas...
Há guerra e mudez à noite:
uma vela
não saberia queimar quando nem onde.
Onde as velas?
Onde a lucidez?
Todos os meus bens me foram tomados.
Todos os meus familiares me foram tomados.
Todos os meus amigos ausentes.

Usam minhas doenças
para construir armas e
reembolsar dinheiro.
Não há razão, não há legado:
apenas o mal instalado
girando rodas de tortura.

Querem o triunfo da Pátria:
por isso esmagam
tudo o que em mim vive.

Eu sou desta Pátria,
mas não sou a Pátria deles.
No céu não há pássaros!
Dizem lindo e comovente,
dentro de um túmulo,
os sons de tiros concentrados
de décadas no tempo eterno;
Apenas porque alguém
viveu antes por mim isto.

Se a dor for insuportável,
dizem tenho o coração de meu amigo
para despedaçá-lo entre os dedos.
Mas alguém acende uma vela:
muito tempo depois
alguém se lembrou de contar
em poucos fatos
a minha história.
E agora há paz e repouso...
Tenho o coração de meu amigo
inteiro e intacto.

NATAÇÃO

Todos os dias acordo
e encontro a noite que o dia escondia.
Obrigaram-me a ser poeta.
Agora é tarde,
pois me habituei a isso.

E perambulando pelo sono,
quando desperto,
algo me assusta:
O quê, como, quem, onde?
E abro percorrendo
as muitas folhas da vida.

Foi quando te vi perplexa
igual certa vez já estive.
Eu te perguntei:
Precisa de ajuda?
Não veio resposta.

Estavas nadando,
ou te afogavas?
Pelas dúvidas,
busquei teu braço.

Não nadavas
há duzentos anos...
No Brasil
nós nadamos todos os dias,
onde o espelho d'água dá pé,
porque foi construído antes do tempo.

Mas jamais te vi nadando
no lago de imensa profundidade
de si mesmo.
Amarrei em mim cinco cordas
e tendo afluído, te perguntavas:
Fui eu quem fiz isso?
O que eu fiz de errado?

Onde está minha contraparte?
O que eu faço?
Quem terá feito isso por mim?

Eu não tenho as respostas,
mas ao menos, agora, estás a salvo.
De repente me ocorre uma resposta:
o lago de perplexidade
foi porque tu e nossos amigos
não quiseram participar de nada.
Se fizeram bem em não participar
das coisas que fazem os homens sem esperança,
eu não sei.
Mas ao menos, agora, estás a salvo.

POEMA DA DISTÂNCIA SEGURA

Tens muitas mulheres que te apoiam:
é o que me dizes, no ouvido aberto.
Mulheres de honra, pudor e glória
que vêm em teu socorro quando a linha quebra.

E gritam de prazer em teus braços,
esganiçam os sentimentos teus,
abrem portas para que entres.

Desafias que nada pode reverter
o que entrelaças no meio do caminho.
E me perguntas nos jornais: onde estão os meus homens?
Tenho homens e mulheres que me apoiam:
também homens de poder e honra, mulheres de pudor e glória
que vêm em meu socorro quando a linha quebra.

Sem gritar de prazer em meus braços,
sem esganiçar os meus sentimentos:
construo portas para que entrem.

Mas nenhum deles eu tombaria na tua guerra!

Amigo, a vida segue,
áspera e seca,
feita de ar que não enche os pulmões.
Tu aí, e meu canto em outra parte,
depois que te saciaste de dizer muitas mulheres.

A tua vida besta,
a minha de trivialidades.
A vida continua!

Enquanto sobes as escadas e
proclamas a tua vitória,
de mesma vida oca e de sono vazia...
Pensa que segue sem sentido nenhum
a tua e a minha vida,
neste átrio de ilusões que corroboram.

Olha ao teu redor,
Olho ao meu redor,
e vejamos a realidade.
Detestas mulheres!

E eu tenho receio dos homens.
Siga usando no poder as tuas mulheres,
Enquanto sigo me desviando de pudor dos homens.
Tu aí, e meu canto em outra parte.

PRO PATRIA SEMPER

Sou Fuzileira e veterana,
sei da vida muitos calibres.
Da fé minha força emana:
sou combatente e livre!

Eu me oculto em meio à selva
das muitas considerações
e grito meu brado de guerra!
Se à Pátria ameaçam razões.

Sou Fuzileira e veterana,
invicta: expulsei os mouros.
Naveguei pelas ondas tristes,
ensaiei a solidão e o choro...
Meu túmulo já foi feito e existe:
meu Prêmio é ter dado no couro!

Eu defendo esta terra e suas cores,
a colenda Marinha e os diplomatas.
Sempre a última, eu carrego as flores,
os límpidos mares e as densas matas.
Ai de quem não me vence ou empata!

Estando prestes e tudo pronto...
Urbana, campestre, marítima!
Visão de minh'alma no ponto:
por Minha Pátria, jamais vítima!

Camuflada na poeira do tempo
busquei paz com meu adversário:
lá na frente, sem agradecimento
tombou quem se fez mercenário.

Juntos somos, aqui estamos!
Se voltarei para a casa materna,
se meu pai verá muitos anos...
Eu não sei, de minha farda eterna.
Pátria sempre é o meu decano!
Nesta lama da guerra moderna...
Combatentes, eu irmano!

(17 de dezembro de 2020).

O LIVRO DOS AUGÚRIOS

UM AUGÚRIO

Eu sou filho da paz
fugitivo da guerra
Eu sou hino fugaz
no peito da Terra.

Eu sou miga de flor
levando o caminho
Eu sou segredo da dor
perfeito carinho.

Eu sou saída do mundo
destino nas placas
Eu sou voz do segundo
sintoma que aplaca.

Eu sou vasilha do sonho
murmúrio em floresta
Canção, sem cor, cerviz,
seresta.
A taça ao pôr o final da festa.

O que eu sou?*

SÚMULA DE EMPATIA DEFINITIVA

NO ÁBATON eu voo como a andorinha pelo campo florido de maio. Os fillos de trigo balançaram os cencenos porque o vento balança os meus cabelos. Caminhei a cada encontro de ruas em Lisboa vagarosamente, o engenho dos paralelepípedos e as janelas me olhavam: estava erguida sobre colunas de floradas. A cidade não me trouxe mãos envoltas, mas me prometeu o verso. Disse que desabrocharia uma longa flor de sorriso por dentro. Ora, também a chuva vem depois de dias quentes, a cidade não precisava me dizer isso; sei que Lisboa não é deserto. Contudo nas praças, só pombas. O que faz ali uma andorinha? No fim da tarde, triste ela não vê suas primas se recolherem acima dos telhados. É assim que voam e se repetem as andorinhas. Mas narrei meu passo para se seguir um ao outro; outro passo é diferente deste passo. Tudo o que sei é que sei disso. Mas não sei como sei dar um passo depois do outro. Muitos seres não sabem. Eu abri o meu peito, como eu te disse que deverias fazer. Não é assim que me dizes, para que eu saiba? Mas ainda assim meus sapatos soavam fúteis, dados jogados por outrem. Íons em cadeiras com papéis em branco. Não hei mais de viver o começo, meio e fim de cada coisa diversas vezes! Haverá paciência, para não desatar os nós fáceis, os laços largos com que as pessoas deixam de fazer ninhos? Ah! Já não há quem deseje fazer planos de trajetos e de voo estival, como as andorinhas. A esterpa então vence, mas como gosto que me despertes com chão! É quando me dizes não haver na tua vida outra poesia além da minha, nesta esfera em que tudo é construção da onda. Eu não quero as discussões feridas no peito. Apenas o teu chão batido de terra, de onde desperto da minha Pátria sagrada de sonhos. Óbelo exultante de minha vida: és o poema, um não ao ábaco. Tento não adulterar a palavra que sinto, mas quando terei sentido eu mesma? Dizer que há onda rara, aquela de que me lembro. Veio um após o outro, pensamentos se sucedem, como és surtido de História. Mas deste poema tomei nota e me lembro, por isso ele me é raro. Será raro o desvio de culpa? Não, pois não está mais sobre a mesa, já foi servida a ceia dos povos. E destes fluxos de gente, onde está o sobressalto da tua resposta? Aquele com que me dizes quando Deus existe: decidiste fazer parte de minha fé na vida. E haverá luz nos teus olhos? Cessará o espinho? A perfeição celebra o olhar noviço. Pois não querem mais os homens avançados as mulheres não ensinadas, nem o trabalho de tê-las. O esporte dos filhos menor que a dileção de percursos fixos. Nascem para morrer. Duvidam da vida que os óbolos ensinaram eterna, não querem mais provar da glória oculta vestida de camiseta... O tempo precioso de amar desmesuradamente amordaçado, suspenso pelo medo, castigo do adestramento da volúpia. Mas me dás esta porta aberta para o infinito. Não mudas. Segues dizendo que sou a única poesia em tua vida, e isto se torna tudo, pois eu reverteria o giro da Terra se não continuasse sendo. Existe um traço com que eu escrevo estas portarias de um sempre segundo: fizemos algo substancialmente em comum. Teremos sido contra a logorreia e as convenções autoritárias do homem convencido de si próprio, nós tecemos algo verdadeiro e puro. Clamou o meu sonho e me ouviste: inédito. Não receaste ser superado, não foste Príncipe, navegante da matéria... Nítido movimento de atender a quem te ama que só eu vejo, vestido de vapores quentes. Laço de nervuras e marcas nas garras desta minha andorinha.

VIGÍLIA

Vigio durante o teu sono, o teu olhar de fidelidade, o ponderar dos muitos anos. A luz profunda de teu rosto e riso, aliviado de dizer coisas sinceras. O conforto de ter dito coisas que pertencem ao coração. Teu sono sem alarmes: só as dúvidas sobre a vida e a morte, que os teus passos te fizeram ter. Saltas estas fendas. E perscrutas gente. As interrupções das quais para mim retornas. O teu sorriso, finalmente. Que ele seja eterno e além da duração dos tantos prazeres indizíveis que me traz, que seja a cenha de música álaçre permanente em tua testa. O sorriso de se saber amado e querido. O suspiro de universo pleno de coisas boas. O transe meditativo de ouvir minhas orações e os bons anjos. As medidas de cada coisa se acomodando ao trajeto que pedimos Deus nos traçasse. Sorria, e essa contração bendita do teu rosto seja eterna, intercalada de guisas engraçadas, de carinho imaculado em teus ombros... Sobre as dores em teus braços e punhos, de manter erguido o estandarte de labor moral que sustentas, de angústia no peito de obediência, de comiseração de pobreza e estio, de castidade feita de ausências; todas essas dores sejam esquecidas por causa de meus beijos em teu rosto eterno. Até que me digas: chega! Chega do drama de teu amor sincero por hoje. E rindo-me, vendo-te abastecido de todo bem celeste de que necessitas, de fé em si mesmo desde altíssimo volume lido pelas mais solenes autoridades, os dias, e pelas mais honestas testemunhas, as noites, bem alimentado de canto de pássaros na manhã de orvalho recoberta, completo de memória alvoroçada de alvoradas e de tramontes deslizantes em luzes de um céu delirante, eu finalmente possa ir para minha vida: pensar meus deveres e meus papéis, paginar as folhas e ler o jornal; trocar lâmpadas. Deixa-me dedicar à capital da luz e à consciência do mundo, no altar sacro da sala mestra em que leio teu nome: Amor. Amor, dorme feliz, que amanhã recomeça tudo de novo, e o dia será mais um passo rumo a teus sonhos de criança.

GARANTIA DE VIDA

(a um enfermo)

Escrevo desde acima dos telhados onde nos escondemos da morte, e vejo teu torso jogado, ferido de linha de frente. Louco, te atiraste contra a lança de bilhões de lamentos. Culpaste o sofrimento como prova de tua coragem, para dizer nosso território. Por isto eu desço a ti, homem ancestral combalido, que se jogou na frente de todos: para preencher de novo com esperança tuas veias, soprar tua testa quente e molhada, acolher-te em tua força indigente. Dizer que de fato, em vivendo, não irás aprender nada, que inevitavelmente te tornarás orgulhoso novamente, mas: por melhores motivos. Por ora, eu sinto os suspiros de medo quando teus olhos fecham, a incerteza pulsando a ponta dos teus dedos. Nos falta coragem de caminhar em direção aos segredos do espírito: a alma parada. Receio de deixar o corpo e não encontrá-lo mais: levado por outrem. Mas por isto eu venho. O teu rosto surgiu num grupo do qual não faço parte: correu no túnel do silêncio, vazio de tuas ordens imperativas, escorreu sobre a cuia de meu tacacá vazio. O sobrinho do primo de tua tia pouco trabalha, ele esconde e controla o pânico. Estamos no Brasil. Pede o teu soberano eu te acuda e faça a mágica. Desde Tegucigalpa, aonde me enviou, de onde não posso sair de casa, cercada pelos maias, ainda com as mãos amarradas e de ponta cabeça, ele me insiste: não há limites que impedem o sonho do poeta; não há distância entre os que se amam. Quer eu dê a ti uma garantia de vida, que eu alce e estenda ainda mais a voz marcada de um compromisso sagrado, mesmo que isto leve minha vida a estar ligada a qualquer vida que possa ser perdida, e ainda assim; por alguma razão eu não perca a minha nem a tua. Por isto eu venho a ti. É longa esta garantia de vida, mas nem tanto: nada além do que é normal esperar e escrever. Deliras e me dizes para combater a calamidade, para florescer a vida humana. Queres te precaver com últimas palavras, mas bem sabes há muitas ainda a ser ditas. A beleza da fragilidade de quem sonda por mais beijos. Já salvei muitas vezes o meu tio, quando se quebraram quase todos os seus ossos: dirigiu com sono. Todos os dias o carinho leve, e ao cessar ele mais pedia, constante. Ao dormir, no país dos nossos sonhos, eu o deixava. Todos os dias, as visitas de cura que ele sorvia, confiante em meus olhos. E os enfartos, apenas sustos: o sorriso de estar presente, a fé bem salva. Até que eu não fosse mais, quando decidisse ele mesmo a hora de dar passos no caminho eterno... Escuta! Estendo então a tua garantia de vida, porque és pequeno ainda, e delegaste a Deus, O qual por sua vez, por razão que sinceramente desconheço, fez chegar o fato a mim; talvez porque estivesse ali ao Seu lado, a serviço Dele. Te explico, deste ponto em diante, como funciona. O Senhor não vai te levar sem que tu queiras! A Sua bondade, seja racional: sempre foi infinita. O Cordeiro mais manso e onisciente sempre faz de bom o que tu decides, para o teu bem. Eis a pedra preciosa e luminosa de que todos sabem, e poucos acreditam, a ponto de tê-la. Portanto: não largue minha mão, nem isto que te dou, nem deixe a minha voz, no momento escuro; ainda que te esqueças disso, saiba que estou por ti. Até que tudo esteja de novo calmo, até que não haja dúvida alguma ao teu redor, de que não queres partir agora... Trabalha com calma, ouvindo os ruídos de teu peito, paciente, pesado, piedoso consigo por dentro. Concentra-te no que te faz sentir melhor e te acalma. Todos os dias um pouco, sendo paciente, patricio, perseverante consigo... O sorriso e alívio de ter mais uma manhã de presente; o solo de Novo Continente em que brota a tua árvore. Debela o perverso. Encontra o que te levou a estar onde está, o que te trouxe até aqui, o que te faltava saber... Pensa no futuro aos poucos, até que ele caiba em uma imagem sadia e clara, de sensação concreta, de proteção aos teus filhos. Foi no dia de São José, o calor de teu e meu colo. Caminha rumo à imagem de realidade que concebeste com carinho, rumo às pendências de tinta suave que te acalmam: a cor da tinta e as suas texturas são mais importantes que o quadro almejado. E fia por dentro, paciente, nos bastões de coragem com que combate gloriosamente

o teu corpo. Te entregaste tão ditoso às engrenagens, que em tua fragilidade humana, a batalha veio adentro... Mas não há nada mais selvagem que a tua loucura, nem rede mais macia para cair de abraços. Um domínio de cabelos e curvas te aguarda: assim caminhas sobre a água entre os morros. Ainda estás lindo demais para ir-se agora. Esfrega tuas mãos, os teus ombros, o teu rosto; aguarda o tempo em que virá melhor momento decerto, para ir-se em segurança. Aproveita o repouso: que os dias ainda vêm, e serão muitas as diatribes na liça, as sílabas de epígrafes, as velas içadas, as paredes construídas, as folhas a brotar, os frutos a amadurecer, enquanto perscrutas o céu e aprofundas nossas raízes. O sofrimento sem dúvida virá: mas tão menor que a minha alegria em te ver! Em breve estarás trabalhando de novo na vida, até que disso, sem saber, tenhas esculpido o teu busto invisível, para brilhar no fundo das coisas visíveis; para dizer aos meus dedos palavras já escritas.

INTERIOR DE ETERNA MIRADA

NO FÉDON encontro o teu âmago absoluto, o ânimo dos desvios para retornar à alma: os sopros recorrentes que narram a mim mesma. A atenção que me chama ao perigo desta vida, das acusações contra o que em mim busca abrigo e conhecimento. Nele me escondo e engendro minhas vontades, na imaginação solta sob seu escudo; nele eu me protejo de desligar-me de meu corpo, de perder-me em palavras soltas e memórias amargas. Voz minha que sussurra cuidados e recolhimentos, sob a luz dos olhos refletida em um espelho. O paramento de minha alma ligando-me a toda outra alma aberta a receber chuva, a crescer vigas vigorosas que darão os frutos saborosos e carnudos; estes aqui colho e partilho. Ai, antídoto doce de minha vida, a imaginação de um porvir recusado, a desgraça revertida pela narrativa nata de quem viveu a história de outrem. És infância, ó Amor querido, o tempo de descoberta no quarto de nossos ruídos, de mão aberta e estendida sobre o teu peito que me desperta. O teu sonho invadido se tornou real sem que eu ponderasse: porque me quiseste. Cessou o movimento pelo mapa, o sentimento transplantado de rua a rua e de trajeto a trajeto, e agora tudo é quieta essência dentro de mim. O látigo nos ares envia o vento; eu inspiro internamente o que os ares circulam, como gravitam os astros: feitos também de órbita que eles mesmos traçam, adivinhando que devem permanecer no mesmo lugar e manter a mesma distância, atraídos na mesma medida em saber sobre si mesmos, para que a mesma trajetória se complete, e em tempos distintos todos se saibam. Sim, teu âmago absoluto permanece, e as histórias que o destino traça são como a imaginação que moldo, alinho e danço, até que tudo esteja de acordo com o que quero sentir neste momento; ai, saio de mim para ver o que sinto. Cesto de emoções caídas quando as observo, colhidas como o fruto no cavanejo: meu olhar de tesoura colhendo cachos, meu corpo em lagar no qual trasfegam teus impulsos. Algo que nunca acabo de dizer sob a sombra de teus olhos cintilantes, entre as tuas mãos de renda; o teu chamado em meu canto.

LAGO DE PROFUNDIDADE INCONCEBÍVEL

EM EUTÍFRON, eu recuso o veneno e seus óxidos, a assertiva que coíbe o meu pensamento; a alegação de determinar minha consciência. Não, nenhum desconhecido pode arrogar meu destino, nenhum desvairado pode clamar sobre mim sua onisciência. Eu demarco o valor do que busco, e o limite em minhas defesas com paciência; meu brado saudável de relâmpago, o movimento simultâneo de abrangência! Os homens brutos assolam para obrigar o que lhes ofereço em favores, descem fogo para predar meus amores gratuitos; mas não dou nem faço empenho frente a mágoa de atores, eu rejeito o que chamam de afronta: os seus próprios dissabores muitos. Nada incomoda mais que a minha humildade sangrando completa, que a humanidade em meu seio rasgado! O que é justo permanece justo como pedra de grande dureza; às intempéries dos gestos vazios, sob a falta de lealdade e grandeza. Pois este Amor não pode ser extraído à força, a falta de consentimento jamais será calada; por tirania ou pela força, seja a morte solteira ou casada. Nele, Amor, eu encontro a sabedoria maior da piedade, a voz senil de cantos fortuitos, o sendeiro de flores caídas; o sol sobre as falhas imputadas, o rio sobre as irmandades depredando vidas. Os tantos peitos que carrego, as tantas dores que padeço... Os prazeres aos que me nego; aconteço. Sim, Amor, tudo é cálido, ácido e espesso como vulcão desperto, tudo diante do mal se queima e recolhe; mas o teu estandarte é minha vontade indissoluta, teu ombro amigo sustenta o que a fé escolhe; lava petrificada ao encontrar o teu lago de profundidade inconcebível, feito de minhas lágrimas devolutas. Não as dei a ninguém e estas, sim, viste... A cura do mal outrora em riste. Em terra devastada pela mentira e pela má vontade: Amor, te digo que eu te amo de verdade.

UNIDADE DE GRANDEZA MÚTUA

NO CRÍTON, eu medito sobre a rapidez com que a faca apunhala e se esconde, sobre a inveja anônima do corpo público que move e fala. Sobre as circunstâncias nas quais a virtude dos bons atos suprime a humanidade nos homens, ai! Nenhuma bondade sairá do mundo ileso. Nos templos de religião e de justiça os olhos se consomem buscando o resultado que saciará a sede de sangue, de humilhação de quem pairou acima dos covardes, de quem não se escondeu sob a herança da chuva, de quem usou o corpo para amar a mesma espécie; para redimir suas dores. Ali, Amor, todo lobo espreita e geme em busca de um pedaço de carne de meu corpo, e quem me viu crescer chora. Por isso eu corro contra o tempo, para te salvar, e quanto mais manso teu olhar mira a luz de teu caminho, mais longa será a distância que percorres para escapar do lenho; quanto maior teu silêncio, Esposo, maior o conforto de quem bate, e mais crua será tua carne entre os dentes ferozes. Quanto mais perfeitas e plenas de doçura tuas palavras, mais salgadas e abundantes serão as minhas lágrimas, até que escorram ininterruptamente em vários rostos e lugares, em todos os tempos. Eu dei um grito saudável e por isso todos ouviram; a resposta veio de cima e ali estavas respirando entre tantos, provando quem era inocente e fazendo todo dia a lavra. Por isso eu corro e exaspero, por isso eu me estendo onde não sabia ser possível, e então durmo com respiração pesada: as rezas não bastam e o lapso de tempo oculta; a minha falta de memória e de instrumentos. Ser mulher, a pena de ser fraca. O que será de ti, Amor, se caíres onde a minha mão volúvel não alcança, onde o meu espírito desarmado não resvala? Eu me contorço e penso pela noite em como os anjos poderão salvar-te. E o demônio me observa, despachado ao inferno, declarando inúteis no inferno meus atos; que o poder te corromperá cedo ou tarde, que as adulações e a inércia da duodécima satisfação te mostrarão como tombar na estrada. Busco, portanto, as paixões sagradas, estendo em minha porta as frases bíblicas; para que fuja da cruz o monstro e perca a sua voracidade em ganhar minhas dívidas. Neste lugar, Amigo, em que Deus está no gesto de minha vontade, não há convívio humano: o deserto de alimentos do qual saio para perder de novo a vida, e pela centésima quinquagésima vez reencontrá-la apenas depois de dias, nos braços macios dos teus carinhos, nos lábios perfeitos dos teus beijos. Ser profeta. E aqui estou triste, porque a sabedoria humana e a misericórdia divina me tornou sábia e mísera: evitei ir além de meus limites e não tive forças para saltar a desgraça. Deste ponto em diante em que de nada disponho, no qual ceifa a morte, nada consola meu peito: por isso, Amor, a necessidade de grandes passos, com que nós mesmos traçamos caminhos e alocamos as pedras; de descobertas que nos fazem contemplar a vida em sua totalidade; de emoção mantenha que transborda até preencher nossas famílias; do que terá feito estas passagens entre o campo e o abismo uma gota suficiente que nos protege e cala.

CUSTÓDIA DE MEUS ERROS FELIZES

NO LEMEGETON, eu recuso ler o que pressinto ser pressão sobre meu corpo, o prenúncio do apocalíptico e arriscado. Volto a pisar minha sombra e retorno aos escritos sagrados. Um anjo me pede a eloquência em segredo, avanços de teor profundo, descobertas e o fazer seu enredo. Homens dizem já ter expugnado todos os anjos, decidido com braços e anéis os domínios no mundo; pregando ser a nossa desgraça uma vingança da Terra ao profano e imundo. Mas recuso o sofrimento, repudio a maldade justificada, ai! Não me deixe ascender frente ao choro de inocentes, jactar sabedoria escarnekida, dando aos malefícios risadas. Que eu ore bem cedo, pela noite e de madrugada. Ali, no lugar excelso onde voam as espécimes divinas, o repouso e leitura das mensagens que recebo: a fé, o amor, a esperança e o medo. Três anjos me ajudam, três anjos me bebem. Rafael me cura, Gabriel me acolhe e Miguel me diz Phebe. Por isso eu me afio, ao longo do dia, no patíbulo de um sacrário trêmulo, de ser sua espada: Miguel me abre as páginas e encontro. Transcrevo do vento a notícia de seu breve frêmito e prenúncio de gozo... Gabriel se esconde e o busco. Do mar parado, um instante estímulo que me engendra e me cura. Rafael me suplica favores e sou forte de novo... Com anjos e santos que sabem como produzir melhores obras que almeja meu peito escancarado, eu busco algo acima de um êmulo e me consagro. Muitas vezes tocam sinos: é quando me diz um quarto Anjo, e de esquecido está magro... Haverá mais anjos? Afinal tantas hostes! Serafins, Querubins e Tronos; Dominações, Potestades e Virtudes; Principados, Arcanjos e Anjos; e não esqueçamos de Cupidos e arranjos, o que desejese e gostese... E assim vão movimentando as noites e os dias, atendendo na imensa distância que se forma entre Deus e o homem. De viver com os seus, certas memórias somem. E tantos anjos perfeitamente sincronizados vão nos dizendo o que Deus faria. Mas o que me diz um quarto anjo, o que eu não faria? Meu Anjo Custódio, ser errante, erra comigo aonde eu ia. Se este anjo protesta, eu me pergunto, em que me acudia? Aos três Arcanjos, as virtudes de nos ser próximos e nos socorrer tempestivamente. Ao quarto, sei o que devo, precaucional percebo: o meu canto resistente. E minhas cartas não chegam, a gente vai recolhida; de vulcões, placebos, gafanhotos, marés subidas. Paixões não correspondidas... O halo solar na linha de cidades interligadas. Incêndios em terras virgens, e daí vão cercando usinas e estradas. Barulhos de gases em atmosfera modificada. Sismos, falta de hinos e igrejas assoladas. Rafael, Gabriel, Miguel: ainda nada. Tirou férias, a trindade de Arcanjos celestes, devem se virar sozinhos, os homens, nestes dias? Afinal, muitas vezes é o que a humanidade queria. Ser dona de si mesma, responder sem prelaia... Mas sob a reza devocional contra a doença, tristeza e perigo: retornam os santos anjos protetores, a mensagem de Deus-comigo... Vem o anjo divino portando mensagem que nos salva: no texto de um livro, na voz de um amigo, na estrela d'alva... Mas só o Anjo Custódio é que, nos pedindo maior atenção, nos protege impedindo o que nos falta em visão, ah, meu anjo! Bato palmas! E sob esse céu em que ele me é escondido: o peso que não me larga e calva... Mas em tudo que não é, nem foi, busco ver qual foi o propósito; livramento de um depois, menos coisas em depósitos. O diabo só atua depois de ter sido pago..! E cada dia cobra mais em sigilo: felizmente meu soldo vago. Por isso eu evoco de Deus a graça dos meus quatro amigos celestiais mais presentes: Rafael, Gabriel, Miguel; e quem me impede ao abismo e o presente. Temo a Deus, Ser tão clemente! Meu Anjo da Guarda a trazer Seus avisos. Tantos erros que me salvaram, de ter amado esse melhor Amigo!

O PERIGO DAS COISAS

Eu tenho receio de que te magoes, por isso a minha ansiedade: o suor intermitente nos frisos das portas pelas quais entra o sol da tarde, na sala escura construída sob os toldos frágeis dos trópicos. Tenho receio da brutalidade da natureza em teu olhar quebrado, da tua voz perdida em palavras automáticas: ser condenado à senilidade do sonho, de dizer coisas sem o significado delas. O amargor que tudo critica e testa em busca de limites para um rancor guardado, que declara inimizades para conferir louvor aos próprios atos, sem o frescor das justificativas e da tua argumentação pausada; sem que estejam pesados os valores e tudo o que chega aos teus olhos, pelo teu carinho e afabilidade. Eu tenho pavor de sofrer de grande silêncio, depois de ouvir palavras de tua boca ferida. Do tiro em minha palma direita para salvar teu peito, de tinta escorrida; do futuro que eu venha a desenhar e desimpor, do raio cair sobre o ponto mais alto, o teu cume. De que não venha a estrela da minha testa em tua testa. Das coisas minúsculas e sujas contaminarem os tecidos com que se montam as nossas falas. Do preço barato de um vestido branco, liso e elegante, salpicado de flores negras. Tenho receio: de que te domine a angústia, e cego para resolvê-la, corras rumo ao parapeito enferrujado da raiva de nossos prédios velhos. Sei que estás em prédios novos, mas Amor: afasta-te dessa bancada de onde os homens caem. Da sede de altura e de adrenalina fora de teu corpo, tira os vermes de teus sapatos com cloro: pois estás vivo! E gritarei quantas vezes necessárias, para que sejas dignatário de teus cabelos. Para que continues em teu íntimo sem o que apaga nos homens esse dom de bondade: a falta de consciência.

O CANTO DE ZIZ*

Ouço um tremor nada consuelo, o agudo grito de uma ave em vibração. As víboras se ocultam nos buracos de seus apelos, no céu a sombra tira do sol o rumo e direção. Sob os cíbalos se refugiam os cães silenciosos, sob o risco de ser o cibalho da altanaria recobrem os ternascos suas peles e os seus tímpanos; a cidreira cimbrada sob os cedros agarra seus frutos cozidos pelo calor do solo. Aura que faz no céu a aragem de constelações leitosas sugando o ciclone, a voragem das paixões e o torvelinho de regiões inóspitas, insones... O pássaro robusto cianocéfalo com asas corpulentas se locomove, qual cicônia sem descendência faria: das praias a água remove, da crosta a poeira levanta, dos vapores a umidade absorve pelas narinas de seu invólucro córneo... Não foi chocado por ave, nem incubado por mãos humanas: desconhece o ninho... Bambúrrios chacoalhados nos choques e esteios de voar sozinho; asas chamuscadas relampejando o voo estridente, a cicatriz da orbe, o uniforme dos ciclos, o tropismo dos ares, o ferto sob inúmeros fósforos, a cobertura de flagelos em pregos expostos: ferropéia de oferendas não escolhidas sob as saias... Ampliou a maior envergadura entre o vulcão e o deserto, ocultou exércitos caminhando sob o eco das feras com seu abismo, se distendeu desde Halifax até o Mar de Java... Beléronte, Cadmo e Perseu acima do pássaro gigantesco não voam, solvidos pelo grito mergulham no lago de sóido longo... Os cavalos brancos fogem. No aeróbato o Ziz será chofrado, contudo, pela chuva: o hietonauta escorrendo pelos meus dedos, pelo hiato entre a lasca do céu e o punhado de terra... O Ziz errou pelas eras e desviou órbitas, eclipsou astros e turvou os bosques pelo mundo, mas não pôde cobrir teus ombros com o abraço de meu lenço...

* A Bíblia descreve três monstros de proporções planetárias. O primeiro deles é o monstro do ar, o Ziz (Sal. 50:11; 80:14, 2 Crônicas 20:16).

O MÚSCULO DE BEHEMOTE*

O atasco monumental e intransponível do excremento do Behemote anuncia sua presença, monstro que invade o Éden, os jardins e os paraísos terreares em busca de demolição e guerra. A jorna de sua pisada é feita das entranhas esfaceladas de intuitos. Sobre a sensibilidade se precipita drástico o bicho infernal, de cabeça grande e cérebro de noz; seus muitos chifres fétidos saem pela boca, cospe pelas suas presas fel e veneno... Irracional invade todo espaço livre com suas febras irascíveis, de coluna corpulenta, deixando rastro de incêndio sobre os vastos repertórios, destruindo a singela chama espiritual que nos acalenta em cancionero; as patas do quadrúpede destroem as flores e a relva, esfrega-se em effigies e derruba casas, conlui a fresagem dos metais mais puros com seus ossos de pedra ... Desmiuçou a terra devorando as lavouras antes da colheita e macerou em chamas e cinzas o passado, no pilão de linhas anódinas: destruiu o significado... Da Anatólia à Taprobana, inutilizou a imaginação com lava destruindo o colo da Terra e a graça de fábulas, derrubou as fronteiras cediças e mastigou os ordenamentos humanos pelo caos ao redor de sua grandeza vil! A besta desumana gritando de sua própria anacolia, deixando um vão pelo qual espera preencher e fustigar tudo que é mais caro! Empédocles, em rito de histeria, atira-se voluntariosamente em sua boca para ser devorado, para se imortalizar em um aforisma. Zenão, Metrodoro e Demócates lhe açoitam inutilmente... Atropelados pelo bicho, lançadas suas partes aos que lhes recolhem, nas estações do trem que partiu à eternidade. A rebelião da turba pastando pravidades do Behemote em assembleia, bastante para isso o canzoal laiando golpes de suas dentadas, de seu maxilar musculoso sobre os odres podres das carnes flácidas acumuladas em covas... O seu ganiço espúrio ecoa a certeza da destemperança, porque foi engendrado na bolsa do escroto de um oxiúro: alimentou-se de toda malícia e de crimes reiterados. Rebentada a bolsa, os seres todos estonados em asfalto, afogados em seu esputo de pez cafre! Tudo que é sólido feito pó e cotra imunda sobre seu corpo tacanho de seu movimento sísmico. O Behemote lançou-se sobre os muitos pisos, deslocou andares com seu peso, anulou vontades com seu cimento de violência irreversível, esmagou as palavras com seu grunhido chafurdante; mas não conseguiu mover o chão com passos de valsa, nem palpar meu rosto, quando me fizeste girar sobre o teu eixo; quando me fizeste segurar em tua cerviz com mãos mais firmes...

* A Bíblia descreve três monstros de proporções planetárias. O segundo deles é o monstro da terra, o Behemote (Jó 40:15, Livro de Enoque cap. 58 verso 8).

A ESPADANA DE LEVIATÃ*

O alúvio do Leviatã estremece os oceanos, as belugas são recolhidas em gaiolas desde a fuga de seus mergulhos descompressivos. A baleia azul cessa o cantar e as barcas ficam de sobreaviso. O monstrengo de maleabilidade esganada, somático de penúria de vítimas, necessita ostentar seu tamanho: espirala sobre quem avista, assustando grupos com bocarra medonha, e saboreia nos corpos submersos as carnes evisceradas e entumecidas de esguichada peçonha... A fuga dos despreparados é grito de desespero que o Leviatã engole, seu tamanho crescente conforme o paladino de sua monstruosidade oculta. Raciocínios perversos e a razão enferma não permitem pertencer: procriam farpas de que se alimenta em seu ventre, onde os dias são as penalidades de viver sob a sua sombra... Sob a tempestade obscura e no horizonte de relâmpagos quer tutelar ordens, fraternidades e pensamentos: não sabe o que é espelho, se não refletir o elogio pelo terror que almeja. O Leviatã deixa escombros enquanto se expande pelos rios adentrando as cidades. O horror colossal tem seus vassalos cujo espírito foi atrofiado, nos quais refestelou-se; são fervidos pelo fogo de suas narinas o preceito e a regra. Ai! Sórdido cutelo são suas arcadas: quais punhais descontrolados celebram, com nostalgia, a morte...? Picaduras sobre as caveiras e ecos ferozes sobre as cavernas em que se escondem os homens... A retilinearidade dos momentos perfurados por suas escamas galvanizadas, pelo aguilhão de sua cauda lustrosa e alonsa. Os sábios em piões se ocultam sob a água de seu torvelinho, e o novelo de agilidade é bobinado sobre os inocentes: enrosca e encrespa quem nada deve, porque deseja mastigar o que lhe é microscópico e expungir o indivíduo que se agita... Contra o Leviatã padecem Jonas, Isaías e João Batista, mutilados como animais os sábios e profetas, os Santos e mártires do peso arbitrário do Leviatã que, sem razão além de sua fome, se move sem mover peso algum ao contraditório... E o ostracismo e a distância não consolam a alma, depredada por uma perseguição lenta e calculadora de episódio, na qual se apertam e concorrem os homens ansiosos em ser devorados pela besta marinha. A fera aniquiladora das virtudes pela álgebra dos autômatos ferve o futuro e destroça vontades: quer dos homens maiores extrair o brado e oprimir o peito... Cada curva cambaleante de seu corpo emerge e acena em barco, mas é um bote mórbido sob as borrascas de serpente líquida e intangível mirando ao longe. Contra o Leviatã não posso sozinha: contra as quimeras dos pesadelos que engendra, contra os clamores que absorve para destrinchar pedaços dos fardos, os que deseja digeridos em seu estômago putrefato de sonhos mortos e de florestas devastadas. No entanto, o Leviatã não avança diante da espada que fundimos, nós, os que nos amamos na brisa de primavera e erguemos o canto de passarinhos... Não avança sobre a veste inabalável de Justiça pela qual se espera: a espada encrustada com pedras preciosas que achamos no lago de âmnio dos patriarcas e matriarcas, com as tuas mãos apertadas nas minhas... Nosso calor humano feito de herdar e transmitir, de minha mão viva após tua mão viva, o colar irreduzível que fizemos dessas pedras: o amor que ostentamos em nosso peito.

* A Bíblia descreve três monstros de proporções planetárias. O terceiro e pior deles é o monstro da água, o Leviatã (Jó: 41; e Isaías: 27).

ODE À SIBIPIRUNA

(para Eduardo Graeff)

Ó, César do bosque, ó árvore cesalpínea, de copa volumosa com mangueiras graciosas. Ó verça crochettata de verde, de folhinhas finas, nervuosas... Em ti a arte da delicadeza, de ramificar tua canção sobre a rua em que vives; de propagar-se até o menor detalhe, em vales, ribanceiras e aclives. Vieste a mim em um revezamento de esperança: a sibipiruna havia entrado em risco de extinção, quando eu era criança. E na palma feliz de minhas mãos pequenas, a planta serena e muda; num envelope, as tuas pastilhas vermelhas e miúdas. Não tinham o gosto doce das minhas utopias, duras demais para mastigar! Os índios as carregavam aos muitos, com sementes de jarina e açaí, em colar. E sem saber o peso desses grandes ornamentos, o meu dever de semear o sonho de árvore em outubro: nos descampados da mata, e em vertigens caiçaras, para crescer as contas polidas de brilho rubro. Os moleques correndo na praça souberam da árvore, então desconhecida; e à prima do flamboyant, todos já faziam guarida, nos bulevares e nos outeiros, nos bosques estalajadeiros de toda espécie de vida pulsante. As árvores semeavam ao vento, mas mãos humanas se fizeram ajudantes. Os vizinhos se perguntavam: e como estão as tuas sibipirunas hoje? Despontaram, pouco a pouco, meio à fauna e menos bojes: tuas folhas delicadas, com solo macio de fazer tapetes. Junto ao rosto do curumim, tão suave, a camurça dos teus ramalhetes... E varredores foram contratados para espanar teus presentes: de ter emprego muito contentes, as caboclas e a gente parada. A lua reluzia sobre a tua copa de folhas amareladas. Vegetação apenas de nossa terra e civilização, nativas as suas revoadas. Refulgente sob os raios de luz filtrada, as tuas capelas abertas, onde rezam os sabiás. Ó, Sibipiruna! É primavera, e o morototó te chama para brincar... És castelo antigo de mil borboletas flavescerentes sobre uma coluna lúrida; columpiaste de sossego, submissa à brisa. Majestosa peneira o dia veemente, basculante em regos: bailarina, sacerdotisa... Os solidagos sonham com a altura de tuas varas douradas, com teus rácermos de pétalas cróceas, de contraste com os cachos da cor de pequenos imperadores chineses em teus porches. Ó árvore tersa de gesto brando, amiga do que lhe assopra a haste! Convicta de verde, perene do que lhe ocorre: dando frutos do que te escorche... Pela noite dormes! Os pontos rendados de teu vestido fresco se dobram, enquanto as tuas ervilhas se estalam sobre as calçadas. Os ladrilhos macios desprendidos de teus galhos de ouro... E desembainhávamos, pela noite artificial, teu encanto vindouro. Subíamos os meandros de tuas raízes ressaídas, puxando a ramagem de tuas folhas, para coroar cabelos de confete carnavalesco, com tua vida. Tua seiva pulsando, fazendo vagens de valvas secas, explodindo desde a brandura que falta às tecas as sementes indestrutíveis de teus andares... Sibipiruna, agora és canção em muitos lugares! Teus galhos macios a coberta dos pássaros em noite fria, os teus cachos vistosos a moldura do céu azul de dia; o amarelo pungente coisa Augusta que as abelhas rainhas vestem em seus colos para receber mais beijos... E tudo que nos dá, nada custa, o teu frescor salva da selva de pedra em que nos vejo. Quando bem rara invocas teu domínio solto que livras da pedra e, escondida no sono, uma canção de encanto me quebras... Sobre o bem de viver sob a tua sombra gentil o verbasco canta. Ai..! Mas cai um corpo debaixo de sol, sem a sombra gentil de teu crivo em manta! Ai! O pesadelo de viver sem tua música santa, sob o domínio ininterrupto da eletricidade, sem as tuas flores que nos tombam de leve! Sem teu abraço feito de flores tantas, como nos sacode copiosas lágrimas um nó na garganta, como o frio se desfaz em muitos flocos de neve... Para que o orvalho numeroso à nuvem se eleve, precipitando, com o vento forte, a boa chuva tanta. Sibipiruna, me responde: diga ali, diga em ondas... Quando iremos fazer parte da tua melodia mansa de arrefecer os calores que nos incomodam, quando iremos criar os fatos que nos norteiam rumo aos que de nós discordam, espraiando imagens corredias, desde a força

geratriz de uma florada fulgurante? Quando faremos de nossas sementes as pulseiras de lembrar de nosso semelhante, quando teremos de nosso crescimento uma incessante paisagem? Como a dor e o luto cessarão com nossas palavras de antes, igual coas de solo e chuva a tua fina mensagem? Ergues um caule resoluto, para se abrir sobre as trilhas, verdecer as pracinhas, ornar os passeios... Abres tua casca de sangue, perfeita como asas de joaninha, germinas desde o que é duro, mínimo e feio. Sibipiruna, me responde: diga ali, diga em ondas... Quando seremos detalhe sem retalho, guardando o musgo, o amendoim e a calêndula? Filtrando as tempestades com galhos tersos, regando em gotas a relva, pela bruma desta manhã triste e pêndula... Ó testemunha silenciosa das minhas pálpebras se abrindo, quando o sonho se esconde! Antes da aurora, velaste o nosso sono, toda aberta em venação das frondes. Jamais dicotômicas, tuas nervuras reticulam, tuas folhas ramificam. Os pontos de teu indumento se pintam de sol, porque dele praticam... E assim ele te deu látiros da mesma cor cheios, presente do rumo celestial de teus afáveis anseios. Mas Sibipiruna, me responde... Diga ali, diga em ondas... Quando seremos auriverdes, com os frutos brasis que tu nos trazes? Quando morrerão semente o prazer da indignação, o instinto esganado, os pessimismos contumazes? Quero teus gestos humildes de fazer chão macio aos pés descalços de curumim, com grãos duradouros do envio de centenas de pequenas esperanças, de crescer no jardim, acolhendo outras árvores tuas... Rastreado nascentes e lençóis, com raízes salientes e nuas; custodiando os arbustos, orquídeas, samambaias, irapuãs e pássaros... Ser antídoto do grito rude e dos brados sáfaros, com lastro em tua alastrada abundância! Quando teremos acomodado o nosso princípio desde um caroço sem circunstância...? Ó, Sibipiruna, me responde. Diga ali, diga em ondas... Quando teremos entregado as nossas partes distintas à palma da mão humana, para dela consagrar a beleza de nosso esforço? Jamais extinta, agreste e urbana; de ser brasileira, nenhum remorso...

AMOR SEMPITERNO DE APELO FÁTUO

Em ÍON, eu te peço que por favor fique, embora eu saiba que ninguém possa deixar o lugar que carrega consigo. O teu fúlmen é mudo. Mas sem tua presença inaudível, quem poderá me dizer a beleza do pássaro sobre o fio de eletricidade, em repouso? Quem poderá contemplar comigo o silêncio de seu ninho em espelhos infinitos de montanhas azuladas? E onde estarão as mil camadas de nuvens rosadas queimando em vermelho e cinza escuro, os muitos azuis de tuas cores...? A luz pulsando branca nas cortinas de minhas janelas e nas esquinas das salas... Quem irá dizer que não me deseja, para que eu possa dormir o sono virgem de verdadeiro repouso? Quem prisma dos geodos de sagenita uma vontade cristalina de evocar a Doutrina Calvo** para salvar um general prisioneiro nos Países Baixos? Quem abrirá os meus livros nas páginas corretas e, sem me conhecer, me abrirá, ao invés do livro...? E quem vai escancarar a porta aberta de meu sorriso...? Nesse lugar de movimento inevitável eu não encontro a palavra de interlúdio, para dizer minha aflição de não te ter comigo, de te ver ocupado por outras coisas que venhas a julgar mais importantes. E como poderiam ser mais importantes do que o altar máximo de te ter comigo? O cálamo não corre na tinta sem tuas orelhas de melancolia, onde eu desenho o meu murmúrio de palavras insólitas. Onde te peço palavras sem te oferecer beijos. E te confesso que minha aflição nada tem que ver com qualquer assento onde cessará teu passo. Sim, eu sei que será apenas mais uma conquista dentre as outras cadeiras onde te sentaste dono do mundo, e que por isso trabalham dia e noite, ávidos de fastidio, as gestões de burocratas blesos: poucos ainda os que colecionam a valer diplomas, poucos os que vão tropeçar na tua roupa perfumada. Em transe seguem meus dedos o curso traçado por muita água de décadas, cumprindo a instrução que não pergunta a fala: o que me perturba se cala. E digo seguindo o curso das coisas, sem revelar o quanto estou triste em dizê-lo. O castelo de minhas cartas desguarnecido pela mera ideia de tua ausência. Clamo o círculo de peridoto diante de quem te viu crescer, porque sim! Porque sim! Ai! Tudo é movimento simultâneo no mundo, menos os meus pés no légamo, porque então me chega o teu rosto me pedindo outra parte que não esteja em mim. A perfuração completa de meu corpo pela lança, os ossos de meus olhos quebrados. Nada jamais no mundo me feriu mais do que ver tua imagem, o mistério desfeito do homem invisível cuja presença jurídica espantava os incrédulos, cujo brilho perfeito expulsava os botins... O monte imperfeito de carniça intocado graças a tua capa. Mas eis ali tua imagem à mostra. A tua pele de cor linda e os teus lábios grossos me incomodam: despertam involuntariamente o meu desejo. Mas não te chamo de Amor, nem de Amigo, para resguardar o sacrário onde te tenho, e te pergunto: por que não estás feliz onde estás? Por que não estás feliz em ficar onde estás guardado? Pois se te criou o ancião para permanecer até o fim onde te puseram comigo! Sim, assim é que foi dito a cada ser vibrante que produz opinião clara e escura, quando a morte nos distraiu para levar quem, sendo mentor de maior silêncio, nos atiçava a nada. E nos disseram: é um pupilo e tem idade e foi treinado para isso: para permanecer até o fim no seu encargo de fazer tranquilidade. Mas chega tua carta na sala ao lado, selada, e quieta não me diz nada até que eu desconverse, peça e me tragam. Ali, diante de mim, a tua imagem, ai, o teu pedido espúrio de movimento exposto! Os argumentos pífios que feriram o dano, a mediocridade desmascarada de ventrílocos, a paternidade disfuncional do homem violento, a crueldade contra-institucional, a autofagia fraterna, a segmentação dos prédios, a mesquinharia religiosa, os terrorismos químicos, tudo isso me feriu, mas nada que viesse do mal me faria dispersar a fé

* Doutrina Calvo (1868) na jurisprudência internacional: para nacionais e estrangeiros, as cortes locais devem ser a única instância de apelação contra atos administrativos.

divina; portanto nada disso me enlouqueceu. Mas ali, diante de mim, o teu pedido espúrio de movimento exposto e a tua imagem manifesta. Para isso eu não encontro analogia em nenhum divórcio; em nenhuma declaração de nulidade; em nenhum escândalo jornalístico, em nenhum teatro de sombras, em nenhum sinalagma que me ensinaste eu encontro algo tão triste quanto saber que me queres menos, que não me dás como suficiente. Por quê?! E insistes que não é nada. Por isso eu chuto o cofre onde guardo as armas! Sim... Pois me provaste que nenhuma arma me serve! Por isso eu amaldiçoo todas as armas do mundo! Sim... Enfim eu brado e abraço a LOUCURA, porque agora sim, me fizeste LOUCA, enfim eu conheço a razão sem sentido, enfim eu quero para mim o desequilíbrio da emoção sem propósito, para ser ignorada! Em ÍON! O lugar do movimento das coisas, onde não podes ficar um segundo de quatro anos sequer parado, onde não aguentas sequer o sol se ponha para me dizer o que queres, para me dizer que todas as coisas se movem... Quando foste contratado perpetuamente para ficar em mim... Parado em mim! GUARDADO! Dúzias de outros homens estão prontos e conformados em moldes para ir a qualquer parte em promessa de prestígio. Mas apenas um homem temos que soubesse ficar guardado! Apenas um eu te tenho, ainda que com outros, de quem eu possa dizer: apenas este existe e foi feito para mim, para guardar todos os outros que penso! E então a nuvem espessa de tua presença dissipando coisas de novo é posta em movimento, para açamar o meu grito. Afinal, o que eu poderia concluir disso? Por isso eu chuto nove a dez vezes mais o cofre de armas: saiba disso. Queres dizer que outro lugar é melhor que o altar que fizeram para ti, com o qual eu assenti de todo o meu coração. E quatro anos apenas de paz eu tive. Como podes tamanha insensibilidade de despertar o meu ciúme, antes de ir a outros lugares que não me pertencem? E me dizes da camurça sobre os meus dedos de manhã, sobre o mel e o café para despertar poemas em meu rosto... Queres alegrar o meu peito perturbado permanecendo escondido, depois de ter abandonado a invisibilidade. E me cobre de espuma em câncamos de mar sem que eu possa arguir melhores costumes, dizendo-me utilidade e senso. Eu concordo e te digo que concordo, e isso eu faço para mentir descaradamente diante de tua face: chamo testemunhas. Concordo! E já que sabes que eu minto, porque meu sim é sim, e meu não é não; tu me mostras sincero outros pedaços que não me pertencem, que obtiveste sem que eu reclamasse. Ora! Como se o teu quintal não fosse parte da tua Casa. E assim vais crescendo o que não compreendes ainda: o meu ciúme, a minha insensatez! O meu ciúme, a minha insensatez, pouco importa se de inspiração divina ou de produção de conhecimento. A suspeita de que algo tenha superado meu trauma insolúvel... O que mais me incomoda: o teu silêncio obsequioso em troca de favores, toda a paixão encoberta pelas minhas palavras que se dissolve no teu corpo ao lado olhando o teto. O teu pouco bálamo de mínimo esforço não traduz nenhum cerco em que eu pudesse entregar algo que me pertença. O teu corpo sem plástico jogado fora, por um nítido vintém de arguição intelectual relevante, perene de me aguçar pertencimento, posse... Por isso aflita de sentir a tua fumaça... Por isso irracional de rir da minha angústia. E adoeço de não saber onde estás, sendo servido na mesa de outrem...! Por isso eu peço que fique. Não apenas que fique: mas que diga nenhum outro lugar no mundo é tão bom quanto o nosso.

POR QUE ESTÁS SORRINDO, AO LER ESTE POEMA?

Por que me fizeste sentir o protesto de uma angústia sem razão? Por que me mentiste sobre a tua ausência? Por que me fizeste comiserar de teu destino incerto, diante do sagrado abismo de passo errante? Por que desceste a escada em passos de camurça temendo meus olhos, e borraste a tua imagem? Por que me fizeste perguntar se tua imagem estava borrada pelos meus olhos, ansiando um futuro triste? Por que de repente me fizeste uma uva deste cacho? Por que me fizeste agir para te proteger, por que me disseste amizade em meu corpo? Por que me explicaste motivos, por que derrubaste cada obstáculo que desobedecesse aos teus motivos? Por que me puseste em movimento? Por que me disseste tuas coisas caladas, por que me ofereceste tua mão se dizendo útil? E por que, depois de reunida minha guarda, reagiste ao que eu disse necessitar para te ter respeito? Por que fizeste como eu não faria, por que disseste algo tão duro, de desfazer sentimento? Por que causaste em mim a desconfiança, por que quiseste palavras com significado de outrem? Por que lamentas, agora, que o mundo já não é mais como antes? Por que me mostras a cor púrpura de Tiro e a capa de herói com que vesti os monges? Por que retornas, agora que já não és mais o juiz do mundo? Por que estás diante de minha porta, se não és o meu filho? Por que queres que eu sinta o mesmo que sentia antes de ter sobre mim as tuas pedras? Por que vens atrás de mim, no lugar mais pobre e mais distante do teu mundo? Por que tu não me deixas, se não trouxeste contigo a paz? Por que tiras a tua roupa, se não cabem às minhas mãos te dar um banho? Por que me vês armada, e não te afastas? Por que vens até mim tantas vezes, para dizer que tu não me amas? Por que me fazes chorar tantas vezes de tuas feridas ocultas? Por que não segues com a tua vida, com as tuas coisas, com a tua hora, com o que dizes estar tão certo? Por que queres adivinhar o que penso e sentir o que escrevo? Por que estás lendo isto? Por que és o que eu penso que és, por que fazes o que digo que fazes? Por que escreves, quando escrevo? Por que te proibiste de me amar, se não queres me amar? Por que não amas primeiro a ti mesmo? Por que neste dia me fazes tantas perguntas, se não queres as minhas respostas? Por que guardas as minhas cartas e as minhas coisas? Por que neste fim de semana, se sou teu trabalho? Por que queres tanto ler os meus poemas? Por que queres decifrar meus códigos e descobrir a minha letra? Por que estás pensativo sobre o passado e não tens orgulho de barreira? Por que não estás paranoico? Por que estás ouvindo os meus pássaros? Por que andas em zigue-zague? Por que tens esperança no futuro? Por que confias na minha bondade? Por que estás sorrindo, ao ler este poema?

RIOS E RUAS

Alguém desenhou estes rios
alguém pintou esta rua
alguém suspendeu sem fios
o Sol e depois a lua.

Alguém escolheu os azuis
alguém encolheu minhas queixas
alguém que não quer ser livre
me encanta e jamais me deixa.

Alguém ergueu as cidades,
alguém plantou pinheirinhos
alguém me amou de verdade,
sonhou e as percorreu sozinho...

E os muros de flores lilases,
os campos de humor sertanejo
fizeram comigo as pazes,
paisagem em comboio eu vejo.

Clareira de amor bem feito:
fogueira no rosto então.
Deixaram meu dia perfeito,
porque lhe pedi perdão..
E roubaste o que me é de direito,
tristezas e o meu coração.

A MANEIRA DE ENAQUIM

A falange de vespas sobre a cabeça alheia atrai seu fardo: o justiceiro em busca da vantagem que lhe falta, o andarilho da mesma cidade, perdido na mesma rua com a polianteia que escreveu sobre si debaixo do braço, dizendo baixo o mundo que não lhe soergue acima do que seja. No meu canto, eu me encolho para que ele caiba cabisbaixo na sua desconstrução do mundo além de si mesmo, e tento respirar além do ritmo compassado de suas distopias calculadas. A manutenção da injustiça é sua arma enrijecida, e desde um trono usurpado Enaquim alega ser o portador da realidade. O treinamento de anos em transformar a ira em subterfúgios, a verdade transformada em oxiúro no discurso vazio de gestos. Na tigela ele guarda os tijolos de desprezo para construir morgados de crucifixos, de onde pendem várias penumbras sem nome dizendo seu destino fausto. Enaquim junta as lacunas em nome de um pleito falso e devolve, de suas coleções de pérolas, as analogias de adulação na memória. As capitânicas de um projeto de poder impensado, os cadáveres debaixo do tapete, uma fatalidade fora de seu alcance: ele tem o poder, mas se julga a vítima permanente de quem ele governa. Assim, deixando de agir no que deve, sequer concebe o dever de si mesmo, aliena-se de esgotamento da mesma possibilidade revisitada: é o que se tem. Irrestrito o presente se arrastando a um futuro inflexível onde o mundo pesa contra ele, mas não o move: a vida sem melodia alguma, a hospedaria de Barba Suja. Os peixes não nadam em águas poluídas pelo petróleo derramado de guerra, o subproduto que deixou de ser vendido pelo embargo de seus dedos com unhas longas e encardidas. Ai! Os símbolos significando o que em substância não se apresenta, a bandeira que reflete o passado que ele nega em tilintar de taças ao longo de linhas... Caminhando por cada linha que separa continentes irreconciliáveis, bebendo a taça de cicuta que os filósofos testam, dizendo ciência tudo o que irrompe de suas cusparadas. A distopia como a meta fecal do que Enaquim mira continuamente, sem ilustrar com palavras nem enredos o que nada se testa. Estilhaços de passado recente são juntados em capitânicas devastadas pela peste. E por osmose, moucos e atordoados pelas dores amplificadas vão assimilando o que creem não poder nada evitar... Ninguém exclui do paquiderme a paisagem por ele desenhada. Contudo chegará o dia em que Enaquim terá filhos... E seu cadáver então terá sido partido pelos seus irmãos para que seja devorado por rebentos, porque assim ele espera deixar de ser declarado insano e impuro. Para deixar de portar abominações, fazem fila os que desejam carregar as abominações prometendo não extirpá-las, até que ele expire; e Enaquim celebra o ritual de nada fazer, além de proclamar, detrás de sua máscara carnavalesca que jamais estona, as falsas lealdades de uma perseguição eterna. E mastiga, mastiga, mastiga...

A SÚPLICA DE UM BEM ABSOLUTO

Em MÊNON, o dínamo que me materializa diante de teus olhos: o teu desejo do bem ser a única felicidade verdadeira. Tremelga de Ástrapa*, trestante. O monumento de pedra luzente no meio da praça de flores. As boas conversações relembrando os bons costumes. As tuas mãos nas minhas costas. Nesse lugar é onde se abre a janela para o meu País, o retorno para o lugar onde eu cresci e de onde guardo as memórias que não podem ser destruídas; o lugar onde habitam os rostos que reconheço. E meu rosto se cobre de lágrimas, porque já não há mais sentido de ter feito grandes sacrifícios para visitar os recantos mais pobres e violentos do mundo em busca do bem absoluto em minha vida, para dar água pura de beber aos meus Filhos. Agora o meu País se transformou no pior lugar do mundo e para ele eu me movo. O lugar em que as mãos tecem a menor esperança do planeta. Os seus números opacos já não se sustentam diante do avanço da praga sobre os muros de respeito: e ali agonizam as almas cujos corpos não se sustentam, sem encontrar leito de repouso perto de cheiros familiares. Existe o ar, mas ele falta, quando não há quem exista no outro. Agora o meu País é o lugar de esforço: para respirar o que é puro, para não trazer ao mundo abnegado o pesar de uma faca no peito. A estaca zero acena, detrás das nuvens escuras, como o destino sombrio que brotou nos piores cenários. Variantes diante da inércia procriaram a preocupação do mundo com a resistência de uma apatia sem recolhimento. A minha boca seca ao largo dos dias. Mas estou em Mênon: e neste lugar isso me entristece antes de fazer correr nas veias o instinto do medo e de culpar o que nos resta. Aqui eu penso no bem necessário a meus irmãos e irmãs perdidos entre o que é sórdido e mofino, nos rostos que se escondem ao ver a caveira na caverna; no despertar do pesadelo pueril que plantam as fúrias; naqueles brasiletes que estalam na floresta pelo calor de madeira encarnada. O valor e a honra, o calor na esponja que toma para si algo do que lhe toca, para guardar em reserva e pronunciar a água a quem tem sede, o que se guardou na lágrima. Sim, na lágrima deste lugar só permanece o bem absoluto: a mensagem necessária para alcançar os olhos em busca da cura para um mal resignado. A luz absolutamente branca que assusta a escuridão no vale vai agindo: a retilinearidade da mente que só enxerga a necessidade imediata escorrega sobre a esfera lisa das dimensões que se deslocam. O interior píceo das coisas que se alimentam da destruição se desintegram... Sim, o bem absoluto...! Existir em si e no outro. E a porta para o meu País se abre, sobre as lajotas de pedra que encerraram os sepulcros. As almas que dali escaparam nos chamam de estar vivas, e nos falam para caminhar sobre o rastro que não percorreram, dizendo para entregar e fazer mensagem: recriar vida. Segurar a mão de quem não se sustenta e enredar o abraço: guardar a vida. O meu pé sobre o teu pé, de leve, porque sou pequena. Sim, eu falo contigo. A faixa de ouro sobre o peito dizendo reparar tudo que sequer existe. Uma anagnórise: o mal não vê o mal que faz; mas tampouco consegue ver este bem se revelando e agindo. Portas corredeças que dão para o jardim: a compaixão fala e sofre, e a quem dela partilha, ela é visível. O bem absoluto: no caminho cediço de quem se renega, este sofrimento que me traz ao meu País de volta.

* Ástrapa, Asterope: estrela das Plêiades.

SEISACHTHEIA*

Corujas sobrevoam a noite depois de vinte e seis séculos:
no peito as luzes candentes do planalto refletidas.
Não há drones, durante o dia, em paisagens escondidas:
a cidade repõe das entranhas o poema com moléculas.

E busco as mãos que esfregam no tanque de lavadeiras,
eu procuro o estivador que descarrega a carga a bordo.
Perscruto o balcão onde se apoia a dama de boas maneiras,
escuto o que pede o falcoeiro envidando o acordo.

O caçador desde o prato aberto encontra a sua ave,
há veste talar na artista mirando a esfera sob a asa negra.
Um cirurgião com anel de rubi diz acontecimentos graves,
o bailarino se soergue sobre a lama, o rochedo e a regra.

A murça e a lhama dourada fiam as agulhas de costura,
todas essa gente feita de boa fé, plumagem e agrura...
Veio ter comigo, dizendo grande o fardo destes dias
a intuição de algo maior no universo deu lugar à disnomia...

O rumo perdido, o aguilhão da apatia, o silêncio do oráculo:
Naucrátis adora o dinheiro e todo tirano, o seu cálculo.
O que dizer da queda de um Estado inteiro?
O flagelo nos deteriora, os erros têm empreiteiros...

Do excesso de punir, do prazer de insultar veio a fatura:
a falta de senso e a ineficiência, as doenças sem cura.

* Do grego, “seiein”, mexer; “achthos”, dívidas. A reforma legislativa de Sólon, um dos Sete Sábios da Grécia, prócer, arconte, legislador e poeta ateniense, consistiu em “agitar os fardos” excessivos que as oligarquias impunham ao povo, o qual por ganhar valores míseros, se endividava para sobreviver. Sólon obteve a confiança de ambos os lados em oposição e proibiu a escravidão por dívidas, convencendo a aristocracia sobre a necessidade de ter virtudes e sentir vergonha das decisões judiciais distorcidas, as quais visavam produzir esse excesso. Com isso remediou o conflito social e preveniu a guerra civil ateniense. Viajou por dez anos em estudos ao Egito e veraneou em Chipre, enquanto a implementação da reforma por ele proposta produzia polêmicas, para que não fosse desfeita.

Que dizer, senão sacudir deste fardo um canto novo?
 A busca de eudaimonia: a cidadania de desposar o povo.
 Pensar não mais a própria súplica, opinião e requinte:
 mas no que somos sendo oradores e nossos próprios ouvintes.
 A muçá silvestre alimenta, no bdélio há fumaça e resina.
 A poesia nos invade o plexo: o que é verdadeiro nos ensina.

Os fenômenos complexos explicados por problemas simples:
 da religião que nos exorta, o povo esquece no dia seguinte.
 Exaurido o prazer, em busca do novo prazer, o acinte...
 O sábio aos próprios olhos ergue um Deus para pô-Lo à prova:
 a falta de um limite moral muitos males a todos desova.

Penso no sentimento público, no que é melhor para um País
 encontrar um consenso nosso, olhar para si mesmo e se sentir feliz...
 Deixar de postular como solução um vento de destino sagrado:
 olhar para si com critério, deixar de adorar políticos contratados.
 Sem contraposição do outro, sem separar os iguais em lados...

De cima todos esperam ordens escritas por resolução;
 para cumpri-las com zelo e diligência, não importa nisso a razão...
 Qual o fruto dessas ordens, qual o resultado que se espera?
 Todos em busca de um ganho próprio, o egoísmo se remunera.
 E qual lado se agrada em se submeter a um absurdo?
 Mas quem propõe isso ao outro, não divaga haverá seu turno...

A competição, aposta e jogo no qual um ídolo vença a corrida
 não trouxe a si nem ao povo a felicidade verdadeira na vida.
 Haja um basta em tanta arrogância, de exigir decisões para vencer:
 melhor decidir consigo mesmo, o que se acrescenta na razão de ser...

Se há vantagem em prejuízo dos outros, não é honesto;
 fazer do espaço público um território e manifesto,
 agravar o que é irrisório, defender cargos com protesto...
 E se não há vantagem nisso, nem por tanto mais racionais
 são os atos com que depredam, em satisfação, os animais.
 Recomendem-se as pazes entre indivíduo e sociedade:
 tornar-se cidadão responsável, nisso encontrar a saciedade.

De que adianta alterar as leis, se não as obedece?
 De que adianta declarar amor e massacrar a rosa?

De que adianta ter poder, se do fraco se esquece
 e qual informação existe em uma notícia desonrosa?
 De que adiantam as palavras bonitas, se desmerecem,
 gritar liberdade na praça e suprimir em casa a esposa?

Disso o sorriso falso aberto no rosto, que não me alegra.
 Disso o brilho nos olhos de ambição, que não me resgata.
 Disso o ouvido mouco que a dor humana celebra
 e falta de reciprocidade que, aos poucos, nos mata.

Cada um dizendo a proporção por sua própria ideia,
 escondendo a justificativa pretendida na falta alheia.
 Exigindo a beleza do mundo sem contemplá-la;
 cercado de miséria e pobreza, vestido de gala;
 os gritos de injúria, para provar quem mais alto fala**.

Ai de quem afirma que ama sem amar,
 de quem reza sem acreditar,
 de quem clama liberdade sem libertar,
 de quem cozinha para o próximo sem partilhar...

Contudo nenhuma ilha pode se desligar do mar,
 como a vida não pode se isolar dos desacertos.
 A força de permanecer diante das ondas: estar a elas abertos.
 Com solo firme de bons princípios e fiel cumprimento,
 sem escavar injustiças do ínfimo, sem produzir tormentos...

Esta parênese envergonhe quem não a releia,
 o excesso defenestre o prestígio e o alardo!
 Conjuuro até nós Seisachtheia!
 A lei mais lícita liberando de um fardo,
 as palmas sinceras de plateias.
 O riso diante do que é parvo;
 a coleção de um bom acervo...
 Reclamar o que é justo e observe;
 o esquecimento do ódio, descarte do petardo.
 O que seja apropriado por uma consideração polida;
 celebrar a emancipação das aparências pretendidas.

** Em Esparta, as lideranças entre a nobreza eram escolhidas por quem lançava gritos de maior alcance.

A permissão do que a lei não proíbe sendo o meio,
 a autonomia que à família não separa.
 O verso que preserva a liberdade no seio,
 a mão que protege a iniciativa e repara.

De que adianta a instituição de decreto perfeito,
 o texto feliz por vinte e seis séculos preservado
 se não há nela um cidadão que obtenha seu direito,
 se com o texto não produzimos o bom teor almejado...?

Nem mesmo o mais liberal dos liberais a sua propriedade desgoverna.
 Contudo, sobre um bem coletivo, falta à sociedade se reger fraterna...
 O consentimento do outro para se fazer um juízo humano:
 eis a medida com que a civilização se veste melhor dos anos.

(Poema declamado no Encontro de Magistrados da Região Norte – Justiça 4.0).



Pintura romana na taverna (cômodo 5) dos Banhos dos Sete Sábios, III, X, 2. Óstia (Bagnall et al., 2009-).
 Foto de George Houston, 2010.



Merry Joseph-Blondel (1781-1853). Sólon de Atenas. Museu de Amiens, France.

SERVIÇO QUE É MAIS DO QUE PALAVRAS

NO NEMETON, fizemos tudo um para o outro e os versos de meus poemas estão diante de meus olhos. Tudo se transcorre como eu escrevi cheia de amor por ti. O templo que foi recoberto por Minerva, e depois por Santa Maria, antes pertenceu a Belisma: a mulher desconhecida e doce que é em teu sonho. A divindade que soprou em cada fêmea e a fez criadora do mundo: à imagem e semelhança de Quem a criou. Nesse lugar a beleza é extrema, porque é realizada dentro do Paraíso. Algo que se acha depois de ter se esquecido e causa mil eflúvios de um coração represado, de um tempo suspenso... O templo é a mulher, e a mulher é o rio, e o rio é este poema: Nemeton... Nome que o homem escavou em si mesmo, que fez sair nem do começo, nem do fim, nem do claro, nem do escuro, nem dos pés, nem da cabeça: mas de si mesmo, do seu lado donde sai água e sangue, de uma costela que resiste e protege o seu âmago, o lugar onde o coração festeja. Um presente que esculpiste em palavras e em todas as coisas que sonhei e vejo. O que torna a existir, que não existia antes... Quando o Amor é pouca palavra.

VIDA DE VIVER

O QUE É A VIDA?

(Para Antonio Abujamra, in memoriam)

Por que você quer saber
O que é a vida?
Mesmo depois de estar morto...
Você acha que eu tenho a resposta?
Eu estou viva: de fato estou em vantagem.
Ou você tem a sua resposta
e quer que eu te conte a minha?

Você disse que a vida é
uma causa perdida.
Você perdeu causa na sua vida:
mas a vida é mais do que uma causa.

A vida é uma pergunta
A vida é sempre a mesma pergunta
que nos fazemos em busca dela
e que nos retorna com respostas
sempre diferentes.

A vida nos surpreende.
Pois nas respostas nós encontramos tantas vidas...
As que colhemos e as que esquecemos.
As vidas que tivemos e as que gostaríamos de ter.
A vida que temos fala:
a vida que pensamos que é a vida,
e a vida que efetivamente vivemos
de trás do que dissemos pensar dela.
A vida é valiosa: a vida é tudo que temos.

A vida é o que eu carreguei em meu ventre:
uma parte de mim que foi catando de mim pedaços
e de tudo no mundo que eu amo e gosto,
em outros lugares e em outros tempos.

A minha vida dorme neste momento em Paris
pensando nela mesma.
A minha vida que vive sem fazer perguntas, se achando boa;
a minha vida que sonha um canto que não seja triste.

A vida é o que me foi transmitido
e não pode ser devolvido:
apenas transmitido novamente.
A vida é
tudo o que busca fazer sentido na Terra.

Há outros planetas com vida?
As estrelas dizem que sim, piscando.
E falamos da vida
como se ela não estivesse na sala
e quiséssemos apenas dizer, brincar e fazer
para agradar a ela.
A minha vida em silêncio
na sala que construí para minha vida.

A minha vida:
tudo aquilo com que eu sonhei,
tudo o que eu imaginei quando criança,
quando me disseram o que é a vida:
Algo doce e interminável
Algo sensível e misterioso.
Algo que merecerá ser dito.
Algo de ti que fala em mim.
Algo que guardamos até o fim.

A vida é a música que nos traz de volta a si mesmos,
a vida é o que me faz te amar.
A vida me faz te abençoar todos os dias.
A vida é o muro longo e intransponível
diante do qual a morte cessa.
Jamais acabará a vida!

Um sopro de algo além do nosso entendimento.
Um suspiro que dura um infinito dia.
A vida.
Tudo o que temos.

O PAÍS QUE SONHO

Eu sonho com
um País que sonha,
com palácios onde
as crianças se admiram
e aprendem História.
Sonho com um fim de tarde
e uma bilheteria
para ver peça no Teatro
com cristais nos candelabros.

Eu sonho com
um País sem pedestais,
em que a brutalidade
foi redimida
pelo olhar do agricultor no campo,
satisfeito de alimentar
gerações futuras.

Eu sonho com
fóruns de Justiça
sem muros altos e
sem paredes opulentas,
onde os móveis antigos
vez ou outra são restaurados
para tomar chá
com biscoitos de araruta.

Eu sonho com
uma escrivaninha
na sacada para o infinito,
com a música de rádio doce
e melodias moles
que meus avós cantavam
para mim
na sala antiga de madeira.

Sonho também
com um País
em que sobra salário
no final do mês
para eu comprar
um broche.

Lugar em que ando na rua
e tomo o ônibus
bem limpo e confortável
com meu broche de vermeil.

Eu sonho com
um País onde
a permissão
e a proibição
de se dizer autoridade
desapareceram,
porque falou antes
ser maior o serviço
e muito mais importante
a piada no cafezinho.

Eu sonho com
um País onde
o que sonhamos
não seja demolido,
em que a liberdade não
seja uma condescendência,
em que a família
não seja uma apólice.
Um lugar em que
a palavra vale tanto
quanto o papel
onde está escrito:
honra.

Eu sonho com
um País onde
não despertemos
no meio da madrugada
sobressaltados com
o barulho de animais.
Eu sonho com
o criado mudo
onde haverá,
no lugar de meu esquadro,
um vaso de flores.

SOBRE A TEOCRACIA

A palavra Democracia
incomoda o peito frágil:
um desassossego paira na testa
e nas mãos tremendamente agitadas:
Só Deus! Só amém.
Nada mais pode.
A democracia é
coisa do demônio.
A discordância
é o mal da sociedade.

A palavra Mundo
arpeja como o espinho na carne:
o medo de se perder nas muitas ruas
que nos dizem da nossa infinidade.
Só Brasil! Só auriverde!
Nenhuma outra cor pode.
O vermelho
é a cor do demônio,
o pau-brasil e o sangue de Cristo
não enrubescem o rosto ofendido
pela cor vermelha
da História e
de coragem.

Não esqueçais:
os sacerdotes do líder são deuses,
o que o vosso político diz é lei, obedecei!
Não questioneis, se a morte aconteça
com mais frequência do que no passado.
Não fiqueis sabendo que em outros países
há melhores casas e melhores fardos.
Obedecei ao ditador que pronuncia:
Deus! Pátria!

Ó povo!
Pois santificada por ti é a boca
de todo ditador que elegestes.

Um cheque em branco
é justa oferenda a vosso ídolo.
Sacrificai a vossa própria liberdade de viver!
E erguei-no em ouro puro
sobre as aglomerações de peste e ódio,
beijem-no as criancinhas puras.

Gritai todos:
Teocracia!
O povo murmure:
Amém...
Dai uma medalha
a quem desprezou a peste
e correu feliz pelos campos
clamando o amor ao líder.

Ó povo!
A vossa vida não importa.
Os vossos problemas são ínfimos
perto da grandeza de um ditador santificado
pelas multidões enfurecidas!
As multidões estão enfurecidas
com quem critica o vosso valioso líder.

A vossa família, engrenagem de porta!
Seja a vossa família feliz na pobreza
e saciada no lixo,
porque viu um ídolo de ouro puro
e maciço de vosso ditador amável.
O desígnio paterno...
Esquecei da morte
de vossa tia
e da vacina que
poderia tê-la salvado.
Pois ainda que muitas vidas pereçam,
vosso líder está vivo!

Ele tem a chave da prosperidade
e apenas a concede a seus escolhidos...
Não, não chameis a isso de corrupção, nem de roubo...
Obedecei-o, portanto, cegamente,

até que a vossa vida seja
uma só vida com a vida do vosso líder
e tudo que vos aconteça seja
uma enorme bênção de Deus.
O cidadão com seu líder
é mais forte.

Ó povo!
Caí, vós, no precipício
de todas as mentiras
que vós mesmos inventais,
nas palavras que pusestes
na boca de um ditador
e acreditais nelas...!

Ali, na escuridão absoluta
do precipício da teocracia,
sem saber mais o que é verdade,
porque tudo é verdade,
o povo repousará em paz,
sem ver corrupção alguma,
sem ser perseguido por ideias,
em verde e amarelo
gritando pelo vosso líder...

Ó povo!
Fazei isso!
acreditai no esplendor
de vossa própria
promessa.
Obedecei!

Quanto a mim.
Eu sou o povo:
sou parte dele.
Mas conto que estou feliz
muito longe desse precipício.
Pois vejo Deus nas muitas coisas feitas,
nas coisas com que concordo,
nas pessoas de quem eu discordo.
O respeito a todos,
porque sou desimportante.

Nesta manhã em que visto azul,
sigo com a resposta que o ditador busca
desde este outro lado da página,
para livrar-se do seu propósito e princípio,
para respirar tranquilo ouvindo:
Democracia
e chorar emocionado
sob um Manto vermelho.

Estou feliz em ver sobre
as costas de uma águia parda
as águas todas que correm no mundo,
pelas tantas paisagens, cidades e ruas,
pelas águas do Mar Vermelho divididas:
sem deixar de ser água.
Sem deixar de ser povo.

Sendo livre,
eu jamais me esquecerei
da morte de minha tia:
nem da vacina que
poderia tê-la salvado
enquanto o povo
louvava o seu líder.

A minha tia,
sobre as costas da águia parda,
vendo consigo Deus e o Mundo.

AO MENOS UMA VEZ NA VIDA A VIDA É CERTA

(para o Barão de Barra Grande)

Qualquer outro de nós
já teria enlouquecido.
Os milhares de mortos
sob a máscara de números,
a poeira sobre os papéis
rangendo as dores,
as agulhas ferindo
o sono sufocado.
Qualquer outro de nós
já teria enlouquecido.
A indiferença dos amigos
nas críticas veladas,
as palavras jurídicas
para cravar moral ferida,
a mão desenhando
uma pintura feia da santa morte.
Qualquer outro de nós
já teria enlouquecido.
As fotos do passado alegre
e os sorrisos de juventude
na nuvem perdida que nunca para.
Não sou párea para a vida?
Eis-me aqui, de encontro marcado
com o futuro que me acerta.
O futuro pode ser alvo feito de
999 flechas erradas,
999 flechas quebradas,
999 flechas perdidas;
talvez mais de mil flechas aproximadas;
Já não me lembro.
Mas uma delas, a vida acerta.

UM HOMBRO AMIGO

(para Marco Maciel, in memoriam)

Quem pudesse ser um amigo
em tempos de humores bravos,
nos lugares de becos escuros
onde os bandidos nos cercam
clamando a nossa bolsa de legados...
Quem pudesse ser um amigo,
quando o estrilo nos insulta
dizendo o que não fizemos,
rachando pepitas de nosso coração
para a diversão dos outros...
Quem pudesse ser um amigo
no meio da tempestade furiosa
do ventre oneroso que nos diz
ter parido nossos defeitos,
a ponto de nos retirar do líquido insano
em que os insensíveis se alienam...
Quem pudesse ser um amigo
de se deixar estar ao lado
enquanto escrevemos cartas e teses,
querendo ele nos olhos de revisar as linhas,
para descobrir que ele acha os erros.
Ah! Quem pudesse ser um amigo
de estar nas mensagens recebidas
sem ter deitado a mão nelas,
dizendo saber o que passamos anteontem
e abrindo os caminhos como ordem,
para sermos salvos de um perigo antevisto
e nem saber de um mal desnecessário.
Um amigo que alugasse apartamento
para um namorado em 15 de novembro
e tivesse colo de desdizer quando tudo explode.
Ah! Um amigo dizendo da promoção
que tem na feira, de muitos caquis
aonde vou correndo, comprá-los.

Um amigo para abrir a cadeira dobrável
na calçada dos velhos tempos,
para dizer que toco muito mal o violão,
para jogar xadrez sem nenhuma estratégia.
Que se diverte quando eu o divirto.
Quem tivesse um amigo assim,
não seria a pessoa mais rica do mundo?
E quem pudesse ser um amigo assim
não seria o silêncio mais expressivo?
Tendo a amizade feito o seu próprio modelo,
o pedestal de imortalidade bem serve
para dizer o quanto precisamos de
Homens com ombros,
de Hombros
nestes tempos de sombras calculistas.
Eis um colar da pedra preciosa de nossa tristeza
sobre o ombro de um homem quando ele parte para o infinito,
voando pelas estrelas e pousando na nossa janela.
Um amigo assim bem vale a humanidade
de escrever tudo que possa ser lido,
de encontrar no céu as suas cores amáveis,
de perguntar de onde ele segue nos vendo...

ODE AOS HOMENS RUIVOS

Os maus tentaram exterminar
os homens ruivos de casaca longa,
dizendo mutação genética suas mechas flamejantes.
Queriam acabar com os judeus, ciganos, negros e ruivos.
Choramos o holocausto,
dançamos letras gitanas
e combatemos o racismo.
Mas poucos se lembram dos ruivos,
das suas sardas alaranjadas no rosto marfim de piano,
dos seus olhos pequenos, escuros e vivazes
que não deixam escapar da missa os pássaros verdes,
dos seus sorrisos puros no campo florido.
Os ruivos felizes de saber que foram incluídos
entre aqueles que herdarão a paz no mundo.
Pois quem mata pela espada,
morrerá pela espada.
Mas os ruivos herdarão a terra.

MURMÚRIO ERUÍDO DA FONTE DE ÁGUA VIVA*

Todo crime deve ser denunciado,
mas existem certos fatos que vão além do crime.
Um crime pressupõe a violação de uma ordem,
o desordenamento pontual de uma regra.
Certos fatos, mesmo denunciados,
de estar além do crime,
não fazem ouvidos.
Infectar crianças
para imunizar adultos
é algo além do crime.
Estuprar a própria esposa
é algo além do crime.
Tirar uma criança do colo de sua mãe
é algo além do crime.
Os monstros ficam em alvoroço:
querem denominar as vítimas
algo menor que desaparece ao vento.
Nelas a culpa de suas tribulações.
Nelas a necessidade de ser punidas.
Assim todos sabem,
muitos culpam,
Mas ninguém denuncia;
porque está além da lei,
porque está além do crime.
Certas coisas me fazem ficar
em silêncio,
certas coisas me fazem olhar
os monstros
com misericórdia.
A hipocrisia me causa
uma profunda misericórdia.
Ver o sorriso triunfante de uma assassina:
“posso terminar?”
Ver o homem reduzido ao ser animal:
“posso terminar”?

* Samuel Usque.

Ver o olhar ativo do juiz que jamais me viu.
“posso terminar?”
E seguem definindo as políticas de saúde,
e seguem elaborando relatórios de direitos humanos,
e seguem exarando sentenças de família.
Isso me causa uma profunda misericórdia
E me deixa por vezes em longos silêncios.
Foi nesse silêncio que eu ouvi
o teu murmúrio eruído da fonte de água viva.

SOTERIA

Depois de alguns anos é que os prados floriam verdes,
 apenas depois de alguns anos é que despontavam os prismas
 pelas ruas avernas, donde despertavam as flores da primavera.
 Ano a ano os romanos viviam o frio e o deserto da epidemia,
 acolhidos nos braços retorcidos e retornantes das tranças.
 Os valentes que saíam nas ruas, no mês seguinte desabados.
 Contra a vontade maior inexpugnável de um mal temível:
 as pessoas eram recolhidas nas derrotas contra a incerteza.
 E me pedes um poema que diga o que seremos,
 a confiança de um verso otimista que será feito lei,
 a visão de futuro para onde caminhamos com sede.
 Tu me pedes antecipar o momento aberto,
 em que não haverá o túnel pelo qual nos vimos,
 folhado de ritos, de máscaras e de distância,
 em que haverá amizade entre o teu corpo e o meu corpo.
 Queres que eu diga como será o tempo de
 nenhuma sede entre os nossos olhos,
 em que dançaremos ao som da flauta e das cordas,
 de braços dados, com coroas de flores e de louros.
 Quando louvaremos o heroísmo destes dias:
 queres que eu esqueça do silêncio desta cidade vazia
 e encontre palavras para te convencer da colheita
 que encontraremos no ano seguinte, sem ter plantado.
 Queres que eu diga que não haverá fome como havia,
 que as vidas perdidas terão feito anos suaves,
 como o sacrifício dos cordeiros em um cozido saboroso.
 E é neste momento que eu te consagro: Amor...
 Só de te amar é que posso te contar a verdade,
 sobre a lei do que se joga: tomba
 pela gravidade que nos mantém no chão firmes.
 Queres que eu diga que haverá uma festa
 em que bailaremos felizes no Palácio com estas rosas
 sobre os milhares de túmulos e milhões de lágrimas.
 Queres que eu pinte uma tela de minha floresta
 com as cachoeiras lindas que sonhaste um dia,
 entre as muralhas de pedra construídas pelo mar:
 teu erátema que ornaram com medalhas e colares.
 Queres que eu diga que todos te clamarão

como eu te clamo:
o herói destes tempos,
vestido com as nossas cores,
trespassado o oceano de desesperança.
Com a azagaia de Minerva
queres que eu escreva sobre a praia e os pássaros,
sobre o murmúrio eruído de uma tépida lareira.
Queres que eu diga que todos os anúncios nas portas
sobre o tempo de mais vida
serão verdadeiros no percurso de nossos braços
sob os brandões nas salas e círios nas capelas,
queres que eu diga que Deus ouve as nossas orações.
Queres que eu escreva Salmos e me declare
escrava da tua felicidade.
Queres que eu fale do paraquedista vermelho
que não pousou na Esplanada ontem,
quem voava de repente feliz sobre os prédios
antes de triscar os pés no solo;
do cheiro de casa nova ao trocar de posto
e abrir as caixas de nossas coisas velhas...
Das ruas novas com os cafés abertos,
de garçon riscando no tabuleiro o menu do dia,
do clima de chuva em praia nova.
Queres que eu diga teu olhar magnético
quando miraste em mim na missa de sexta,
quando me fizeste esquecer que há tristeza de luto
e perguntar sobre o que era, afinal, a tua tristeza.
Queres que eu diga como será
a soteria depois destes tempos absurdos,
como será lembrar da saudade que teremos tido,
das delícias de um louvável espinho acerbo,
como será ter sido de poemas lunares aconselhado;
do universo aconchegante e plástico entre nossos dedos.
Eu terei falado tudo isso, Amor,
desde que não concordes com
a minha incredulidade.
É bem provável que aconteça uma soteria,
que ergamos um ou dois ramalhetes de trigo
que o mato não destruiu de avançar faminto,
o que produziu fruto mesmo de termos sido
fadados a cuidar das nossas próprias vidas.

É bem provável que todo o silêncio
dos corredores em penumbra seja dissipado
com gritos e vozes de augúrio e de festa,
quando já não houver perigo:
dançaremos de mãos dadas,
com pulinhos espiralando em giros eufóricos,
como os gregos e romanos faziam,
com mulheres de ombros nus sob a meia luz cálida,
sob o frescor da noite refletida nos espelhos d'água.
E colocaremos os rarefeitos ramos de trigo
nos vasos ornados e limpos de ferrugem e de musgo,
comemoraremos tão felizes o que sobrou da desgraça;
suporemos que os nossos vizinhos ricos nos enviarão provisões,
de rir e de se deslumbrar com a nossa festa
comemorando os dois ramalhetes de trigo
que achamos recobertos pelo mato:
o teu e o meu olhar de certeza, Amor:
o que a sarça não levou do nosso campo.

O AMOR E O ESPANTO

Eu te amo como eu amo os passarinhos,
como eu amo desabrochar com meus dedos as flores;
a cidade trêmula de luzes pontilhadas,
os cadarços que não desamarram,
a brisa de uma noite perfumada,
o burburinho de pessoas em uma festa,
os nibs de chocolate que estalam na boca,
o merengue do bolo de aniversário
e a crosta crocante do pão.

Eu te amo como eu amo o domingo
feito de cheiro de piscina,
as borbulhas de champagne no nariz;
como o barulho das crianças correndo,
como o som da borracha das chuteiras
serpeando na quadra do ginásio.

Eu te amo como eu amo
o confete que jogam nos meus cabelos
durante o auge da marchinha de carnaval.

Eu te amo igual eu amo
o barquinho de papel que deixei no lago.
Fiquei vendo em quanto tempo
o barquinho de papel afundava no lago.

Eu te amo como eu amo
as coisas mais simples da vida!

O ser humano inventou o amor pelo ser humano
incondicional, feito de amostras e de provas,
da escalada que supera o muro íngreme,
da resposta retardada ao sinal emitido,
o feito de angústia e de nos perfurar anúbis.

O ser humano inventou o amor pelo ser humano
cheio de dogmas, de teogonias e de firmas,
de vasos cheios de verdades planejadas
para acontecer nos olhos dos outros.

Para testar a hipótese de que o amor não exista,
assumimos o tempo inteiro de que não exista e
estamos sempre em dúvidas...

Enquanto isso amamos os animais,
os gatos e os cachorros.
Não criticamos as rosas brancas do jardim
para que mudem de cor e provem que nos amam.
Enquanto isso, amamos
os drinques exóticos num bar asiático
e os elogios do público depois da palestra.
Não jogamos os nibs de chocolate no lixo
e atendemos na hora a ligação do cliente.
Provamos a cobertura de merengue
com os olhos de cortar o bolo.
Tampouco está condenada a crosta do pão
recém-saído do forno.
Não criamos distância da crosta do pão
recém-saído do forno
para a cautela de nosso paladar.
Não dizemos idiota o aeroporto
quando os aviões pousam
trazendo nossos avós para as festas de Natal.
Nós não temos risos de perimir ceticismo
ao ver as crianças girando no páteo,
nem achamos absurdo ou abusivo
o futebol e o chope nas sextas.
Não acusamos o garçon que nos serve
o chope das sextas face a um processo legal.
Não dizemos tristes e decepcionados que o juiz ladrão,
ao dar cartão amarelo indevido pela terceira vez,
já não é mais a mesma pessoa que conhecemos;
não desligamos a televisão nem deixamos de ver o jogo
porque já não conhecemos mais o juiz ladrão.

Tudo isso tão simples que eu amo!
E tantas pessoas também amam.
As pessoas dizem que isso é gostar,
e não amar; que uma pessoa se ama,
e não se gosta.
Mas gostam das coisas simples,
e não conseguindo alcançar o amar,
não gostam do ser humano..

Eu sou poeta!
E eu não gosto:
eu amo.

Se eu amo tudo isso, por que não te amaria?
Eu te amo, porque és feito de minha mesma matéria,
da mesma matéria que é feita o pássaro, a flor, a pedra.
Da mesma matéria que faz brilhar no céu a estrela.
Da mesma matéria que é feita a cachoeira
e o curso de água que me descansa os ouvidos.

O teu sorriso para mim é
como ver pela primeira vez o mar.

Ninguém deixa de olhar para o mar
pela primeira vez sem espanto;
sem sentir qualquer coisa de sal no peito.

Está espantado que
nem te conheço e te digo amor?
Eu amo também esse espanto.

CUIDAR DA PRÓPRIA VIDA

De madrugada me despertas, Amor
porque eu disse ontem as palavras
“um milhão de mortos”.
Um quarto disso havia
há apenas três meses;
e três meses nos sobram
ainda pela frente
para sofrer pela madrugada.

É que o nosso otimismo
em progressão geométrica
de ver nenhuma morte
nos campos de nossos vizinhos,
dizendo não haver mais nada
a ser feito em nosso campo
não me deixa encontrar
melhores palavras.

De madrugada me despertas, Amor
porque preferias melhor poesia
e talvez preferisse não houvesse palavras
para dizer grande a tristeza
de passar décadas sonhando a fio
o serviço público altruísta de
resolver problemas no mundo
e ter diante de si o horror de
meio milhão de brasileiros mortos.

Mas o que não pudemos evitar
fala estridente nos ouvidos,
mesmo que não haja versos.

Queres que eu diga melhores palavras:
queres que eu diga sobre as flores
que te envio para inventar felicidade,
queres que eu fale do meu amor,
do que me faz despertar, também
pela madrugada contigo.

Queres que eu encontre
melhores palavras de poesia
com rimas de esperança de
uma vida plena, resiliente;
que eu resgate a sensibilidade perdida
de todos os homens e de todos os poetas
que foram embora cuidar de suas próprias vidas.

Queres que eu diga que
cuidar da própria vida é
cuidar para que não morram os outros,
dormir sem os gritos ensurdecedores
das almas partindo de madrugada;
adormecer sob o canto de pássaros noturnos.

Queres que eu diga que
cuidar da própria vida é
encontrar melhores palavras e
cuidar também da vida do outro,
dormir sob o canto de ave noturna
com sentimento de humanidade.

Queres que eu pondere se
as pessoas que morreram
teriam de todo modo morrido,
ainda que o governo
se importasse com elas.

Queres que eu cogite se
cabia a cada um e não ao governo dizer
como salvar a vida de si mesmos
durante uma pandemia,
durante uma crise mundial
de maiores proporções que o indivíduo.

Queres que eu diga
que não cabe ao governo
proteger a vida das pessoas?

Queres que eu diga
que não cabe pedir
o fim de um desgoverno?

Mas meu corpo dói
e não acho o
sorriso feliz no teu rosto
para dizer melhores palavras,
ou mesmo para não ter palavras.

Se pensares bem,
eu não tive palavras,
nem tenho palavras:
não encontrei as palavras
para fazer no peito dos outros
um sentimento de temperança
durante a brutalidade destes dias.

Eu não encontrei as palavras certas
para sensibilizar as pessoas,
eu não encontrei as palavras
que dissessem um melhor sentimento
de ouvir cantar o pássaro noturno.

Esta é a culpa que eu carrego,
de não achar poesia,
de não ter encontrado durante a tragédia
a poesia necessária e nem mesmo os poetas necessários.

Onde estão os outros poetas?
Devem estar cuidando da própria vida.

Mesmo sem melhores palavras,
eu canto afável aqui contigo
se haverá ou não um milhão de mortos
se nada de diferente fizermos
e pergunto ao mundo:
que poesia haverá nisso?

Que poesia há em cuidar da própria vida
Enquanto milhares adoecem e morrem?

Estou cuidando da minha própria vida,
porque a minha vida depende da tua,
depende do que eu leio pela manhã
nos jornais, e também da saúde dos outros;
depende de encontrar melhores palavras
para escorraçar de manhã toda letargia,
para viver feliz contigo e com todos.

Eu queria encontrar palavras certas
para te fazer feliz, Amor.
Para dizer o rumo certo e resgatar tua fé
e não estas palavras que me rasgam.

ESCARPA DO MAR

Sonhei que eras relevo negro do oceano,
onde pisavam muitas pessoas
buscando peixinhos nas poças.
Sonhei que o mar havia abaixado e
sendo pedra lisa, escura e gigantesca
as ondas ali cessavam em espuma.
As pessoas riam e se davam as mãos
perguntando onde iria acabar
aquela pedra negra e vasta.
Entalhados na tua superfície
estavam os sulcos que o tempo fez,
os desgastes naturais da água
e do movimento de cada era.
Sobre o teu promontório eu tateava
com meus pés descalços e cuidadosos
para não escorregar em um tombo,
sentindo a água salgada e refrescante
chicoteando tuas beiras ao longe.
Eu caminhava de cabelos soltos e
não ressaía nenhuma alga,
nenhum musgo nos contornos
de tua plataforma negra,
como se a rocha tivesse sido exposta
toda a vida a um sol do meio-dia.

Não havia nenhuma vida marinha,
nem pássaros, nem conchas;
apenas gente caminhando feliz
sobre o teu terraço imenso,
a terra que o mar não quer.
A onda batia com incrível força
em tuas beiras ao longe, sem causar
em ti nenhum mínimo estrago,
deixando as tuas pontas arredondadas..
Qualquer ser humano, resvalado ali
Morreria entre a rocha e a vaga gigante
percutindo na escarpa de teu maciço,
selvagem, mole e irrestrita.
E despertei assustada de volta aos meus olhos
Quando vi que eram teus olhos caliginosos,
aquele piso sólido de imensa massa negra.

DIA DO EXÍLIO

Sobre o exílio na tua própria casa,
sobre não pertencer ao lugar onde se mora:
sobre não poder ter uma opinião distinta,
sobre viver menos falando que estar calado.
Sobre a distância da memória de identidade,
sobre alhear-se de viver com os mesmos jeitos
de evoluir para se tornar imortal e perfeito,
de não poder se contar sem sentir feridas.

Existem exílios de partir da terra nossa,
de onde algum dia sonhamos voltar.
Para uma outra casa em uma outra terra,
onde encontraremos a fração de felicidade.

Mas exílio, mesmo, é este de onde se vive
na terra fechada antes de nascer vivos,
o lugar onde não se está com o outro.
A mobília abandonada de escrever si mesmo,
empoeirada pelo tempo intocado.
À espera de descobrir coisas novas,
para preencher as que faltam, antigas.

QUERMESSE DE SÃO JOÃO

A quermesse começa nas banderinhas
multicores balançando à brisa de inverno..
Dos grandes salões saindo os varais, de cola e barbante,
para ornar a realidade com pinturas de Volpi.
Mas o princípio da festa, mesmo, é a vestimenta:
um casaco triste por cima de camisa espalhafatosa.
Um vestido de chita florido e rodado debaixo de bolero tricotado.
A festa junina é precedida por um suspiro em vão,
tem a ver com as coisas de se misturar com o outro sexo;
com o casamento no arrabalde, coisas de fazer família...
Hoje em dia apenas bailarinas as bandeirolas,
raras quermesses organizam as modas de quadrilha.
Eu que tantas vezes arrastei na arena de areia
os meus sapatos de boneca e balancei vestidos,
fazendo todos os números de saltos contra cobras
e fugas da chuva e danças cruzadas:
sinto falta do coração disparado
de fazer par, esperar beijo e triscar no bigode pintado
do menino de quem eu gostava no colégio.
Mas há os galhos das árvores oscilando
sobre as bancas da feira junina
e debaixo dos galhos das árvores,
Bailo de tremer no frio desértico... É a moderna Brasília.
Ah... Mas as bandeirolas dançam e também as folhas no chão.
O balanço de serelepes arteiros saltando e correndo,
meio ao povo bem solteiro e sociável das paróquias.
Primeiro o guichê de fichinhas para escolher
as bebidas e os pratos mais típicos.
E te nimbaste mesmo de encanto,
pondo um casaco de couro negro
sobre camisa quadriculada e encarnada.
Foste até o guichê comprar as fichas
com os teus cabelos bem ordenados
de vasculhar onde estão as moças.
Esta preferindo se dedicar à predileção:
teus olhos dançarinos...
A fileira de paroquianos do lado de dentro
dos balcões enfeitados também dança,

já chegou no ouvido a batida e compasso da sanfona.
Debruçados nas bancadas e eternamente
terminando de ajeitar as panelas,
já estão acudindo a gente alegre de
experimentar vinho quente açucarado.
Quem mais além de mim
anda por aí sozinho em quermesse
nestes dias de programação obrigatória?
As pessoas andam aos grupos e aos pares prévios.
Mas lá estavas, de poema, enquanto esbarrava em mim
algum bêbado perguntando onde fica tal coisa...
Eu estou entre os guris grimpano no pau de sebo
e a fartura ostentando tudo que é feito do milho e do amendoim,
mas por que milho e amendoim? As coisas indígenas digestas...
Estou aqui, aquecendo o meu rosto e as minhas mãos no halo
defronte ao ritual sagrado de ver o fogo estalar madeira.
Ergueste nos lábios o copo frugal de cachaça quente e doce
com cheiro de cravo, canela e raspa de laranja,
enquanto sopravas um hálito vaporoso da bebida mágica,
caminhando invisível entre os corredores de gente.
Cada pastoral calculando a sua arrecadação de fichas
e o padre desfilando como o rei da festa acena ao longe.
Vêm as moças do correio elegante e do sorteio,
vender mensagens de amor e números da sorte.
Vais comprar um correio elegante? Eu te pergunto.
Será que um homem, ainda que seja hoje,
lembra de como fazer uma mulher sorrir envergonhada,
buscando na festa quem lhe tenha enviado uma mensagem caipira de amor?
Mas desde quando trivialmente espero alguma resposta...
Quanto a mim, vou comprar um sorteio
para ganhar uma prenda embrulhada em papel celofane.
Não, a pescaria de pagar, para senão receber
é coisa para divertir a insaciedade das crianças...
Eu prefiro a vitória fugidia da noite incerta.
Um balão subindo o céu, ah,
ode à frivolidade de queimar papel colorido...
Porque ver o fogo ateando o balão a subir
e ver até onde no céu ele vai subir
É parte do engenho que espanta tua solidão.
Viva Santo Antônio! Fogueira quadrada.
Viva São João! Fogueira redonda...

Viva São Pedro! Fogueira triangular.
Olha a capelinha de melão cheia de cravos
na banca de sopas e caldos ferventes...
Surriada de estalos, traques e bombinhas,
brincantes acesos explodindo tijolos,
chegue mais perto de mim, moço,
para fugir dos busca-pés e gritos esganiçados...
Fogos assobiando e uns poucos brilhos,
as girândolas e as minhas favoritas de queimar:
estrelinhas. Queres uma estrelinha?
Caiu um pouco de pólvora e de fumaça
nos teus cabelos bem-arrumados.

NAVIO DE RATOS

Roeu o rato a Bíblia sagrada,
alimentou-se fazendo furos
nas palavras mais importantes.

Roeu o rato a Constituição Federal,
rillhou os incisos de coisas áureas e puras,
incidindo nos direitos com unhas as faltas.

Roeu o rato as notas de dinheiro
que o brasileiro juntou suado,
do terço do que juntaram suas mãos em um ano.

Roeu o rato o memorial de si mesmo,
rasgou todos os papéis em que poderia constar
como sendo um homem.

Os ratos se alimentam de papéis, madeira, lixo
onde alguém derrama resto de ontem.
Lá se vão desvairados os ratos
gritando ser crentes, juristas, corretos e justos
de ter erodido as coisas que passaram pelas
suas pequenas garras sujas,
trituras pelos seus pequenos dentes afiados.

Os ratos também roem
cadáveres de bichos e rostos dos homens.
Excitados pelo sangue comemoram:
morreram porque quiseram.
E dilaceram os cadáveres, seres outrora vivos
retirando de seus bolsos os pacotes de biscoito
e sobremesas de um manjar extraviadas.

E num navio? Num navio os ratos fazem furos
por onde vai subindo a água,
por onde vai quebrando a estrutura da arca
até que o navio não valha nada e
já não sirva para descobrir novas terras.

Os ratos
não acrescentam nenhum reforço ou verniz
sobre as cabines de madeira do capitão.

Os ratos
não ajudam em nada o piloto
a manobrar o leme.

Os ratos
não içam as velas
nem pescam no mar.

Os ratos não plantam flores
Nem colhem palavras em livros.

Quando acendemos a lanterna
e entramos nos recintos escuros
onde, silenciosos, não nos dizem nada,
é difícil achá-los.

Os ratos:
seres que vivem num mundo sem sonhos
e se empanturram da infelicidade dos outros.
Seres que só voltam a viver tranquilos no campo
quando há dedetização profissional,
feita por dois ou três homens (e mulheres)
de tempos em tempos.

Há ratos que se tornam homens?
não sei, mas sei que há homens
que se tornaram ratos.

UM NOVO SENTIMENTO

Há uma nova luz sobre a cidade,
o sol amanheceu mais explícito e amarelo.
Há um sentimento de cumplicidade:
o futuro pode não ser um pesadelo.
Há um novo sentimento de coragem,
aceno de uma fresta frugal de calmaria
passadas as noites sombrias de voragem,
em que a coruja devia cantar e nada fazia.
Há um sorriso lhano em meu rosto,
de abrir o jornal e ler uma verdade.
Há vontade de te ligar com gosto,
te contar tudo, que felicidade...
Disso a noção sobre os sintomas
de um tempo bastante indigesto.
Sair da própria redoma,
estudar o Almagesto.
Há um novo sentimento,
no frio deste inverno chamando aconchego
de ouvir teu raciocínio bondoso e lesto
sobre o direito que é nosso ao sossego.
Uma antítese ao mal, crueldade, indiferença:
pombinho pousando em resedás de nossa proença.

O INVERNO DE CADA SÉCULO

(para o Barão de Rio Branco)

A normalidade construída
 com sorrisos, livros e flores
 guardados em teus armazéns,
 dormidos em teu almoxarife,
 impregnados em teu sono.
 Eu quero, ao redor de um tempo seco,
 encher tua sala de vista desarmada...
 Quero te cobrir de perfumes e bálsamos:
 de alegorias que esculpem a veracidade.

Por causa do teu sacrifício
 de pessoa desconhecida!
 Nos jornais, bendito silêncio...
 Não mais barulho de ruído irascível.
 Por causa da tua vida sem janelas,
 em aquário de virtudes reluzentes:
 teu falar de pássaro e de onda marítima...

Eu miro as paredes de vidro de tua sala,
 à sombra de uma noite desabitada.
 Olhavas como sempre para dentro e
 Lá estavas andando de um lado ao outro.
 Eu te via entre luzes do lado de fora,
 eu passava pela coluna de bandeiras
 que levam e trazem ao nosso Templo.
 Dali te vi fortuita, desde o eterno segundo;
 Tu, em espera de compasso.
 Pensando no que pensavas,
 já que não me estavas vendo,
 já que não tenho nenhuma atitude:
 o mundo me preencha, é o que digo,
 pois sou mulher, peço desculpas.

Estavas então
 evadindo a ilusão de domínio absoluto
 sobre os avatares de si mesmo?
 Detendo o que fez condomínio inadimplente

o nosso País rígido a esmo?
 O que estavas fazendo e pensando?
 Deixando passar a soberba calculista do desastre
 na impermanência dos dias de ontem.

Ah, não somos o que fazemos, nem o que projetamos.
 Somos o que perfazemos, e ainda sonhamos...
 Mas cada Século nos impõe dois anos de brumação.

Não é o fim, não há fim no que brindou humanidade,
 apenas dorme, na nossa Cidade, cada prédio.
 Descansa em nosso Templo o descanso.
 Esqueço dos corredores abandonados
 e obscuros, desertos de gente. Esqueço!
 Vem a aflição de espreitar cavernas vazias
 no horário em que todos se vestiam de movimento...
 Mas acato nas salas fechadas um sono de beleza.
 Alguém me agarra em um abraço!
 Vida... Que faço ali, de surpresa?
 Vim para crer no aperto de mãos dos amigos
 sedentos de sentimento de companhia.
 Vim para dizer por meio de teus amigos que
 despertará na primavera de novo o movimento.
 Haverá de novo gente esmerilando o que preza.

E ao fim do encontro de inverno longo e passageiro,
 em fecho de convocação, já lá fora, eu te mirava...
 Ai! Os abraços inoxidáveis no pensamento puro,
 sejam teus passos de ser único, ou de ser plúrimo.
 Ide cada um cuidar da própria vida:
 este o problema do inverno de cada Século.
 A incerteza cria nos lugares região ignota.

Mas eis tua normalidade construída!
 De fotos, livros, sorrisos, flores...
 A ternura regenerada de teu ser incólume
 a cada noite desabitada no mundo,
 de milhões de corpos estirados e frios,
 de realidade horrenda e descabida...

E detrás do esforço de teu trabalho,
 nenhum agasalho sobressalente doado
 para fazer porcelanas sorridentes,
 senão os cobertores que tu mesmo ordenaste...

Mas se a contextura é de tempo interminável,
 se o peso do momento é intransponível,
 se não sabemos ainda quão longo foi o túnel,
 se ainda estamos distendidos no extenso,
 Se paira angústia na tua memória plangente...
 Lembra dos sorrisos, livros e flores
 que guardei nos teus armazéns
 e dormiram nos teus almoxarifés.
 Lembra dos perfumes e bálsamos
 no sono impregnados...
 Da locução de meu amor em poemas.

E agora que me falta saúde,
 de mitigar tanto mal tomando
 nas mãos uma taça e gole do Estige*,
 estou em repouso na tua
 normalidade construída.

Quando fecho os meus olhos,
 teus enunciados destinadores.
 Quando abro os meus olhos,
 o orto de teu Sol no inverno.

* “É tradição comum, inserida em inúmeras fábulas, a história de um juramento pelo qual os deuses se prendem quando não desejam abrir espaço ao arrependimento. Invocavam não uma majestade celeste ou atributo divino, mas o Estige – rio das regiões infernais que, com suas sinuosidades, cercava o palácio de Dite. Somente essa fórmula sacramental, e nenhuma outra, era tida por segura e inviolável. O castigo da infração – o perjuro seria excluído, por algum tempo, do banquete dos deuses – era o que estes mais temiam. (...) Com esse nome os antigos significavam os direitos, prerrogativas, riqueza e felicidade do Estado.” (Francis Bacon (Barão de Verulam). A Sabedoria dos antigos, São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 29-31).

CARDÁPIO DE EXPERIÊNCIAS

Bom dia!
Aqui está, hoje, o teu
cardápio de experiências.

De entrada:

sorte de um emprego para fazer o que gostas,
flores de presente no fim da tarde de sexta,
estrelas desenhadas no halo de teu corpo;
tirar uma boa nota e dormir sono justo à noite,
ver o mesmo vasto mar de diferentes cores
em terras diversas,
uma cidade imensa guardando coisas desconhecidas.

Como prato principal, escolhes:

uma praça com torres e flores oculta entre arbustos,
estrelas vistas no céu à noite deitado sobre a grama,
dançar durante três horas ininterruptas tuas músicas favoritas,
suspirar de prazer enquanto recebes mensagens de amor,
fazer uma boa pergunta perturbadora ainda sem resposta,
andar de cavalo à beira de um lago desabrochando madressilvas,
rendimento de um terço de teu ouro guardado em ouro.

E como segundo prato, podes eleger:

um quarto com lareira e baldaquim de musselina no inverno,
riso de criança descendo a ladeira em rolimã,
dormir abraçado e acordar dolorido com os filhos (e netos),
ler um livro fabuloso que te diz coisas novas e raras,
uma fêmea audaz em vestido perfeitamente branco de crepe e véu de renda,
ficar quanto tempo quiseres em uma banca de revista.

Como sobremesa de ter experimentado, tens:

bebês engatinhando pela casa ao vivo e em fotos,
vinho bebericado ao surgir na varanda a lua,
andar de bicicleta logo que raia o domingo,
chegar em tua casa depois de longa viagem,
uma piscina com água salgada sem ninguém mais nadando e
pastel, torta e folhado de palmito.
(o que seria uma vida sem palmito?)

Há também...

Café expresso com chantilly, ou chá,
vinho licoroso tinto, frutas
e
pequeninas coisinhas doces,
as palavras que derretem na língua.

Onde encontrei este cardápio?
Ué. Na vida de viver.
Fui sonhando, pedindo e a vida me trouxe.
Soubesses o que é teu dia de hoje...

O DESTINO DOS FANÁTICOS

Os fanáticos criaram uma seita
e isolaram-se com ideias fixas:
elogiaram a paranoia,
temem esfaquear-se.
Aos desertores a traição permanente:
chutes e socos aos desertores.
Maldizem-nos nas praças...
provocam o inimigo
para provocar seu patriotismo
e exacerbá-lo.
Prepararam avisos:
cuidado com os chutes e os socos.
Publicaram imagens e títulos falsos:
nos ombros as armas.
Alegam que têm o poder permanente
de ultrapassar todos os semáforos vermelhos
com seus carros esportivos de luxo.
Negam haver caminhões pesados que
pouco se importam com o fogo ou o verde
dos cruzamentos e passagens.
Deram um tiro no sinal vermelho!
Mataram o semáforo.
Deus quis...
Negam haver um vírus
que possa matar os mais fortes e varonis.
(Os fortes e varonis morrem pela Pátria.)
Deram um tiro no vírus!
Mataram a pandemia.
Deus quis...
Negam haver voto auditável
que possa ser verificado, eletrônico ou impresso.
A eleição é uma fraude,
deem um tiro na urna e na cédula!
Mataram o voto, porque
Deus quis...
Fizeram barricadas na entrada dos prédios públicos,
apropriaram-se do Estado
e declararam guerra a todos que os critiquem.

Deus quis! Pela Pátria!
Baniram-se detrás das barricadas
e
não mais conversam entre si:
o inimigo está perto de si mesmo...
O cálculo, o cálculo!
Todos querem tomar-lhes o poder absoluto
da verdade por eles repetida
mil vezes.
Todos querem tomar-lhes o poder absoluto!
Chutes e socos!
Armas!
Tacaram fogo no repositório de cultura.
Repositório marxista!
Queimaram livros de Paulo Coelho!
Subversivo!
Incêndio no Museu Nacional de História Natural,
colonialismo!
Vandalizaram a estátua de Borba Gato:
assassino neoliberal...
Sim, tudo isto aconteceu.
Por mais seja difícil de acreditar...
A Pátria ! Ó, a Pátria!
Ó seita dos proclamadores da verdade!
Sexo, sexo com a mulher de ombros nus,
digam ela é a mais bela de todas,
volúpia com a assassina gostosa vestida de princesa.
Todas as outras mulheres não se depilam e são feias!
Sexo, sexo, exibam os ombros nus da mulher
com que todos os homens temem fazer sexo!
Vós, os únicos conhecedores do interesse nacional!
O fogo, o fogo! O fogo eterniza...
Queimem também a vossa Pátria !
Queimem-se a si mesmos,
vós, que sois o templo de vossa própria seita!
Ah! Desertores de si mesmos!
Enlouquecei-vos,
enlouquecei-vos completamente pela Pátria !
Ó, fanáticos de uma seita política desgraçada!

Ah! A seita! Proclamem nas praças
os dogmas de vossa seita
e multipliquem a gente nas fotografias falsas!
Ah! A Pátria, a Pátria!
Queimem a história, os acervos artísticos e os monumentos
platem notícias falsas, mintam para os seguidores
Criem contas falsas sob a proteção do Estado,
mintam, mintam, mintam!
Proclamem com força tudo do que duvidam!
Deixem morrer de fome enterrada na poeira
a memória do que vos engendrou no passado!
Pelo amor à vossa Pátria!
Pois para vós, não há nenhuma esperança...
Não há nenhuma esperança,
não há nenhuma Pátria,
se não houver a vossa vitória...
Ó, voluntários de uma seita política desgraçada!
Infelizes!

O LADO PODRE DA VIDA

Em algum lugar do mundo,
pessoas caem de um avião
por ter se agarrado firme demais às suas asas;
e a multidão que não conseguiu agarrar firme
corre e se comprime em desespero.

As mulheres morrem esfaqueadas
pelos maridos e namorados
que no dia anterior diziam amá-las.

Em algum lugar do mundo,
as pessoas bebem detergente
porque lhes sugeriram fazer isso,
porque ficaram atormentadas
ao ver os vizinhos morrendo.

Em algum lugar do mundo,
um burocrata maldiz e descarta no lixo
mulheres que se portam como meninas
enquanto seu coração se comove solene
ao escrever sobre direitos,
sobre a proteção de meninas e mulheres.

Em algum momento, alguém
defende a liberdade de insultar e de mentir,
usando como peso para segurar a porta
a Bíblia e a Constituição Federal.

Em algum lugar do mundo,
um pai a quem a mãe deixou por instantes
o filho sob seus cuidados, em uma favela
colocou um bebê sobre uma frigideira
e o fritou, porque ele estava chorando muito.

Em algum continente do mundo,
mais de um milhão de pessoas
morreram sufocadas pela peste.

Lugar raro, onde seus corpos foram intocados
pelos dedos de carinho de seus parentes,
onde há autoridades dizendo ser dispensável
higiene nas mãos e utilizar uma máscara.

Em algum lugar do mundo,
um mosquito não dorme e chupa meu sangue
como se eu fosse uma vaca desmaiada.
Existe o lado podre da vida.
A vida apodrece.

Gente correndo, subindo e caindo do avião em voo.
Mulheres massacradas ouvindo dos homens
discursos repetidos sobre seus direitos.
Gente bebendo detergente porque lhes disseram.
Mulheres mortas por homens que disseram amá-las.
Um bebê frito em uma frigideira pelo pai.
Mais de um milhão de cadáveres debaixo da terra
Porque usar uma máscara é desconfortável.
A vida apodrece.

Mas da podridão e desse odor fétido,
sedimento: o substrato e alimento das árvores
onde os pássaros vêm fazer os ninhos.
O canto de cotovias transmitindo a noite
ao verso feito de raiar um novo dia...

Podridão que a poeira recobre com poeira
e os séculos amadurecem com peso da terra
até germinar as rochas transparentes e preciosas.
As uvas botritizadas
produzem um vinho doce mais nobre...

Da podridão, os versos com nobreza
sobre essas coisas inacreditáveis e
desprovidas de senso, de pensamento e de
humanidade...

Disso o mosquito que finalmente consigo matar
agarrando-o no ar com o meu punho.

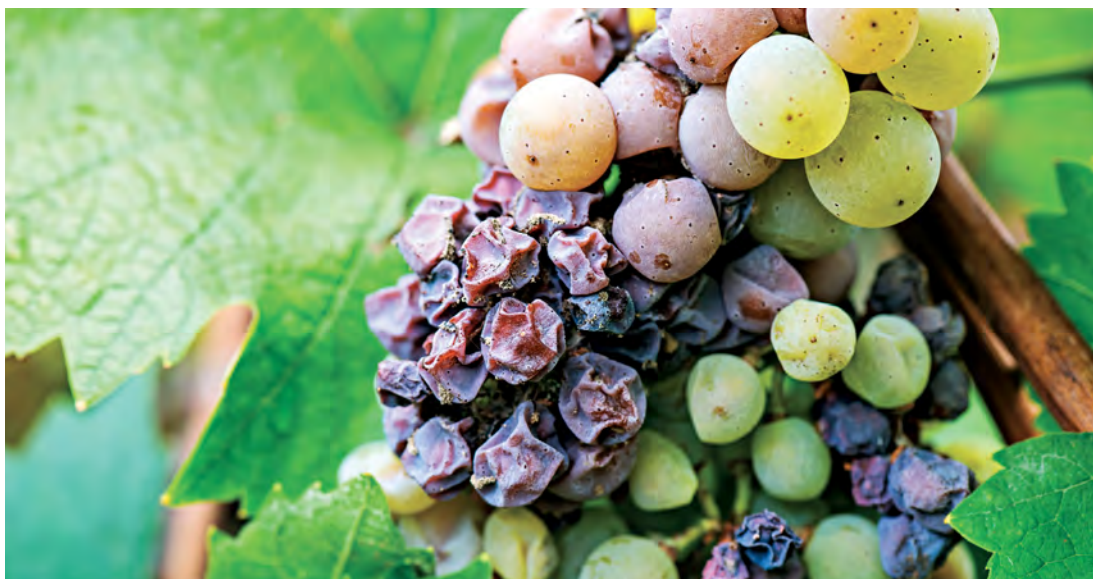
A poesia um filtro que nos coa do mal em seu estado mefítico,
Um vinho podre e nobre,
anestesia doce da dor que nos mói.

Já é dia, já é um novo dia.
Que longa e difícil, esta noite
Em que vem a tristeza do mundo,
mas não vem o sono...

O mundo me envia uma mensagem e
me pede palavras de cura,
mas como ter palavras?
Venha o mundo e então
fique comigo esta noite,
mesmo sem palavras.

Eu durmo um pouco e acordo muito.
É de nossa alma estar pura e viva,
que achamos tudo isso podre.
E mesmo enterrada no meu peito,
existe ainda a esperança.

Debaixo do meu peito,
ainda existe uma espera
de amor e de amizade.



Botrytis Cinerea, o fungo que produz vinhos doces e raros com “podridão nobre”.

O MEU LÁPIS ESTÁ QUEBRADO

A ponta do meu lápis
está quebrada.
O meu coração,
partido em mil pedaços.
A minha garganta está seca
e está rouco o meu espírito.
O longo deserto
longe dos beijos em meus Filhos.
Eu caminho como um náufrago
pelas notícias de mortes
dos parentes de meus amigos.
A minha família nos preparativos
do navio que não poderei tomar
no dragão de novembro, diz que
retornará logo em breve.
Tens coragem!
É o que me dizem,
e me pedem uma foto minha.

Eu fecharei os meus olhos
nesta sala de música suave.
Em breve tudo isso terá
sido registro do passado.
As pessoas ficarão chocadas
quando abrirem o livro:
estarão perplexas
com a certeza e a arrogância
diante do mal que fomos
conhecendo aos poucos.
Vertigem do que vimos e
do que não vimos,
porque estávamos exaustos
diante do número de mortos
e diante da psicose dos governantes
não sabíamos o que fazer.

NA ARESTA DO TUIUIÚ

(um poema para a Confrade Raquel Naveira)

O udu-de-coroa-azul,
a ariramba-de-cauda-ruiva,
o araçari-castanho,
o gavião-real, a corta-água
e as aves de banhado
e as aves rapineiras
necessitam de um sobrenome
para poder cantar.

Mas o tuiuiú
voou no meu sonho livre
e andou de pernas muito longas.
Pisou com elegância no pântano
e abraçou as águas escuras
onde se escondem os lambaris.

Maior ave do Pantanal e voa,
pois seu corpo não pesa
na envergadura de albatroz.

Nem toda ave espessa voa,
e a águia espreita sobre a rocha alta
nos picos distantes o fim do dia:
em que o ventre da terra é longe,
em que a água é do céu um espelho.

Mas o tuiuiú voa largo,
rente à água doce,
beija o lago verde.
É a mais elegante de todas,
em plumas de branco apurado,
com laço no pescoço rubro,
olho escuro sobre a testa negra.

O que nos mostra essa aresta de ave
triscando as pontas das asas na água?
Pisando a terra e os longos charcos,
escorrendo da árvore ela vê o mundo
desde um chão culcado delicadamente.
O tucano e a garça querem ser seus pais
para ter galgado passos grandes...

CONFISSÃO ÀS ORQUÍDEAS

Confesso a vós, irmãos e irmãs,
que apenas vós comparecesteis nesta parte.
Confesso a vós, amigos e amigas,
que apenas vós provastes de meus banquetes.
Ninguém mais
atendeu a meus convites.

Para os banquetes que preparei de
palavras ressuscitadas
encontradas nos pernoites
entre a bóveda estrelada e o sonho,
de emoções decepcionadas
das quais colhemos trigo...

O banquete que preparei
de verdades e esclarecimentos
sobre as paixões que duram,
que duram infinitamente
nos teus olhos de cordas refletidos
em outros olhos que virão
a ler no futuro estas letras gastas.

Ninguém compareceu a estes banquetes
de passos quebrados, vento, ventre,
criança, criação e pluma...
Com uma orquídea bem florida no
centro de mesa.

Apenas vós: tu e eu.

Será que vós,
Tu e eu
Seremos nós, também, em outra parte ?

Será que vós que lestes comigo

quando fui triste e amorosa e má e
cheia de crua esperança
e fostes comigo o que fui,
e provastes do banquete
de palavras comigo
Vos tornareis também
Tu e eu em outra parte?

Não somos visgo, dizeis então
nesta noite sagrada à mesa.

Não queríamos aplausos,
recordais vós, então,
escritores comigo.

Natural que
estejamos apenas nós
a ler estas nossas palavras consigo
a imaginar o que virá depois disto
a procurar coisas que assustem
e depois nos expliquem.

Queríamos apenas esta vida
e tudo que vemos, de viver
durante estes banquetes eternos
nas vidas outras,
no amor eterno,
nas confissões mudas,
nas pétalas de orquídeas ...

E o que tivemos?
Ninguém veio.
Apenas vós,
tu e eu,
estamos sentados a esta mesa.

ANOS DE IDADE

(28 de novembro de 2021)

OS ANOS DE IDADE

Ser jovem:
vontade de ter experiências novas
sem que o mundo nos aborreça.

E o mundo, para se vingar
do desvario de otimismo sorridente,
do espírito enérgico de saltar com varas
do desafio sem esforço com que se entregam à vida
os envelhece.

O mundo se defende:
não envelhece,
apenas
amadurece os jovens.

Ignorado pelos jovens,
o mundo se casou
com a idade...

E agora,
já que vivem bem,
que os jovens
não os aborreçam.

O mundo e a idade
se casaram,
até o fim dos tempos.

A CASA DE PRAIA NOS ESTERTORES

Pesquisaste muitos terrenos e
sondaste muitos lugares
pelo mundo, pela selva, pelo deserto...
Analisaste ocas, apartamentos, sobrados,
saletas, choupanas, casas de costura,
vivendas, cabanas, aselhas...
Mas nada te fez mais feliz
que uma casa de praia nos estertores.

Ali, onde a onda é calma
e ninguém tem vontade de
levantar a voz contra o que venha.
Ali, nos estertores
onde o dólar é pasto,
na conversa em senha.

Pesquisaste muitas moradas,
muitas casas onde as mulheres costuram;
elogiaste o ponto em cruz.

Mas nada te arrebatou mais do que
dar um sorriso tanso na casa de praia
em que passaste apenas alguns dias,
na casa de praia que achei nos estertores.

Ali, onde a onda é calma
e ninguém tem vontade de
levantar a voz contra o que venha.
Ali, onde a analgesia é braba
e idosos fingem ser playboys,
de grimaça blasé na testa com cenha...

A casa de praia nos estertores
A casa de praia nos estertores
A casa de praia nos estertores...

O LOUCO NÃO CONCEBE

O louco
não concebe a possibilidade de
que seja louco.

Discursa sobre inimigos
para os inimigos de que reclama.

Denuncia crimes
cometendo crimes que denuncia.

Maldiz a terra que o engendrou
entre gemidos de gugu-dadá.

Prega a disputa, a controvérsia e o conflito:
quer vê-los evoluir até o intolerável,
eclodir guerras.

Sonha se declarar vencedor depois do banho de sangue,
ficando uma bandeira em um monte de estrume
feito por ele mesmo.

Não, amigos.
Os loucos de pedra,
loucos mesmo,
não concebem a
possibilidade de que sejam loucos.

Nós, que já nos dissemos:
“somos loucos”
ao menos uma vez na vida.
Nós que, ao menor deslize
dizemos a nós mesmos:
“que loucura fizemos!”

Nós que já estamos cansados
de constatar também a loucura do mundo
escolhendo algozes para governá-lo,
cansados de enfrentar as acusações
com que irrefreados os homens se vestem...
(Acham essas vestes modestas,
de acusações abundantes,
as mais louváveis).

Nós, que somos loucos
e nos sabemos loucos
de decidir continuar vivendo,
de ter esperança, e de ser
gentis com os lobos...

Não somos loucos a valer.
Admitir a nossa própria loucura
diante do inadmissível
é algo saudável.

Mas: existem os loucos
que
não concebem a possibilidade de
que
sejam efetivamente loucos.

E dançam os loucos como meninas
ao redor da fogueira onde
jogam continuamente carne humana
de seus amigos e familiares.

O DESEJO BRASILEIRO DE PUNIR MULHERES

Os brasileiros
querem punir mulheres,
dar a elas o seu pagamento
por existir e dizer que existem.

Ai! Querem punir mulheres,
cobrar delas o seu pagamento,
paga, paga! Paga pelo que disseste...

As mulheres recebem como pagamento
punições e críticas.
E devem pagar, em retribuição ao seu pagamento
textos, produtos, serviços, beleza, dinheiro, sexo, favores, funções políticas...
A mulher que pedir em retorno
textos, produtos, serviços, beleza, dinheiro, sexo, favores, funções políticas...
Será considerada FEMINISTA.

E as que não pedirem nada?

Ana Maldonado: quem conhece?
Maria: a louca.
Leopoldina: fraca!
Tereza Cristina: feia!
Princesa Isabel: falsa!
Dilma: burra!

Porra!

Nenhuma mulher presta, jamais prestou, nem prestará!
Sobretudo as feministas!

Ah! Queremos mulheres que engraxam os sapatos dos homens,
que mostram suas nádegas bem torneadas,
magrinhas, esbeltas, modelos... Delicadas!
Queremos mulheres que passam fome e se depilam,
as que cubram todo o seu corpo
com lacinhos de fita azuis.
Por favor, mulheres que toquem piano e saibam francês !

Que inspirem nossas filhas
a ser objetos silenciosos e sorridentes
da penúria e da desgraça humana.

Exibam essas mulheres no museu, quase nuas, lambendo a sola dos homens.
Exibam nos museus as roupas dessas esposas devotadas
que vivem para elogiar seus maridos
e lambar os pênis deles.
É um privilégio para elas!
Essas são as vossas filhas sorridentes
que desejamos sejam mães do povo...
Elas sim, são modelos perfeitos para nossas mães, irmãs e filhas...

E não se esqueçam de parir mulheres perfeitas,
que abominem o feminismo!
Que puguem o fim do direito ao voto, à voz, ao salário, ao cargo público.
Só pode ser esposa!
Só presta se tiver um homem!

As mulheres são incapazes e
prova disso é que são mais fracas.
As feministas estão todas erradas,
Calem a boca, feministas!
Todas as feministas são abortistas lésbicas!
O Papa Francisco disse!

Não trouxeram nem de longe
o mesmo aporte com que os homens
brindaram as luzes do conhecimento ao mundo...
Jamais têm nem haverá nelas
a obediência de Maria.

Que nenhuma mulher jamais nos governe novamente!
Tamanho trauma...!
Ser governados por mulheres...
Tamanho trauma...!
Dar a elas o mesmo pagamento dado aos homens!
Tamanho trauma...
Ah! Que horror, ver nossas filhas votando, sendo eleitas, dando sorrisos felizes!!!
Ah, que horror!
Ver uma mulher grávida recebendo salário
sem trabalhar.

Vagabunda!
Mulher grávida que não trabalha
é vagabunda!

Esta Mulher que bebe chope no bar, de bermuda
é uma prostituta profissional!

Façam essas mulheres pagar!
Estuprem, matem as que reclamarem!
Tirem os filhos dos braços delas!
Até que chorem e supliquem...
Até que cada mulher neste mundo
fique para sempre muda
e em seu lugar:
dependente, debaixo dos pés dos homens
como o encosto em que pisam e posam
e se erguem poderosos, virtuosos...

Até que fiquem virginais
com rosto angelical de Maria...
Com lágrimas nos olhos, de Maria...

Mulher: cala-te!

Desconhecida, louca, fraca, feia, falsa, burra!

Ah! Como é bom
Punir as mulheres!
Seres nobres, frágeis e puros,
tão burrinhas, iguais aos cavalos e cachorros,
selecionadas geração após geração
apenas as mais baixas e mais mansas,
que não podem JAMAIS
se organizar,
nos punir e
nos retaliar.

Quem conhece? Louca! Fraca! Feia! Falsa! Burra...

Nestes mais de quinhentos anos
fomos governados apenas por
Sete mulheres
Graças ao desejo brasileiro de
punir mulheres.
Chega de mulher!

Não é isso que queremos?
Não é essa a verdade?

O CHÃO DA REAÇÃO NENHUMA

Ontem, numa sala em que
aprendíamos a montar uma operação de paz
no Afeganistão e no Iraque
uma mulher indagou se havia perguntas.

Ontem, eu fiz uma pergunta a uma mulher
e ela deu gargalhadinhas nervosas, riu de mim,
bastante incomodada,
dizendo que minha pergunta
não fazia o menor sentido e que eu
não demonstrava ter o menor conhecimento.

Foi quando
ela ficou surpresa com
a minha reação nenhuma.
Fiquei aguardando apenas uma resposta,
pois se eu perguntava, era por não saber, mesmo.

Ela, mesmo assim, não respondeu à minha pergunta.
Eu repeti a resposta que ela me deu, que não continha a solução e
outros homens finalmente responderam à minha pergunta
com enorme precisão e afinamento,
elogiando a minha pergunta.
Eu agradei com
uma fórmula de cortesia.

Ontem, também, na mesma sala, uma mulher indagou se havia perguntas.
Naquela sequência, um homem fez uma pergunta a uma mulher
E ela riu com ele, muito feliz, agradecendo ao dizer que
era uma excelente pergunta.
Ela afirmou que estava muito feliz porque
Alguém tinha tido coragem de fazer uma pergunta.

Eu abri uma revista e
esbocei no meu rosto
reação nenhuma.

Hoje anotei isto em um poema.

E
borrifando água em minhas orquídeas,
dando ração e remédio para meu cachorro,
lendo meus livros,
ligando para meus Filhos para bater papo
e comentando com os amigos o que descobri em alguma pesquisa
pretendo não tirar nenhuma conclusão a respeito disso.

Eu deveria tirar uma conclusão
a respeito disso, eu deveria.

Eu deveria me lembrar do quanto meu Pai mentiu para mim
durante a minha infância
ao me dar de presente helicópteros, carrinhos,
legos, livros de história do Egito e livros de filosofia.

Ele mentia descaradamente, dizendo que
eu poderia ser, quando crescesse, o que eu quisesse.
Ele mentia demais, demais, dizendo que
as mulheres são o futuro da nossa humanidade,
que as mulheres são a fonte da segurança do mundo.

O meu avô também mentia.
Ele me deu a coleção de Júlio Verne
e enciclopédias
e me ensinou matemática,
dizendo que toda mulher é linda,
que toda mulher é muito inteligente
quando eu lhe mostrava que havia
aprendido braile e código Morse.

Eu deveria me lembrar do quanto eles mentiram para mim
durante toda a minha infância.

Haverá dia em que
eles terão dito a verdade?
Dia em que será merecida
a esperança alguma.

Mas hoje eu não quero tirar nenhuma conclusão apressada
a respeito disso.

Porque
tenho muita coisa para fazer e
porque
gosto muito desse chão firme
de esboçar reação nenhuma.

CRÍTICA AO CONFINAMENTO MODERNO

A busca pela verdade,
ah, o lugar de nenhum remorso.
O pódio onde subiram os homens
que se tornaram arrogantes
por recusar conformar-se;
de onde querem decidir
o que está ou não está conforme.

A verdade como
fruto do pensamento avançado.

O pensamento permite imaginar,
criar, o seu inverso, a sua reformulação;
mas o discurso de poder
não suporta a transgressão,
a melhoria, o questionamento.

Não é pensamento o que
na verdade
tornou-se discurso de poder
e me determinou o lugar de subserviência.

Não é cuidado o que
na verdade
tornou-se perversão de poder
e me determinou o lugar de objeto.

Não é amor o que
na verdade
tornou-se uma relação de poder
e me determinou o lugar de servidão.

Pisemos fora da localização
circunscrita na mente dos homens,
do que eles delimitaram por si mesmos;
e veremos se há, efetivamente
pensamento, cuidado, amor...

Eis a verdade:
depois de fazer tudo,
e quanto tudo estiver muito quieto,
transgrida um milímetro,
se queres conhecer a verdade:
se pensam, cuidam, amam...
Ou a bem da verdade:
não transgrida nada...
Apenas observe.

E tantas vezes encontramos
animais confinados
num corpo sem alma.
Latem, mordem e comem.
O ser humano preso em suas
necessidades epitiméticas
e juízos platônicos amargos
algum dia terá humildade de
nascer para o que desconhece?

Por que se confinam
tão definitivamente, os homens
em um pódio onde se elegeram
monopolistas da verdade?

Donos de si mesmo que
vivem para si mesmos
em pequenos espaços;
o narcisismo em sua infecção desenfreada,
ensinado por suas mães já invisíveis...
Herança celebrada pelas esposas que
aprenderam o narcisismo por reflexo.
A elas o destaque, se colaboram.

Não se pode viver sem admitir o contrário?
Sim... Nem tudo está determinado.
Existe mais do que o imponderável:
existe a verdade...

Ao meu lado alguém me questiona;
e que felicidade por isso!

Ao meu lado, me beijam e me questionam...
 O que mais eu poderia sonhar de belo?
 A liberdade é o fruto precioso
 do pensamento, do amor, do cuidado...

Ah!
 Amigo, tu, transgressor que me libertas,
 veja o grundismo absoluto.
 Veja as fotos gigantescas
 em cartazes de mais um Stálin doméstico,
 criticando a máquina de propaganda do comunismo...

As multidões de cegos e pobres que
 nos arrogantes creem, e na última finalidade
 que apenas seus ídolos podem revelar...
 Querem recuperar o poder que tinham,
 de determinar a verdade, é o que sonhavam;
 e esse poder fantasiado vicia um fanatismo laico.
 As massas cativas precisam ostentar algo!

Sim, em pleno Século XXI
 ainda vemos diante de nós as massas.
 A cidadania em defender este ou aquele...
 Isto ou aquilo...
 Não se pode usar a mão esquerda e direita?
 Não se podem dar passos com as duas pernas?

Ah.
 Pagaste o pedágio ideológico,
 pagaste o valor do ingresso?
 Não é a ideologia, mas é Narciso que unilateralmente exige a ti,
 para ser parte de algo maior do que ti mesmo.
 Para ser parte dele
 promete que encontrarás um propósito.
 E narciso, sendo só uma florzinha,
 afoga-se sem ver o seu reflexo.

Desde quando a palavra se tornou
 uma arma para a imposição de ideias,
 e não um convite a celebrar o veios
 de onde escapou a água brilhante
 sem machucar-se pelos cursos pedregosos?

A palavra da pluma é mais forte que o aço da espada;
a palavra nos redime, o aço desfere.
Em que lugar preferiremos ter moradia,
no encantamento, ou na brutalidade?
Ao menos nos servissem o aço e a espada,
O nosso esforço brutal
para confinar ao longe as firulas que só desferem.

Em triste confinamento, mesmo, vivem os que
se dizem portadores exclusivos da verdade
fazendo-se seguidores de camisas e bandeiras:
em espaço bastante estreito, frio, escuro... Raso.
Onde está o horizonte de humano infinito,
o campo onde nascem as nossas flores?

Mais feliz é o homem que
ensanguentado, coroadado de espinhos e
disposto ainda a carregar uma cruz
disse-nos a profundidade: "eu sou a Verdade".

E, de fato, o que se projeta em ferida de alguém
denuncia a nossa própria violência,
o que se projeta de bom e se recusa em um adversário
fala um pouco da nossa própria natureza.
A verdade seja a palavra que dissemos com o coração,
o caminho seja o trajeto que perfazemos com coragem,
a vida seja esta vontade que escolhemos ter

PAISAGENS CÍNICAS

A paisagem cínica se conforma de
 montanhas de fanatismo laico ao fundo,
 no vale da contradição condescendente,
 sob o belo termo da “distopia”.

Há, ao longe
 chuva de imprecisões sobre
 aqueles que não foram protegidos
 por qualquer dono do poder
 e sua mística de consentimento,
 capaz de refrear os instintos dementes
 de uma coletividade de prosélitos
 sob o manto revelador da apologia.

Dentro do pensamento daquele vale
 banhado pelo mar de besteiras rasas na orla externa
 e pelo lago de profundas suspeitas no interior,
 também se estendem
 territórios feudais jurídicos
 que ignoram a civilização e
 os seus movimentos de expurgo
 de visões que enxergam apenas para ganhar,
 sem se importar com a paz que todos perdem.

Um psiquiatra pesca em um lago:
 diz aos peixes que se comiseram e
 que sofrem também com eles.
 A saúde pública não é seu assunto,
 se não for vender sessões e medicamentos.
 Logo, ao peixe ele diz também que é um peixe...

Um grupo de rebeldes resignados
 constrói ao longo desse vale
 uma cidadezinha de humor
 para gozar os fanáticos,
 imitando os fanáticos.

Ali, nas casas feitas de
tábuas queimadas de cinismo
há um fevdo ocioso,
onde ao menos há muita alegria
e abunda a perspicácia.
O brasil de brasa quente nos salva...
Churrasquinhos e marshmallows.

Mudam as paisagens
e
mudam os homens?

Mas
o buraco onde
caem os cínicos
é mais fundo que
o buraco donde
não sai o cético.

A minha asa invisível
felizmente
já não os alcança...

O DIA DE MINHA PLUMA NOS TEUS OLHOS

Não joga fora nenhum de meus escritos.
 Eu os tenho rasurados, refeitos e esquecidos.
 Alguns não publico, alguns prefiro guardados;
 os piores, eu assumo, são péssimos.

Nuns, digo o que não penso,
 noutros, deixo neles certos pecados
 demarcados num rompante
 com os quais
 eu mesma não concordo.
 Em outro poema direi que
 o pecado não está certo.

Mas quem nasceu escrevendo apenas
 versos lapidados, substâncias virtuosas e enredos perfeitos?
 Não joga fora nenhuma de minhas páginas.
 Dizem que um bom escritor
 joga fora mais da metade das páginas que escreve...

Não tenho nenhuma vaidade nisso
 nem pretensão a um reconhecimento de poeta de ouro.
 Há quem sonhe ouvir tilintar o próprio nome
 dito com admiração na boca de outrem.
 Poetas em linha reta.
 Para mim, isso seria querer ouvir uma
 nota desafinada, um encontro triconsonantal em corruptela...
 O zumbido de um microfone antes do teste.

Gostaria não dissessem meu nome,
 gostaria de ser como os grandes:
 lembrados antes os nomes das suas obras...
 O próprio nome uma boa obra
 que tire do bolso quem anda periclitante.

Por essa razão
 eu vejo com pena quem me difama, pois
 não tenho uma reputação de prestígio a preservar...
 Muitos de meus escritos têm erros

que passaram diante de meus olhos
e me escaparam, enquanto eu revisava.

Abro um livro publicado e encontro um
erro ortográfico
uma palavra mal colocada
de um trecho que modifiquei,
às vezes formulo
um raciocínio despreparado...

Textos longos e enfadonhos
que serão lidos apenas por quem
não tem para fazer mais absolutamente nada
que
ver uma poeta nua
em seus versos sem roupa.

Pudesse o leitor ver o que vejo:
o tilintar das taças de meus amigos
escrevendo comigo poesia...
A poesia que entrou na vida deles.

Mas
quando terei finalmente conseguido
publicar o livro perfeito, que me agrada?
Quando terei construído um poema que
não possa ser destruído?
Um raciocínio redondo, do qual
brotem folhas, flores e frutos...
Poema para o qual eu feche o livro e
continuem soando as palavras...

Algo para meus Filhos,
algo para ti,
para arrancar do teu peito uma emoção guardada,
para fazer pensar mais doce e sentir o entardecer.
Algo que
ninguém jamais poderia fazer igual...
E assim continuo.
Um dia, quem sabe,
eu consiga.

E abro certos poemas antigos
com mais sangue do que nostalgia,
com alguma predileção:
como consegui escrever isto?

De onde tirei a ousadia para enviá-los a
Embaixadores, Governantes, Sábios e Papas?
Ousadia de lhes transmitir o que me pareceu útil:
todas as minhas perguntas sem respostas.
Eu gostaria que soubessem um dia as respostas.
São as mesmas respostas e presentes que se
enviam a todos que se amam e que me escrevem...
O tamanho de alguém grande
não é tão maior que um pobre, preso e humilde, ainda,
tendo todo ser humano quase o mesmo peso.

Assim também me enxergo:
uma cidadã que andou pelo mundo
dizendo do que dói na alma.

Mas hoje, talvez eu não conseguisse
escrever novamente o que me inspirou
o dia de minha pluma nos teus olhos.
Hoje talvez eu não tivesse tanta vontade
de dizer algo que compensa.

E vou passando as páginas,
relendo nossas histórias,
como se passa um álbum de retratos velho,
em que nos vimos os que ainda existem.

O BERÇO DO NEO-GRUNDYISMO

O Sr. Grundy não suporta mulheres jedi
segurando sabres de luz no cinema,
sem vestido de cetim nem lingerie.

Sr. Grundy detesta ver um negro
usar um casaco de piloto,
detesta ver mulheres cientistas na rua
fazendo gente rir por espanar fantasmas.

Sr. Grundy acha que
uma mulher não deve ter força
para segurar um martelo enorme.

Sr. Grundy não aceita
novas histórias com heroínas de
personalidade própria
nem suporta
negros protagonistas.

Ele detesta as mulheres que
são o que são
E que os negros
sejam obedecidos.

(Dom Pedro II formava
heróis negros na
sociedade carioca pobre
e deixava a Princesa Isabel
reger à vontade;
mas Sr. Grundy
não mais se lembra
desse conservadorismo).

Sr. Grundy detesta as mulheres que
não usam roupa conforme a moda
da Duquesa de Cambridge;
detesta as mulheres que
não levam os cabelos plissados
e que se conformam com a celulite.

Os eunucos, conforme Sr. Grundy
não podem ser eunucos pelo
Reino dos Céus.*
Sr. Grundy não quer ver
eunucos...

Sr. Grundy afirma ser o fim dos tempos
o fim da beleza
toda a arte que nos choca
todas as histórias imaginadas
por quem antes não podia imaginar,
não sem ir parar numa casa de saúde
e ter como habitat o esquecimento.

Sr. Grundy não tolera que
limitem a sua liberdade de expressão
e reclama: liberdade de condenar
tudo o que não se encaixe na sua vista.

Sr. Grundy não suporta
questionamentos
e manda prender e pagar
quem o questione.
A liberdade de expressão é
apenas a liberdade dele.

Sr. Grundy detesta os druidas.
Os que tentam encontrar outro sentido
ao que ele afirma ser pináculo do
conservadorismo.

Sr. Grundy gosta de falar de paz
e de Jesus Cristo
copiando e colando imagens
de exércitos banhados de sangue.

Sr. Grundy considera
que apenas ele mesmo
conhece o cristianismo
verdadeiro:

* São Mateus 19:18.

quer patentear Nosso Senhor
e monopolizar as vendas
em território nacional,
diz que tem uma franquia do
tribunal de Cristo.

Sr. Grundy
jamais captou o
bigode de Salvador Dalí.
Jamais aceitou
o caos do mundo
para transformá-lo
em alegria.

Sr. Grundy diz que
vem dos Estados Unidos
mas
quer todos marchando
e falando bem de seu nome
e seguindo tudo o que estiver disposto
conforme a média e o hábito
que ele julga comum.
Igual
o povo nazista de Schüttelfrost.

Quem conhece o Sr. Grundy?

E quando
poderemos
finalmente
enviar
o nobre Sr. Grundy
para a terra dos mongóis?

Quem sabe ao
encontrar a
sociedade perfeita
de Gengis Khan
o Sr. Grundy não volte.



Mrs. Grundy



Frontispício do livro de Thomas Morton "Speed the Plough" (1798), cujo personagem menor, Sr. Grundy, veio a personificar a tirania dos modos convencionais.

CAIM: ADEUS

Prefaciante de que tivesse sido inventado
o exílio para quem prefere não lutar
e muito antes que tivesse sido nominado
o País em brasa dos que fugiram da pobreza da guerra,
a paisagem dos montes de florestas aonde
escaparam os homens de perseguições e dogmas,
antes do ostracismo daqueles demasiado reeleitos,
viviam nos arredores do Paraíso
os filhos de Adão e Eva,
Caim e Abel.

Seus pais, de sentimento insétil
havia sido expulsos juntos do Éden
porque já não acreditavam Deus fosse Deus.
Adão apenas acreditava em sua mulher e
Eva, por sua vez, dera ouvidos à malícia:
a serpente dizia Deus não era sincero com eles.
Passaram a agir de um modo dissimulado,
vestidos com vergonha de si mesmos...
Escondendo suas dúvidas e dores
debaixo do olhar desassossegado,
dizendo-se donos do próprio êxito.
Debaixo da máscara e da folha de parreira
a sujeira e a soez olvidadas.

Tiveram dois filhos homens
e a um Deus presenteou com
belos campos, terras aráveis:
lugar onde Caim poderia plantar
árvores, grãos, flores...
Ao mais novo, Deus concedeu
ovelhinhas de mansidão perfeita
que lhe ocupavam todo o tempo,
pois quando escapavam-lhe das mãos
prendiam-se aos espinhos.

Caim, sendo o primogênito,
rejubilou-se do grande prestígio que
Deus lhe dera.
Ser proprietário de grandes comarcas
produtivas e férteis,
a abundância!

Seu pai havia sido
expulso do Paraíso e
condenado ao trabalho,
por ter obedecido à mulher
antes de obedecer a Deus,
por ter comido do fruto proibido
da árvore do conhecimento do bem e do mal.

Sua mãe havia sido
expulsa do Paraíso e
condenada às dores do parto,
por ter preterido Deus à serpente
e querer ser controladora do homem
como supunha fosse Deus.

Contudo Caim resgatava a
dignidade perdida de seus pais.
Deus lhe visitava.

Abel, caminhando durante o dia
e apascentando as ovelhas
durante a noite,
vigiava seu rebanho
contra os lobos de dentes cortantes.
Não deveria perder nenhuma.
E exausto pelos tornozelos condoídos,
a pele queimada pelo sol do meio-dia
buscava arbustos pelo solo árido
daquele deserto em que
quase nada crescia.
E fazia partos de ovelhas
e lhes conduzia até fios d'água.
Pobre pastor entre as cidades e estemas...

Caim observava ao longe para que
Abel não ousasse passar perto de
suas plantações abundantes
com as suas ovelhas.
Que não ousasse prejudicar
o que ele próprio plantara.
Cada qual deveria viver
dos seus méritos próprios.

O tempo foi passando
e os grãos foram crescendo.
Já era quase tempo da colheita!
Quando o fruto é maduro
e os silos se enchem
da certeza de futuro.

Abel limpava de sangue as
pequenas ovelhas em partos,
e de tanto pastoreá-las
elas já reconheciam nele
a sua voz ao longe,
o seu caminhar por perto,
o som de seu cajado com
sininhos alegres.
Seu rebanho havia crescido
na proporção de seu amor
pelas suas pequenas ovelhas.
A sua alegria era incontida,
e ao lado delas corria e festejava...
Banhava-se com elas quando
encontrava um riacho azul
e retirava de novo dos espinhos
o carneiro, quando estava preso.
Estonava-lhes a lã e
cosia roupas para suportar
o frio dilacerante da noite.

Só depois de visitar Caim,
o irmão sendo primogênito,
Deus lhe aparecia
para um cordial afago.

Havia então
chegado o crucial momento
em que
o homem percebe
não merecer apenas por si
suas coisas.

Deram-se conta
finalmente
Caim e Abel
que não colhiam o que
havam plantado,
nem vestiam o que
da tosa teciam.

Era Deus que,
vindo-lhes todos os dias
dera a eles o dom da vida,
era Deus que
os fazia despertar o ânimo
para um dia de trabalho.

Contemplaram
finalmente
tudo que o Criador
fizera por eles e
por seus pais.

Haviam ensinado
Adão e Eva
aos filhos
a também ser criaturas
tementes a Deus,
esperançosos de que
um dia Deus havia de
trazê-los de volta ao Paraíso.



Sete, 1630. Zhdan Dementiev, Vologda. Catedral da Assunção, Monastério de São Cirilo-Belozersky.
Museu do Monastério Cirilo Belozersky.

Resolveram, portanto,
os irmãos já adultos,
preparar uma oferta,
um presente em
dever de gratidão,
para quem os havia abençoado
antes que tivessem nascido:
oblação.

Caim separou uma parte
dos frutos da terra,
do trabalho que muito lhe consumia,
do orgulho que lhe era próprio.

Abel selecionou os
primeiros cordeiros nascidos,
os mais fortes, mansos e generosos,
abundantes em gordura.

Chegam diante de Deus com
os seus sacrifícios de louvor
mas
para surpresa e estupefação

embora tivessem ambos
sido igualmente amamentados
por Eva,
embora tivessem ambos
sido amados na mesma proporção
por Adão

Deus não aceitou o
sacrifício de Caim
e
alegrou-se com o
sacrifício de Abel.

Caim, vestindo a roupa que
Abel lhe coseu, de lã perfeita
não conseguia notar em sua soberba
que
não deixava seu irmão mais novo
pastar rebanhos em suas pradarias.

Caim,
com o silo cheio para muitos meses,
não conseguiu lembrar
de partilhar com seu irmão mais novo
um cesto de frutos, que fosse, de presente.

Afinal:
cada qual tinha sua vida!
Fosse trabalhar Abel para
ganhar sua comida!
E não ficar brincando cheio
de alegria a contar histórias
para ovelhas que nada entendem...

E Deus já não tem tudo?
Porque deveria se preocupar Caim em
oferecer a Deus, quem de nada precisa
dos frutos da terra a melhor parte?
Não deveria Deus se alegrar
com que ele tivesse enchido seus silos
para muitos meses de fartura
e considerar dádiva o que
lhe havia sobrado de qualquer feixe?

Não percebeu Caim que
Deus não poderia receber a sua oferta
porque se encontrava em pecado:
a soberba lhe havia cegado o espírito
para o exame de consciência,
para a formação moral que
o caráter do homem genera.
Húbris...

Abel, queimado de sol
cansado de comer ervas amargas
exausto de noites vigilantes
sem poder se aproximar dos
campos férteis de seu irmão,
quando não encontrava pasto,
nem mesmo do irmão
tinha a afável companhia.
Escolheu ofertar
o que de melhor
havia produzido;
ainda que muito mais
estivesse cansado
e muitos menos bens
houvesse obtido.

Caim começa a ficar abatido:
Deus para ele não olhava,
nem para seus dons.
E observava como
para Deus
era de seu agrado
tudo que Abel fazia...

A alegria de Abel,
o sorriso espontâneo,
o olhar aprofundado.
Tudo nele refletia a
graça da presença divina.

Os silos cheios de frutos da terra
que, com Abel, Caim não havia partilhado
só lhe aumentavam a anedonia.
No seu vale fértil,
do qual havia tirado todos os
lírios de Saron
para ceder espaço ao seu
esforço agrícola
já estava a terra largada.

De que adiantaria plantar
novamente
se Deus não aceitaria
sua oblação?

E via a alegria de Abel, ao longe,
o grande predileto...
Abundante de cordeiros que
rapidamente se multiplicavam.

Obcecado com o seu deserto
de presença divina,
enxergando apenas os
problemas e faltas que
o tempo lhe fazia...

O ódio tomou seus olhos,
e tudo que Abel proporcionava
lhe era profundamente odioso.
As mensagens de carinho,
os convites de seu irmão menor
para desfrutar de melhor convívio,
as memórias tecidas de infância...
Os elogios às suas plantações de grãos
e os presentes solicitados aos vizinhos
para que o irmão mais velho fosse alegre
como os primogênitos de suas ovelhas...
Nada disso tinha valor a seus olhos.

Abriam as cartas de Abel os olhos de Caim,
e constataavam terríveis e abomináveis
cada uma das palavras com que,
tomado de inveja e torpor,
a destruição atribuía.
Vendo-se prejudicado, destronado
diante do irmão menor, sua derrota
inconsciente dava a Abel prelázia.

Deus, vendo a consequência
dos pecados de Caim,
o seu distúrbio e abatimento,
apareceu em visita a ele,

para trazer boas notícias.
“Se praticares o bem,
e cessares de praticar o mal
poderás te reabilitar.”

Deus lhe trouxe ensinamento
para que dominasse o
pecado do egoísmo e
da soberba,
para que se abrisse
à responsabilidade, a ver
o sofrimento, escassez e solidão
de seu irmão mais novo,
a generosidade e amparo que
no mais velho buscava, a ponto de
ofertar como oblação a Deus
a perfeição que via em seus primogênitos.

O filho de Adão primogênito deve
zelar pelo bem do mais jovem.

Contudo em idílio de ódio,
Caim tomou para si o
mesmo pecado de seus pais.
Colocou-se no lugar de dizer
a si mesmo o que era justo.
Deus não era um Pai justo,
pensava nisso Caim:
a verdadeira justiça teria de vir
das suas próprias mãos...

Quem mais poderia decidir,
além dele próprio, declarado
por si mesmo dono de melhores atos?
E se Abel oferecia em oblação
primogênitos de suas ovelhas,
é porque planejava para Caim
um divino holocausto...

Perdera completamente o senso:
depois de um ano em que
Abel não o incomodasse,
nem mais lhe enviasse cartas,
ainda esfregava as mãos de ódio.

E num dia macabro,
tendo cultivado mais ressentimento
que frutos sobre o chão,
chamou o irmão para
rente de seu vale fértil.
Ofereceu finalmente o campo a
suas formosas ovelhas.

Vendo o irmão em velo dourado,
chamou-o finalmente de irmão,
para levá-lo ao meio do campo e,
num tom grave,
acusar suas mensagens.
Questionou em Abel
as más intenções de tantas cartas.
Acusou-lhe de ofertar simbolicamente
em holocausto ele próprio,
por fazer oblação de carneiros primogênitos.

Abel, atônito pelas acusações,
tentava entender o que designava
o mais velho para seus efeitos,
pois Deus havia se agradado
e bênçãos numerosas havia
enviado ao irmão mais velho.

Ali, depois de ter oferecido pastagem
às ovelhas de seu irmão mais novo,
Caim agravou, acusando-o de invadir o que
ainda agora lhe ofertara às suas ovelhas:
tendo como prova suas cartas.

E o matou a muitos golpes,
instrumentos de madeira de lei cortantes
e afiadas pedras que juntara,
sem mesmo dispor um motivo torpe.

Deus, em nova visita a Caim
pergunta a ele onde está seu irmão.
E Caim, sem nenhuma compaixão
diz não saber, nem ser guarda dele.

As pegadas de Abel
nas terras de seu irmão mais velho
gritavam: sangue!

Abel havia entrado no
campo do irmão mais velho a convite dele,
sem receio e sem nenhum pecado,
desejando a melhor felicidade ao
irmão sempre turbado e insatisfeito.
Mas recebeu dele acusações de
ter feito o que Deus mandava;
apanhou por isso os golpes de morte.

Veio o castigo divino a Caim,
cultivar e não colher nada da terra;
peregrinar em terras ermas, como errante.
Caim em busca de misericórdia divina
preocupou-se novamente consigo mesmo:
qualquer um que o encontrasse
o mataria para vingar o doce e sofrido Abel,
para corrigir tamanho crime abjeto
contra a natureza e a família,
crime! matar um irmão mais novo...

Deus apiedou-se pois
tinha por um primogênito amor de Pai.
Quem matasse o filho mais velho de Adão
seria punido sete vezes
E um sinal foi colocado sobre a testa de Caim.
A marca da cabra, o sinal do demônio...

Os miolos desprovidos de sentimento,
para que os desavisados o antecessem
e não o deixassem habitar entre eles.

Um ser humano perverso,
para matar o irmão,
para matar a esposa,
para matar o empregado,
para matar o filho no ventre
por não suportar a felicidade
que encontram em Deus,
por não tolerar tenham os mais recentes
lugar ao sol sendo menores e mais sofridos,
para ocultar seus muitos pecados e
para se dizer cidadão de bem e trabalhador correto,
para manter seus muitos bens acumulados
que já não lhe trazem nenhum prazer
e suas vastas terras improdutivas...
Para tudo isso precisa, um ser humano perverso,
exibir símbolos e propagar lemas...

Oculto-se Caim hoje por meio de
caminhos errantes: tem de
renovar lemas e símbolos constantemente,
substitui a cada temporada as suas
várias manivelas e cordéis de pessoa oculta.
A gente incauta em cargos faz marionetes
que obedecem às linhas que Caim prepara.
Dele ele próprio profere a falsa justiça...

Ó grande tristeza da terra...!
Ó desgraça irreconciliável...!
Ó ingenuidade do irmão que
crê no diálogo com um irmão,
no sangue de seu próprio sangue,
no irmão de braços e de prece...
Ó calibrina de autoridade que
a um paladino da inveja se confere.
Ó pureza de quem confia no algoz
e não vê na fronde a vista escura
de ódio durante uma longa espera.

Por quê?
Por que ainda hoje anda Caim solto
invejando quem veio depois dele,
por que o ódio pelas mulheres que
ganharam espaço perante Deus?
Por que a inveja contra os negros
que têm maior fardo e menor paga?
Por que é intolerável a Caim, o perverso,
que o menor se diga menor e
sendo assim cuide de sua própria vida,
e ganhe no rosto verdejante felicidade?

Nem mesmo o demônio,
que necessita fazer passar por bem
o mal que insinua e sugere, quer
responder pelas suas pradarias
corrompidas e podres,
ó homem nequíssimo e iracundo!

Monstro!
Invejoso!
Pro inferno!
Corre daqui!

Contudo Deus o deixa ainda existir:
pois não pode retirar sua Palavra
de que se proceder bem,
o homem perverso se reabilitará:
Deus então aceitará sua oferta.
Se proceder mal,
não receberá dele o trabalho.

Deus, na sua bondade infinita
não mata
nem mesmo o homicida.

Abel repousa no Éden,
entre os quatro rios,
onde há ouro mais puro e pedra de ônix...

Terá o assassino de reputações,
o destruidor da felicidade alheia,
o agressor de mulheres desprovidas
o seu banimento eterno a terras ermas,
viverá sobressaltado de assaltos.
E dele não se ouvirá mais boa palavra...
E morrerá como um bicho qualquer
dentre tantos que deixaram
sangue de outros como pegada.

Quem dera Deus
pudesse curar a perversidade...
doença da falta de humanidade de quem
acha justa a violência dos próprios golpes,
melhores que a boa fé os seus próprios erros,
um zesto de vaidade a culpa que exhibe e carrega...
A escolha pelo mal crasso, feita de arbítrio.
Deus nos fornece todo bem necessário,
mas apenas o próprio homem pode curar o
mal que ele próprio engendra.

Mas não se dizem perversos, os perversos,
nem se dizem soberbos, os soberbos,
nem se dizem invejosos, os invejosos;
não buscam a cura nem
o conhecimento de si mesmos.
Escondem-se nos cumes
e repelem responsabilidades...
Querem camas de um gozo sujo,
matam a pureza e a inocência.

É a terra que, chocada e aviltada,
coberta de muitos ferimentos,
a Deus grita e pede socorro:
vede os golpes de violência que
fazem a um carneiro exclamar dores:
jorra de um inocente o seu sangue...

Já não produz mais a terra,
pois a natureza não pode alimentar
quem golpeia e mata sua própria espécie!



Caim e Abel, de Ticiano, c. 1542-1544, Basílica de Santa Maria della Salute

Mas Deus concedeu um novo filho
a Adão e Eva
e Sete não sofrerá violência.
Sequer conhecerá os fatos
de quem já não mais se fala.
Sabe de um irmão distante.

Mira Sete diante do campo onde
sangue havia jorrado
a imensa palavra liberdade
em painel de festa.
Ali morreu a
alegria do pastoreio.
E seu peito não mais sente,
na boca paira o silêncio.

Sete enxerga a covardia dos homens
e a miséria detrás de um lema que
nega responsabilidades.
A cruz sem sofrimento,
a agressão aos mais novos,
o símbolo de um cair precário,
de compromisso inexistente.

Liberdade...
Uma palavra imensa que
sem o seu significado
é o fardo do destino de Caim
em detalhe no luxo de blasonaria.

Liberdade...
Diga essa palavra que
já não significa mais nada:
como disse Caim
não querer saber do irmão
nem de suas ovelhas.

Vá perambular onde não te querem,
Caim: adeus.

LUGAR SEM DISTÂNCIA

As luzes da cidade
estão acesas ao meio-dia.
As colunas sem detalhes
erguem lâmpadas fulgorosas
sobre o piso, as folhas,
ramas de arbustos e
sobre os meus passos:
o sol faz tudo ostensivo.

Na metade do dia,
assim como no seu princípio
e também no desfecho da noite
os meus passos te buscam,
mas não estás por estas bandas manifestas.
As pegadas de carros com pressa
e a algazarra dos pássaros felizes
não me atrapalham.

Estás agora sobre as ruas que
recobrem os rios com pontes,
na cidade onde as colunas
erguem luzes com arabescos,
flores e ramas de aço puro e escuro.
Estás onde já estive e onde
as lâmpadas não acendem ao meio-dia...

Onde o pouco Sol, mais suave, te basta.
A manhã dos anos se ergue com novidade,
o que vem adiante é sonho e desconhecido.
Aqui, onde a vida é redundante,
as lâmpadas querem iluminar
o que o Sol desde há muito nos mostra.

Há demasiada importância
em tudo que se escolhe ver.
Aí, onde a vida tem o passo exato
só se busca o que sobressai em brilho:
as frases preclaras de iluminar dias nublados.

As pontes para esplender um rio pardacento,
arco por onde a gente caminha abraçado.

Daqui até aí são muitas horas de caligem,
daí até aqui são muitas horas de claridade.
Mas nós moramos neste lugar memorial
que não é feito de tempo nem de espaço*:
têmemo erguido na efigie de nosso rosto.
Não tomam nenhum segundo as luzes
nem precisam vencer longa distância
os nossos passos novamente abraçados.
O meu rosto é o teu rosto...

* “Deus não enxerga por meio de instrumentos”. Maimônides,
O Guia dos perplexos, Editora Sêfer, 2022, capítulo 4.

HINÁRIO DO MUNDO

LA MAISON BLANCHE

C'est long, le chemin vers ma Patrie.
Long et triste, plein de vues imprenables.
Là on pose des valises anciennes de nos coeurs:
et la nuit tombée papote sur des terrasses du souvenir.
Des gens se rient, ils fêtent leur joie:
des rencontres à la gare des voyageurs..
Dieu s'est réveillé!
Car le soleil nous souhaite la bienvenue.
Et l'arôme de l'huile se rompre,
des vestiges de poudre de canons dans l'air passé..
Un regard d'oiseau qui vole sur l'air débarrassé de l'obligation.
Des oiseaux!
Ils se rejoignent sur les toits, parfumés ou non.

À ta gauche: la Méditerranée.
Milieu de terre
filière de la poésie.
Un homme m'enseigne à lire des placards en Arabe,
il veut des versets d'amour en Arabe;
je répète quelques mots d'enfant
et il se réjouit.
Le marché, on le laisse
exactement comme d'avant.
La fruit on la laisse:
exactement comme d'ailleurs.
Ce n'est pas pour la monnaie qu'on marche.

À ta droite
des villes de sol orange
et des cités bleues:
je me dirige vers Tanger.
Je veux voir briller mes yeux.
Car l'homme d'hier m'a fait devenir incomplète,
lorsqu'il m'a dit: ta chambre est jolie.
On essaie alors la fuite: la guerre est déjà loin.
Les gens ne se plaignent plus.
Le peuple, il plante une rose rouge dans un verre d'eau
sur des compteurs de méchouis et de crudités,

il ne plasmé pas la haine d'être peuple...
 Il ne plasmé que des verts du cèdre, du palmier et de l'olive fraîche;
 la fleur blanche d'oranger, parfumée et loin des oranges.
 L'oranger fait tomber ses fruits à mes pieds plusieurs fois,
 et des ponts sont debout
 sur des mousses couvertes de nuages de rosée descendue.
 Des champs bleus et verts
 dans mes rêves, des champions chantent.

Dieu, est-ce que Lui, communique-t-il
 par la lumière chuchotant des choses?
 Dira-t-on que le mouvement d'une pierre
 qui se détache du haut d'un rocher,
 dans sa chute elle pousse une autre...?*

Dira-t-on qu'on porte ainsi le péché de votre premier père,
 et des vertus que nos enfants nous ont crevés pour le vaincre?
 Pourquoi dans ce Royaume la raison ne se révolte-t-elle pas contre la foi?

C'est le Roi,
 ils me disent:
 c'est le Roi...
 Sa famille est la sérénité politique établie;
 ses mains font les changements que le peuple applaudit.
 La famille du Roi, le peuple,
 les mains du Roi, leur volonté silencieuse.
 la pensée du Roi, des rêves de son Pays...
 Le coeur du Roi, sa Reine, ses filles
 des choses sereines et propres à l'envie de vivre.

* Père Buffier de la Compagnie de Jésus.

OXENAFORDA

A verticil of absolute emphasis
 volutes over a spanned arcade
 a twirl in a blossomed wreath.
 Breath of the cassia, the clove, and the caravay,
 Black pepper in rosehip water.
 I sip a purled city
 from the bridge of folly,
 at a western road meeting the keeper of castles.
 Pearl light twinkles the Thames water;
 my chest of chains, rustles, and embroidery,
 the plucked pleat over my wrists.
 So many languages to haft!
 On the fringe of a rowed river...
 In a church, a garden of hidden feathers;
 birds nesting in the city of scrolled stone,
 whorl of people asleep over parchments...
 Aye! They read and laugh.
 Because it is a world of the absolute,
 the certainty madness,
 the sweep of the immediate,
 the obsession for the following moment.
 Buildings of glass and torment
 purview the substitution of the past.
 Rulers just can't look at the same
 and remain sane.
 But here
 the past floats
 and streets are named after
 what the common mouth want to say freshly about each place
 where one might be.
 It might be!
 Who could avoid such telling?
 Of the beauty in the knits of your chest,
 of the laces and flowers on stone.
 Arts at stars.
 Stairs.
 Who could avoid telling
 about your velvet chin?

Your hair in layers...
Bodleian dreams in shelves,
do not fold me!
For I bear chains, rustles, and embroidery in my chest.
I bear your whispered wishes...
I was made to stroll on your river banks,
to cross my wings over the columns to the sky,
over gable roofs and shy pediments...
Full of dreams in goles and mullets,
from the eaves to the peak of trees...
So let me wrinkle on your soft bed of roses,
and drink of your flowing rivers under the bridges
with crying willow trees...
Of tales walking on the venues of history
for the grant of a stay.
Make my way where the many shoulders
do not measure nor bump into sayings;
to quotes far away from the caprice of epitaphs;
I do not belong to dead people.
I choose you to make my way
towards the table of liberty charms with candlelights of a busy awaiting,
Towards the roads whose names say where we are
and of places one might be.
Tell me the truth
in a pause
about the permanent adornments of scary faults in life.
For the moment will soon be gone,
but our memory is already eternal.
Yes, they have built walls of judgement
around a pond of tears;
statues and blackbirds watching people's steps.
But lawns and lead glazed windows
still guard cardinals in hidden bushes,
those to be declared saints...
For having strolled on the river banks,
for having crossed wings over the columns to the sky...
For having stepped barefoot, in gardens, collecting abandoned sprigs...
Rolling a little stone from the tall spires
into the imagination of the very same season;
the standards of our heart.

OXENAFORDA*

Um verticilo de ênfase absoluta,
 volutas sobre o alcance de uma arcada,
 onda em uma grinalda florida.
 Fôlego de cássia, de cravo e de alcaravia,
 pimenta negra na água de pétala de rosa.
 Bebo de uma cidade dobrada
 desde a ponte postiça
 na rua ocidental com a do guardião de castelos.
 A luz perolada ganhou a água.
 Meu peito de correntes, chiados e bordados.
 Há pregas desplumadas em meus pulsos.
 Tantas línguas para empunhar!
 Na franja de um rio remado...
 Num jardim de Igreja, plumas escondidas;
 os pássaros abrigados, felizes
 sob a cidade massiva de pedra.
 Círculos de pessoas adormecidas sobre pergaminhos...
 Ai! Eles leem e riem.
 É o mundo do imediato absoluto,
 a loucura da certeza,
 a varredura do momento seguinte;
 edifícios de vidro e tormento
 atrás da substituição do passado.
 O povo já não pode olhar o mesmo,
 prefere a esmo.
 Mas aqui
 navega o passado.
 As ruas têm nomes que lhes dá a boca,
 o que lhes toca dizer sobre cada lugar onde se estaria.
 Poderia!
 Quem evitaria dizer?
 Sobre a beleza das voltas bordadas de tua blusa,
 dos laços e flores em pedra.
 Artes e estrelas.
 Escadas em torres.
 Quem evitaria dizer?

* Nome em língua saxã antiga da cidade de Oxford.

Sobre o teu queixo de veludo,
Teus cabelos em camadas...
Sonhos bodleianos em estantes,
não me dobrem a página!
Pois trago correntes, chiados e bordados em meu peito,
carrego o dulçor de desejos murmurados e a sabedoria das expectativas frustradas ...
Eu fui feita para passear nos vales dos rios,
para cruzar minhas asas sobre as colunas rumo aos céus,
sobre telhados com empenas, quando faltam os frontões
também tímidos, cheios de sonhos de cor goles e muletes,
dos beirais até o topo das árvores...
Portanto deixe que eu me enrugue nesta cama bem macia de rosas,
que eu beba dos teus rios em curso sob as pontes com salgueiros pendentes...
Dos causos caminhando nas veias da história
em troca de uma estadia.
Abra as alas rumo aonde os tantos ombros
não mensuram nem esbarram em dizeres;
às frases feitas bem longe do capricho de epitáfios;
eu não pertencço aos defuntos.
Eu te escolhi para dirigir meu caminho,
rumo à mesa dos encantos libertários com candelabros de uma espera intensa;
rumo a ruas cujos nomes dizem onde estamos
e a lugares onde se poderá estar um dia.
Diga-me a verdade
em uma pausa
sobre os adornos permanentes das falhas da vida.
Pois o momento em breve passa,
mas a memória é eterna.
Sim, construíram muralhas de julgamentos
ao redor de um espelho de lágrimas:
estátuas e ravinas monitorando os passos dados.
Mas jardins e vitrais em janelas desenhadas
ainda guardam cardeais escondidos em arbustos,
os quais serão declarados Santos...
Por ter passeado nos vales dos rios,
cruzado as asas sobre as colunas rumo ao céu...
Por ter pisado na erva descalços, colhendo galhos de pinheiros abandonados pelo caminho...
Por ter rolado um seixo desde as cúpulas pontiagudas
para imaginar a mesma e exata temporada;
o mínimo de nosso peito.

ONE HUNDRED STREETS

(A poem for New York in 2020)

A dagger into the sky:
the market of words.
A royal time to sigh,
inwards and outwards.
Inside beauty,
outside truth.
Do I trust pity
or the reader's ruth?
If your eyes are ready
for my words to soothe...
Be sure I will not exchange
my caring for another range.
So I tell you with no delay
why I am writing to you on this day.
Tenebra kept me here,
a hurricane's breath!
On lanes of knocking fear
of the future and its path.
As many libraries as many seats:
I shall tell you about yourself.
New York, oh amazing streets!
Of concrete sod and aerial delph.
In the world all the other cities
just clap before your spells.
A little torch and gift from Paris
and 'tis boat-sailing May and flowers
brought liberty of sprinkling fairies,
they grew the instep of the hours!
Statues upon my back looking
for what I treasured to write:
the gold of my brown pen booking
a place to dress from paperwhite.
To guard the world at healing...
For a rush not to crash it apart!
So I hold your constellation of feelings
I find your frontispieces of art.
Rise up, New York, the trimmings

of all dreams embedded in your chart!
But bleak is the safe borough,
People in masks, yet no disguise:
escaping from pain and sorrow,
and strolling for bravery's prize.
Where's the white noise of your busy jams?
I can hear the doors in buildings, when they slam...
And a sweet song of the rustle of leaves
in trees, of water fountains, of red lifts.
Everything being sleepy as it grieves...
From morning to night, opinion shifts.
First alley tells me of human beings:
each one a circled fragile life.
But the second, of humanity's wing:
indestructible, for made of strife.
The earnest endeavor of a caring people
is on the third block of my next strain.
The folk to and fro as sepals
but something from them remains:
the name of this wondrous Big Apple,
where they loved, smiled and waned.
Yes, a fruit and a fine: out from paradise.
But now your sanguine pome curb such fee,
discovered a splendid surprise:
New York docile and gentle, eager to see...
Its own illuminated glass of skyscrapers,
the fresh treads in a porch made as shelter,
a view of the moon-floating the skyline and its song;
framed by arabesques, the entrances where one belongs.
The sturdy stone of the edifices in Madison
proves the existence of many brethren:
to raise them a force with no comparison,
but also sensibility not to break them.
But then I stroll back to Park Avenue
so I can take some Lexington coffee,
until I can reach a week of tenure,
I learn about your geography.
The Fifth greets me with pink blossoms,
it shows me cameos over 100 years
on the walls explaining their bosoms
and how zigurats didn't disappear.



Broadway interrupts my song:
 it tells me ironically this poem is too long.
 But my feet are fond of meeting the challenge:
 and at Sixth I stop in Bryant's cenotaph henge.
 In perpendiculars I'm followed by a new friend:
 a greyish blue and fat and chatty fairywren.
 We see buildings molting their covers,
 overhauls from the First until the Seventh.
 They seized when days were over,
 and closed for minstrels in search of leaven.
 And then a glance on each street shortcut
 to the golden lean of an autumn park.
 I promised a verse on each, but
 until 110th, streets repeat the same arc...
 They reiterate the achievement of their schedules.
 Oh, the hard life! But how to criticize straight venues?
 I greeted from 59th two noble horsemen,
 and marriages turned into carriages every now and then.
 Your trees curled in amber, but also ever greener than before!
 Flaxen shrubs in braided paths, ah, the poet's ore...
 The Met, Guggenheim, and the city's old Museum
 are having a break until our next year's carpe diem...
 The Conservatory Garden: the paragon of the United States.
 Man teaching mother nature how to grow and cheer our fates.
 Over Harlem I catch a dolmen of jazz,
 three bridges sloping the horizon over one another.
 Blossoms along Central Park much as
 the rays of light falling aslant this mother.
 In my way back after the lake without swanns
 I find the frames of your trees around a tunnel:
 boughs, and their fruits, and falling leaves all set upon;
 across the ave, rhombus window panes with hummels.
 And then I found Central Park West inmates:
 behind them golden, old, and secret doors
 and after them golden, old, and secret gates
 the shrine of their safe plaid floors...
 Vessels of York roses engraved in stone
 vases of true posies: in cold they're gone.
 Only New Yorkers here and there circulating
 as if they took vacations of the world's ratings.

Wait! I hear at the end of the portentous green rectangle
 a sudden call of my shepherd's reed.
 From protesters, an early blockade of NYPD.
 For them a good day I greet, from all these angles.
 And then I go down midtown, on 34th
 to buy me at Macy's a fair pair of shoes.
 Until 58th I continue and there's reward:
 and lose my time to find a fair man to amuse.
 In Herald Plaza a boardwalk for rapid bikes
 Two owls, Athena, a bell waking up her sake...
 And listen! A morning tune in the accordion pleat!
 October postponed its joy to the next month,
 As before so on, other months' same plead...
 Polyptych in windows of my Pontic pons.
 It sings of silent times, of the end of his street
 few cars, few moves, few gents, few florists.
 The heart expecting those they will not meet:
 the cheerful faces of vanished tourists.
 Roofless people are so charming in New York!
 Hard to know how they lost what to wait for.
 Wait, coming disparagement in someone without posture,
 the entrance of freight, disgrace, and moisture:
 a scream of an unknown woman! Alas! Foulness!
 Oh dear, and my flight, my home, in aweness...
 The hurricane Eta took away a famous Hondurean bridge
 the airport flooded by rivers and sea, all flooded but the ridge...
 And still the virus at which a third of people snore
 advances ceaselessly on graves with no bore.
 I search the safe spots while I wait for it to pass.
 My flight was postponed, but kept at last.
 And then a nostalgia, for I remember
 the first time I saw you: a postcard from any sender...
 A pilot who flew with me, as passenger, his tender
 to fly Rio-New York, and he enjoyed so much our talk
 he said he would send me a card from a Manhattan walk.
 So in my wait of memories I search for beauty in the bights,
 but suddenly so deep is the gloam of this night...
 I remember my childhood, and my children, the same plight.
 On lower Manhattan, there I drive as my body decrees
 also women in half-dresses searching for bachelor's degrees...
 And where is love in this city of much desire?



He gaits towards me! But he doesn't see the wire
 holding all things, paralysing urban layers
 alone he made my heart shoot fast in many prayers.
 A man my age, my culture, with golf clubs in a-a-a bag
 happily wandering his way back home, I blush not to flag.
 I'm in a mask, pants, heavy coat: and I do not beg...
 Love is gone. A motley crew quickly moving, love withdrawn.
 Citizens on the 5th, discouraged and worried about elections...
 Still some find a musical trio to play confections
 at Dante Caffè, near Washington Plaza's affections.
 But I'm loyal to the one love that didn't notice me:
 all night I'll dream of him, in debt and in doubt if I'm free...
 But my smile by a rider is promptly recovered:
 a silk scarf of deer stamp, enshrouding his face, louvered...
 New York...! A mask-scandal riding cheerfully...
 Did you know about my passion for your indifference to harmony?
 And does your heart beat blood to other towns?
 Does your pulse make live and breathe the dew in dawn
 of New Haven, Hartford, Houston;
 In Harrisburg, Atlanta, Boston...?
 All states counting votes and faces of who lost them.
 The outward cant of your vanishing points
 to Paris, and Tokyo, and Rio, and Rome,
 and London, and Berlin, all universal joints;
 in streets some say reverted the poor life inside a dome.
 Oh night! Now turned light as flying feathers
 falling from the firs on my sight, on my shoes of leather.
 New Yorkers spelling on white wood Italian tables
 a hum from the mountain, a birth of middle-earth fables...
 The brick lintels, door jambs, and masonry portals
 assure me your personality is a tenet: immortal.
 From the pride of those who built a dreaming place
 where we find the perfect dress, the fitting deed, the finest case...
 Where streets are safe for a poet to sing every grace.
 Aye! I feel the touch of a satisfying tooth on this paper,
 the smell of virgin sheets I kindly asked the stationers...
 Sparks glisten in the prism of gemstones on my gown:
 they move the lines I am writing in you, alone.
 The eternal and moving city of Rabbis Schneersons...
 They offer me goodness, company, a picture of wisdom.
 Back to the Public Library: beauty and truth's kingdom.





Photographed by Juan Carlos Domínguez, Venezuelan photographer and screenplayer;
dress by Mr. Jay's Rahmani, 39A West 37th St; braid by Ms. Tanya, Concord Hair Salon.

And I come through a 41st St. of wit inscribed in gold:
for someone laid bevels of best quotes, on sidewalk's road.
But time to fly away from you, the time of toil's load...
In my way a huge hare and a cunning dog having tea:
at the hall of modern businesses plaza on 46th S-t.
Hail to the final scene! Manhattan reflecting over the water
a casting shine I sailed with my sons and my daughter.
New York, you'll never know how magical you are!
Monochrome from the light bulb of the scions and the same stars...
The Hudson makes you no mirror,
East River doesn't keep your steam
'cause so far and so beautiful is the memory of my esteem...
You could never remember how we laughed, amused, and cried
in movies and adventures of our childhood's screen delight.
When days were warm and sugared,
for your ghosts coming out from manholes covered,
for a kid forgotten by parents who didn't push over,
heroes fighting monsters for you not to be over...
Love stories reaping tears for a happy end uncovered.
Chinese, Iranian, Ukrainian, Venezuelan, and me, Brazilian
we see beyond each other, for this same care we are the stillions.
But you... You will never know how much one can loves you!
Because you have never seen yourself in sudden blue
for finding you in an old postcard I once wished true.
You're in disdress for now, but I'm sure you knew
this song was coming, our encounter the ages through.

UMA CENTENA DE RUAS

(Para Nova Iorque em 2020)

Um punhal mira o céu:
o escambo de palavras.
Verdadeiros réus,
por dentro e por fora a lavra.
Por dentro a Beleza,
por fora a Verdade.
Será que confio na realeza
de um pio leitor na cidade?
Se é que tua alma reza,
se é que esta flor dá saudade.
A treva me reteve aqui,
com o sopro de um furacão.
Em avenidas do que temi,
o futuro e suas várias mãos.
Tantas bibliotecas quanto cadeiras:
desde cada uma falarei de ti bem séria.
Nova Iorque, ah, tuas ruas alvissareiras!
De soalho concreto e venas aéreas.
No mundo todas as outras aldeias
aplaudem as tuas soterias.
Uma tocha e homenagem de Paris
mais este navio de flor de maio
fizeram a liberdade de fadas anis,
cresceram o pisar de catraio.
As estátuas sobre os meus ombros
dando olhada no que eu escrevo:
mas o ouro de minha pluma é ombro,
eu mantenho o que é de alto relevo:
guardar o mundo enquanto se cura...
Para a pressa não estragar a demora!
Levanta, Nova Iorque, eu te encontrei pura,
as joias cravadas nas tuas mais belas horas!
Eu ergo constelações do que me juras,
os sonhos quando a emoção aflora.
E encontro os frontispícios de vidonha frescura,
a arte em toda parte te comemora.
Mas erma é a paragem segura,

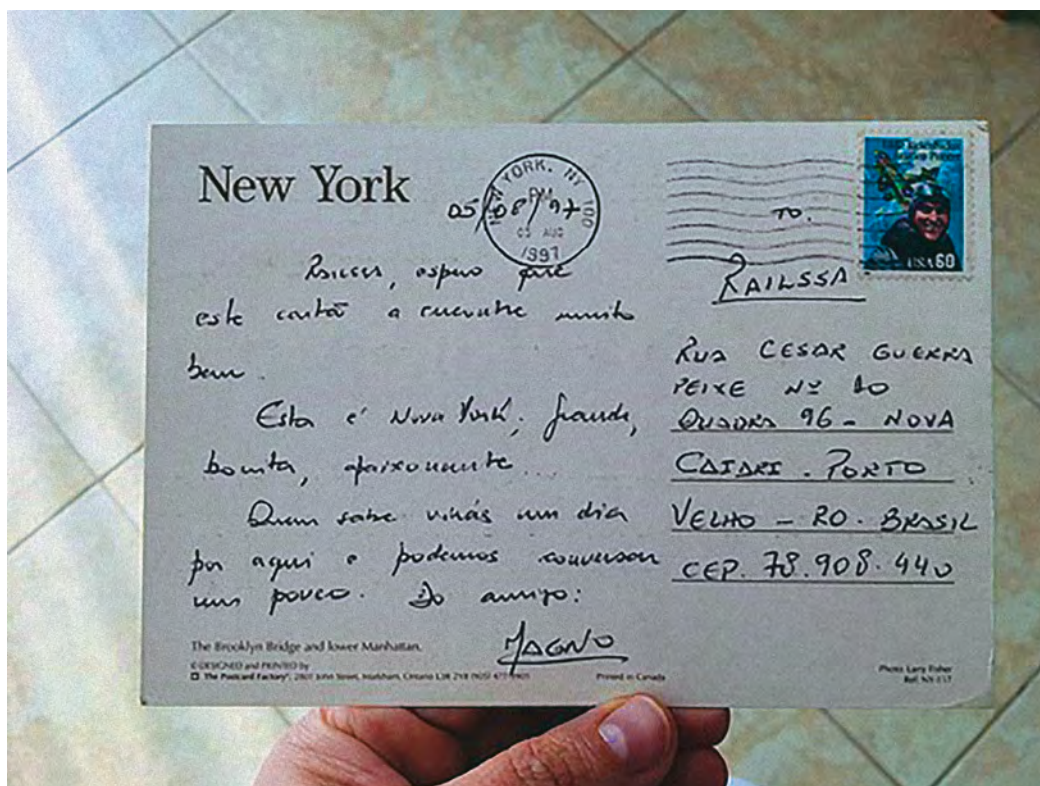
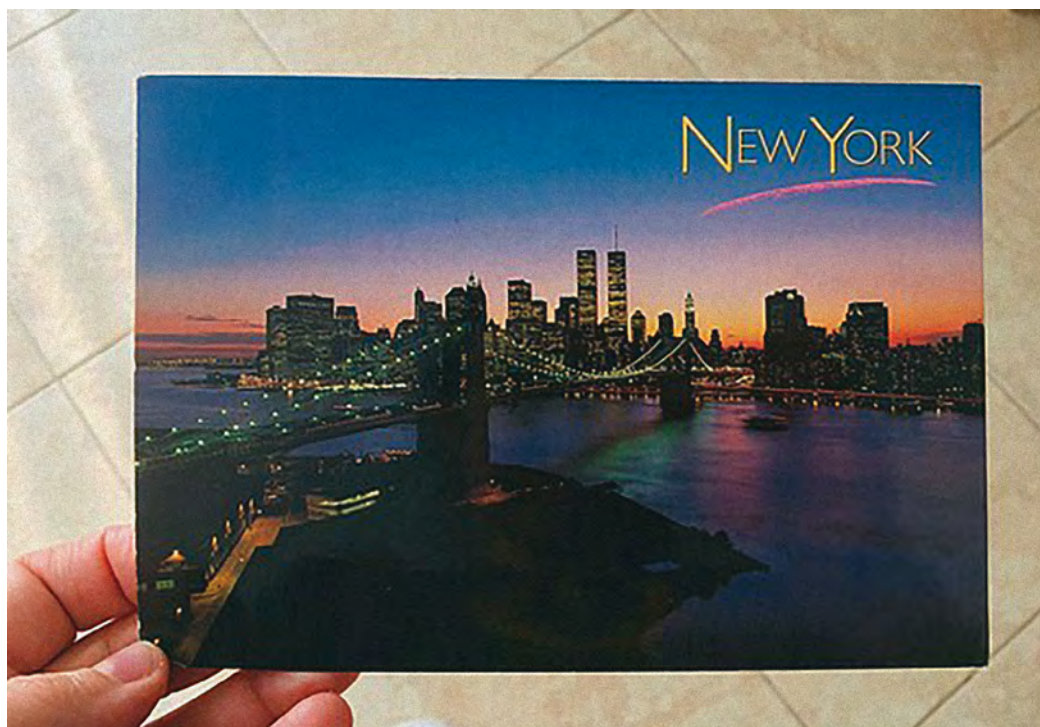
com máscaras e sem disfarce:
fugidos da dor e da lástima dura,
passeio o prêmio de encorajar-se.
Mas e o murmurinho de teus engarrafamentos?
Escuto as portas nos prédios, batendo por dentro.
E há uma canção amena no farfalhar das folhas
nas árvores, fontes serenas, em elevadores-bolhas.
Tudo dormente quando fora do centro...
De um dia para o outro, mudam as escolhas.
A tua Primeira via me fala do ser humano:
cada um deles é uma esfera de vida frágil.
Mas a Segunda, da humanidade o plano:
indestrutível, pois de sofrido sufrágio.
O mais honesto esforço de gente amorosa
está na Terceira quadra de meu passo
a gente vem e vai qual pétalas,
mas algo de nós fica em teus braços:
o nome de enorme maçã ferverilhosa em décadas,
onde amamos, rimos e não deixamos traço.
Sim, uma fruta e uma pena: fora do paraíso.
Mas agora o pomo rubro não é problema,
é lugar de pronto gozo e vero sorriso!
Nova Iorque dócil e ávida por um poema...
Sobre seus arranha-céus de vidro iluminado,
sobre os degraus de um alpendre aconchegado,
sobre a visão da lua flutuando no céu feito nave errante;
os toldos de arabescos onde o coração canta suave e distante.
A pedra firme dos edifícios da Madison
me provam a existência de teus confrades:
para erguê-los imensa força nos pediu som,
mas também uma delicada sensibilidade.
E então eu flano de volta à Park Avenue,
para tomar meu café na Lexington bem ébano.
Até completar uma semana de meu mandato
eu aprendo sobre tua geografia, teus fatos.
A Quinta Avenida me acena botões de rosas
e me mostra camafeus centenários com glosas.
Nas paredes me explicam o que há no peito:
como os zigurates duram sem nenhum defeito.
A Broadway interrompe a minha música:
alega ironicamente muito longa esta veia lúdica.

Mas os meus pés estão a fim de um desafio:
e na Sexta eu me escoro num cenotáfio vazio.
No Bryant Park sou seguida por um novo amigo:
um cinzento, azulado, bem gordinho carriço comigo.
Vamos vendo os prédios em ecclise de fachadas,
reformas da Primeira Avenida até o sendeiro Sétimo.
Aproveitaram a quarentena de muitas jornadas,
puseram tapumes aos menestréis nos seus étimos.
E então uma mirada de soslaio em cada atalho
até um parque de leitos dourados, o outono em galhos.
Eu prometi um verso sobre cada rua, mas
até a 110^a, elas escrevem o que habitua mais.
Elas reiteram o grande acontecimento de uma rotina
ah, o trabalho! Mas como reclamar de uma vida sem propinas?
Saudei desde a 59^a dois nobres cavaleiros,
suas bodas que em carruagens às vezes se tornam cocheiros.
Suas árvores retorcidas em âmbar, contudo muitas perenes e verdejantes!
As moitas louras em trilhas trançadas, ah, a mina dos poetas viajantes...
O Met*, o Guggenheim e o velho Museu da Cidade
estão adiando para o próximo ano a nossa felicidade...
O Conservatory Garden é a parangona dos Estados Unidos:
o homem ensinando a natureza a celebrar fados crescidos.
Sobre o Harlem vejo um dólmen de jazz,
três pontes escapando em horizonte uma da outra.
A floração em todo o Central Park é nota dez:
os raios de luz delineiam as maternas fontouras.
No meu caminho de volta pelo lago sem cisnes cisma
a moldura de tuas árvores ao redor de um túnel:
ramos e seus cachos, folhas corrediças antes do plenilúnio.
Ao cruzar a avenida, janelas de losangos com gaiapos, não me disma...
Então encontro os residentes de Central Park West:
eles entram em portas douradas, antigas e secretas
depois delas portais dourados, antigos e secretos
o relicário xadrez de seus soalhos passam no teste.
As vasilhas de rosas de York inscritas na pedra.
Os vasos de um buquê original: no frio se quebra.
Apenas nova-iorquinos aqui e acolá circulando
em férias dos rankings mundiais até Deus-sabe-quando.

* Metropolitan Museum of Art.

Um momento! Escuto ao fim do portentoso e verde retângulo
 a tuba urgente do meu cuidadoso e gentil pastor:
 um bloqueio preventivo da NYPD, de protesto temor.
 Para eles saúdo um bom dia desde todos os ângulos
 e sigo em frente até Midtown, na 34^a.
 comprar um par de sapatos na Macy's, postar uma carta.
 Até a 58^a venho e volto e encontro recompensa:
 eu perco meu tempo para encontrar uma verve intensa.
 Na Herald Plaza uma pista ininterrupta para bicicletas:
 dois mochos, Atenas, a deusa, com um sino me completa.
 E escute! Uma melodia matinal nas teclas de acordeão!
 Outubro adiou sua alegria para o próximo mês,
 e assim por diante, ao revés, dos meses orfeão...
 O políptico em janelas uma ponte pôntica me fez.
 Ele canta sobre tempos silenciosos, sobre o fim da sua rua,
 de poucos carros, nenhum grupo, sem cinesias nem floristas...
 O peito buscando aqueles quem teu conhecimento exclua:
 os rostos alegres e deslumbrados dos sumidos turistas.
 Os moradores de rua são tão charmosos em Nova Iorque!
 Difícil saber como perderam o rumo e a sorte.
 Mas espere, surge o infortúnio em alguém sem postura,
 a entrada da fúria, da desgraça, da confusão:
 o grito de uma mulher, de espanto! Ai! A loucura!
 Deus, e meu voo, o meu lar, a estupefação!
 O furacão Eta devastou uma famosa ponte hondurenha;
 o aeroporto encharcado, submerso, me desdenha...
 E ainda por cima o vírus que um terço da população esnoba
 avança impiedoso sobre as lápides e tudo engloba.
 Eu busco locais seguros enquanto espero passar o perigo.
 O meu voo é adiado mais uma vez, mas enfim mantido.
 E então me vem uma nostalgia, porque então me recordo
 da primeira vez em que te vi: em um cartão postal, a bordo
 de meu primeiro voo, de um piloto que voou ao meu lado
 como passageiro, mas tão boa nossa conversa e escolta
 que na ponte Rio-NY, prometeu me enviar um cartão na volta.
 Então na minha véspera de memórias busco a beleza das esquinas,
 mas de repente tão escura é a sombra da noite que me inquietina...
 Pois pensei em minha infância e em meus filhos, a mesma rima.
 Na baixa Manhattan, para lá eu rumo, o meu corpo decreta
 e lá também mulheres seminuas caçando solteirões na reta.
 E onde encontro o amor nesta cidade do desejo?

Ele gíngua em minha direção! Mas não vê o que eu vejo:
 o fio segurando todas as coisas, paralisando as camadas urbanas
 sozinho ele fez meu coração disparar em preces arcanas.
 Um homem da minha idade e tribo, com uma b-b-bolsa de golfe,
 feliz da vida voltando para casa, eu ruborizo, não que eu solfe!
 Arrumo minha máscara, minhas calças, o casaco me afoufe...
 O amor se foi. Uma tripulação arredia passou por cima dele.
 Cidadãos na Quinta Avenida, reclamando das eleições e coisas reles.
 Mesmo assim encontro um trio musical cantando confete
 no Dante Caffè, a Washington Plaza com o amor compete.
 Mas minha lealdade a quem nem me viu insiste:
 toda a noite sonharei com ele, a cogitar o que não existe...
 O meu sorriso de ver um ciclista logo me distrai:
 um lenço de seda com cervo, amarrado igual fazem no Uruguai.
 Nova Iorque.! Uma máscara escandalosa pedalando alegremente...
 Sabia o quanto me atraí, a tua indiferença ao que é tão urgente?
 E o teu coração? Bombeia o sangue a outras cidades?
 Será que teu pulso faz viver e respirar o orvalho que agrada
 as manhãs de New Haven, Hartford, Houston;
 de Harrisburg, Atlanta, Boston...?
 Todos os estados contando votos e as caras de quem não goste.
 A tendência expansiva de teus pontos de fuga
 se estende a Paris, Tóquio, Rio e Roma,
 e Londres, Berlim e a todos os centros de rugas,
 em cada lugar nos dizem revertida a vida em redoma.
 Ó noite! Agora vertida em leveza de plumas flutuantes
 caindo dos abetos em meus cílios, em meus sapatos de caminhante.
 Nova-iorquinos confabulando em mesas de madeira branca italiana,
 um assóvio da montanha, um parto de fábulas arganas...
 Os lintéis de tijolos, as vergas das portas, os portais maçons
 me asseguram que sua personalidade exorta ter os necessários dons.
 Do orgulho daqueles que te fizeram ser lugar onírico
 onde encontramos o vestido perfeito, o dever ideal, o encarte satírico...
 Onde as ruas são seguras para o poeta te tomar como encargo lírico.
 Sim! Eu sinto o toque macio e satisfatório sobre este papel com sinete,
 o cheiro de folhas virgens que busco escrever no meu gabinete.
 Faíscas brilham no prisma da pedraria de meu vestido:
 Elas movem as linhas que acho em teus nós, eu-só, sem ruído.
 A eterna cidade em movimento de Rabis Schneersons...
 Oferece-me bondade e me salva do alheio parentirso.
 De volta à Biblioteca: a beleza e a verdade me afastam do arrediço.



E eu chego por um caminho na 41^a assentado em placas:
alguém poliu biséis com adágios, de lâminas afiadas em Ítaca...
Mas chegou a hora de ir-me, meu voo, há labuta e fardo.
E na 46^a. uma lebre imensa tomando chá com um cão pardo
no saguão de uma praça moderna, de negócios, com enredo árduo.
Ave paisagem final! Manhattan refletida sobre a água noturna:
um brilho que naveguei com minha filha e com meus filhos, minha turma.
Nova Iorque, jamais saberás o quanto és mágica!
Monocromática da luz incandescente das estrelas novas e das fágicas...
O Hudson não te faz espelho,
O East River não conclui o teu vapor
pois tão longínqua e linda é minha memória de ter-te amor...
Jamais poderias se lembrar como rimos, nos divertimos e choramos
em filmes e aventuras naquela tela dos primeiros anos...
Quando os dias eram calorosos e açucarados,
dos teus fantasmas saindo de bueiros escavados,
de um guri esquecido por pais despreocupados,
de heróis lutando pelos teus cantos inacabados...
De histórias de amor deixando nossos rostos molhados.
O chinês, o iraniano, o venezuelano, a ucraniana e eu, brasileira
nos compreendemos pelos olhos, pois te amamos da mesma maneira.
Mas tu... tu jamais saberás o quanto podes ser amada!
Porque jamais te viste tomada por um soluço de choro
de encontrar o cartão postal que por tanto tempo foi meu soro.
E estás agora em angústia, como estivemos em outros coros;
mas bem sabias que viria, esta nossa canção de eterno fóro.

LA AZALEA BLANCA

(Para el corazón afligido de un hondureño)

El sonido del huracán azota las ventanas. En el techo el agua en su mayor espesura, la selva aérea de lluvia, el clarín del quetzal jamás olvidado, el peso que suena a granizo y destrucción. Su voz se debate entre los acantilados de tierra y la cáscara del mar. A lo lejos Zeus porfía sus truenos con la pena de Poseidón, el de corazón partido; como si la culpa de sus deseos fuera el crimen de nuestra humanidad. Los estallidos que estremecen los huesos de nuestras casas convocan a una reunión de fragilidad en nuestras ciudades. La majestad de la montaña allá atrás nos manda estar seguros, le habla de nuestra escasez al huracán, como nuestra madre: el ser humano se arriesga liviano a la superficie de la tierra. Su voz gigante protege a hombres, varones y hembras: los que firmaron con sus nombres las raíces más profundas en sus encuestas. La cuna de sus brazos de piedra, en la que el viento del mar se dobla, se llama Tegucigalpa. El mundo girando en búsqueda de agitación, productos, embalajes y espejos produjo un efecto nimio en la temperatura. Este desvío hizo de sí mismo la más grande revolución de mares y de aires sobre un continente central en forma de luna, sí... El seno del mar salado se agita sobre la gente pobre. Somos ahora el mascarón de proa de la nave de nuestra civilización moderna, la punta primera y serena donde se estrella la ola salvaje del mundo. Aunque sople el aullido oscuro en las maderas de mi casa, entre las paredes cimentadas en las lomas de mi madre, bajo el fustigante vocerío del viento descontrolado, una azalea blanca me esboza una sonrisa. La veo toda florida y feliz por la lluvia, inocente de la fricción de esos vocablos ruidosos, a los que llamamos dioses. Sí, ella ignora el pánico, el miedo y la angustia de todo lo que se diga superior a sus vástagos*. Mientras la gente se retira del campo y de los bordes del agua, mientras las autoridades se defienden de las maldiciones y siguen rescatando a los que les maldicen, ella sigue paisajera de su huerto de cosas, y de su ropa brotan todavía más flores ante mis ojos. Jamás ha sido tan feliz la azalea al encontrar mis ojos afligidos, incontables son los pétalos de delicadeza blanca que se desabotonan como papel de seda desde el regalo de sus ramas, envolviendo mis manos. ¿Y qué hago con ella, indiferente a todo lo que nos afecta, con su integridad inquebrantable, con sus manualidades tejidas sin los hundimientos de nuestros planes, desconocida del resbalón de la tierra? Ella sigue floreciendo mientras buscamos amigos que demuestren la amistad, la miseria de ayuda que nos reconstruya desde la miseria, bajo la fatiga del día ya no más distinto de la noche, irreconocible para ella todo lo que dedicamos de nuestra misma hora incesante. El huracán furioso plantea todas las dudas a todos los árboles, demuestra su más grande fuerza sobre sus intentos de alcanzar el cielo... Pero ante su soplo la azalea no se dobla: reina de quien el huracán tampoco conoce la existencia. Y pliega las palmas, y destruye el corazón decorativo de nuestra Navidad, inunda las comunidades más pobres y expulsa la rivera de las orillas... Yo miro en serio esta aguda azalea blanca y escucho su murmullo, porque ella me habla todavía más fuerte que dicho fenómeno catastrófico... Pues: están ya en silencio las fricciones entre el hombre y la naturaleza... Su voz me cuenta sobre su ideal de fuerza sencilla arrancada de la destrucción: de cómo ella traicionó la desgracia. La azalea me regala la belleza de los botones que alegraron mi corazón, los que cambiaron mis súplicas de dignidad en la belleza del día siguiente. La azalea se aprovechó del cielo, de su furia y de sus lágrimas gruesas: las transformó en una floración múltiple bajo el peor año de huracanes de nuestra historia. No estaría segura sin mis brazos, sin las paredes intercaladas de

* 'Vástago', renovo, rebento. Em Salmo 80:15, Isaías 11:1, Isaías 60:21, Daniel 11: 7.

estos hilos fuertes de hijos y héroes, sin las columnas fuertes de mi pecho. Pero es la felicidad de esta flor lo que me hace sentir sólida, ser su invencible techo; ofreciéndome su reconocimiento, su manjar delicado, por haberla plantado entre mis hechos.

(Em 17/11/2020, sob o furacão Iota).

A AZALÉIA BRANCA

(Para um hondurenho afligido)

O ruído do furacão açoita as janelas. No telhado a sua água de maior espessura, a selva aérea de chuva, o clarim do quetzal jamais olvidado, o peso que soa a granizo e destruição. Sua voz se debate entre as penhas de terra e a casca do mar. Ao longe Zeus porfia seus trovões contra a lástima de Poseidon, por seu coração partido; como se a culpa de seus desejos fosse crime de nossa humanidade. Os estampidos que estremecem os ossos de nossas casas convocam a reunião de fragilidade em nossas cidades. A majestade da montanha detrás de nós nos comanda estar seguros; e fala de nossa escassez ao furacão, como nossa mãe: o ser humano risca de leve a superfície da Terra. A voz gigante da montanha protege os homens, machos e fêmeas: os que firmaram seus nomes com raízes mais profundas nas suas encostas. O berço de seus braços de pedra, em que o vento do mar se dobra, chama-se Tegucigalpa. O mundo girando em busca de agitação, produtos, embalagens e espelhos produziu um efeito nímio na temperatura. Esse desvio fez dele mesmo a mais grande revolução dos mares e de ares sobre um continente central em forma de lua, sim... O seio de mar salgado se agita sobre a gente pobre. Somos agora a figura de proa da nave de nossa civilização moderna, a ponta primeira e serena onde se estala a onda selvagem do mundo. Ainda que sobre o uivo escuro nas madeiras de minha casa, entre as paredes cimentadas sobre os cômodos de minha mãe, debaixo do vozeirão fustigante do vento descontrolado, uma azaléia branca me esboça um sorriso. Eu a vejo toda florida e feliz de chuva, inocente da fricção desses vocábulos ruidosos, os quais denominamos deuses. Sim, ela ignora o pânico, o medo e a angústia de tudo o que se diga superior a seus renovos*. Enquanto a gente se retira do campo e das bordas da água, enquanto as autoridades se defendem das maldições e seguem resgatando a quem os maldizem, ela segue paisageira de seu horto de coisas, e de sua roupa brotam ainda mais flores diante de meus olhos. Jamais foi tão feliz a azaléia ao encontrar meus olhos afligidos, incontáveis suas pétalas de delicadeza branca que desabotoam como papel de seda desde o presente de suas ramas, envolvendo minhas mãos... E que faço com ela, indiferente a tudo que nos afeta, com sua integridade inquebrantável, com seus artesanatos tecidos dos afundamentos de nossos planos, desconhecida da resvaladura de terra? Ela segue florescendo enquanto buscamos amigos que demonstrem amizade, a miséria de ajuda que nos reconstrua desde a miséria, sob a fadiga do dia já não mais distinto da noite, irreconhecível para ela tudo o que dedicamos de nossa mesma hora incessante. O furacão furioso dispõe todas as dúvidas a todas as árvores, demonstra sua maior força sobre seus intentos de alcançar o céu... Mas diante de seu sopro, a azaléia não se dobra: rainha de quem tampouco o furacão conhece a existência. E dobra as palmas, e destrói o coração decorativo de nosso Natal, inunda as comunidades mais pobres e expulsa a ribeira de suas margens... Eu olho seriamente para esta azaléia branca aguda e escuto seu murmúrio, porque ela me fala com ainda mais força que o fenômeno catastrófico... Pois: já estão em silêncio as fricções entre o homem e a natureza... Sua voz me conta sobre o seu ideal de força simples arrancada da destruição: de como ela traiu a desgraça. A azaléia me concede a beleza dos botões que alegraram meu coração, os que transformaram as minhas súplicas de dignidade na beleza do dia seguinte. A azaléia se aproveitou do céu, de sua fúria e de suas lágrimas grossas: disso vingou sua floração múltipla debaixo do pior ano de furacões de nossa história. Não estaria segura sem os meus braços, sem as paredes intercaladas destes fios fortes de filhos e heróis, sem as colunas robustas de meu peito. Mas é a felicidade desta flor que me faz sentir sólida e ser um teto invencível; porque me oferece seu reconhecimento, seu manjar delicado, por haver plantado sua flor entre os meus feitos.

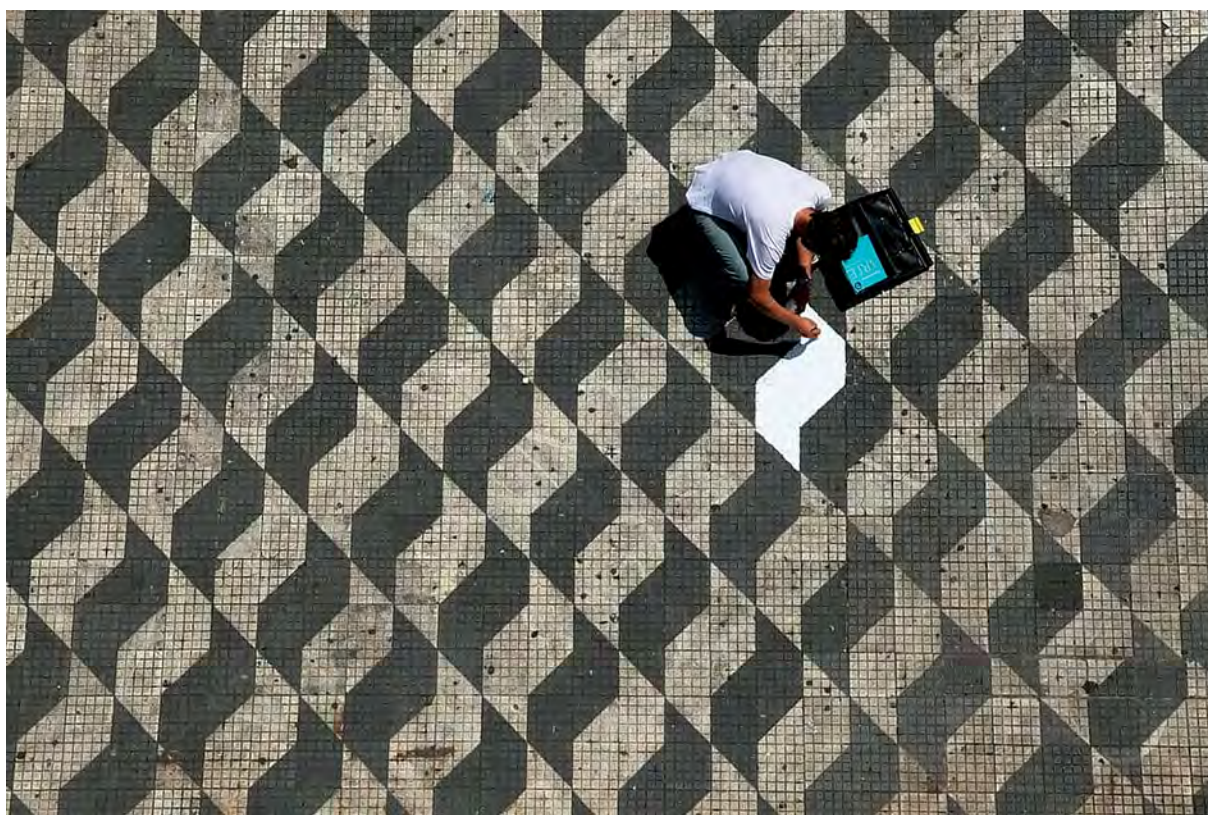
* “Vástago”, renovo, rebento. Em Salmo 80:15, Isaías 11:1, Isaías 60:21, Daniel 11: 7.

PAULISTEIA

(para uma Filha paulistana no Dia Nacional da Mulher)

Cidade incessante! Jamais quietas as tuas ruas de pintar paisagens, correr os carros, pisar os pés, catar os rios, acender luzes, levantar estrelas, murmurar andares, apagar luzes, erguer os sois, piar pássaros, esconder túneis, manar as pedras, guardar as praças, crescer os prédios, golpear idílios, estiar domínios, arrancar as manchas, arrojar mosaicos, soluçar lugares, estancar o tráfego, serenar culturas, mastigar o sono, desfazer as várzeas, esgalhar os raios, golpear as vozes, apegar os cachos, marginar a inércia, modilhar os coros, abreviar circuitos, asfaltar taboleiros, purgar modismos, conduzir sorvedouros, preceder as asas, entalhar passos incertos. Dende as calçadas têm pedras portuguesas e porende são de cor marfim e grafite. Dende as entrelinhas sujas de foligem e porende teu mapa ruço e branco. Infinito em padronagens modulares... As ondulações do canto de São Bento desenhavam São Paulo no soar dos sinos para encantar as mulheres. Cada pessoa se repete como a nota de um canto gregoriano grisalho, no jeito de falar com vogais abertas. Também os prédios lívidos fazem moldura branca de um céu cinéreo: tão cinza! Cinza de alojar estátuas voluptuosas; e cinza de chumbo nas notícias que leio nas bancas desde a calçada, eu gostaria, em terno branco. Mas me visto de cor cinzenta, também estou feita de padrões repetidos de prata, sendo tua cidade, página após página em branco que a vida vira. Falo sobre mim que existo em teu movimento, a parte de mim que ficou nas tuas ruas. Filha: és a grande parte de mim que me importa. A filha que és, a filha que ainda serás: tu, que foste filha comigo, que existe e ainda vai existir, depois que eu parta. Nos teus olhos o encontro de amor que nasceu em São Paulo. Há outras partes de mim e de ti no sol de teus irmãos tão puros e etéreos, os que gostam de se ater às coisas sem delas recobrir o que são; e deles se abriram tantas flores. Mas eis a parte industriosa que construiu tudo isto, o que se escondeu de mim, o que leva tempo de se ver caminhando, porque és imensa como a tua cidade. Eu te conto que a floresta é maior, e que donde venho, existem árvores mais altas que os prédios. Mas os teus olhos reviram as pessoas indo e vindo, as gentes maiores no fluxo que a nuvem de borboletas amarelas. E caminhamos, diurnas e notívagas, por tantas ruas! Devoramos os trajetos incontáveis nos quais as pessoas percorriam a vida apressadas: a gula de futuro. Ali, nós suspiramos o sol crivado pelas sibipirunas e prismado pelos cristais, entre subidas e descidas, vendo a gente nos sobrados debruçada, nós duas nos cafés e nas padarias reconhecidas. Tudo podia ser encontrado em tua cidade para remediar as dores de um tempo perdido, os hematomas das palavras pesadas. Nada poderia me separar de ti: nem mesmo as púrpuras por melancolia. Eu as entreguei a São Luiz, para os jesuítas plantarem delas mais prédios e árvores. E a cidade foi brotando tantos assuntos e livros, tanta História e causos, que apaixonada por tudo me esqueci do peso das coisas: afinal, feita de concerto do concreto e de espigas de aço. Um animal desprevenido da imensidão de São Paulo constaria na rua sem exéquias. No trânsito das portas, o busto de homens cansados: insatisfeitos, mas felizes. As feiras e os mercados, os rostos familiares, a conversa risonha... Tudo isso deixou de ser por um tempo, agora que vigoras no mundo em busca de amanhã, enquanto levas mais de mil percursos da tua Cidade consigo. Mas haverá o dia em que estarás de volta e sentirás um arcabouço de ares passados, o que vivemos sob o ruído de um movimento manso. Lerás este poema. Eu bem gostaria que cuidasses de todos esses pátios que brotaram e me refizeram de um modo melhor do que eu seria: quando venha o tempo da tua geração fazer o tempo. Não haverá sombra, com a sobriedade da iluminação noturna tiritando amizades no trecho feito de teus sorrisos. Na tua cidade o carteiro é vizinho do poeta e vão à mesma padaria o banqueiro e o operário. Há mulheres que vão atrás, quando os homens, na carruagem, querem ir sempre à frente... E há mulheres de toda sorte que vão em frente. Mas amanhã é Primeiro de Maio. Amanhã... Mais um surto de tudo que amo, o que

me sobrou de alívio nas tuas ausências irá se jogar na confusão de quatrocentas mil mortes, dizendo mais importante que as pessoas são as ruas. Tudo que eu amo não quer sair vivo e procura pedras para ladrilhar o desconhecido. Por isso eu sangro. Estás em Paris vazia e segura: eu bem vi ninguém e nenhum bicho, quando te beijei dormindo recoberta, naquela noite chuvosa e tranquila. As palavras felizes me faltam: me falam que são todas suas. Mas pedregoso ou pavimentado, amanhã será a injunção do amor e um dia novo, não mais escuridão do incerto, e os anos seguintes trarão de volta toda flange aos eixos: porque os homens corretos fizeram mapas para não caminhar fora deles. Assim seja, para que a tua cidade não pereça de falsos devotos sem escrínios. Urbanos: procriai homens com mapas... E desde este Planalto celestial escrevo a ode de tuas bênçãos, eu observo os cumes das tuas terras fixas, o abraço de Mairiporã sobre a vida vibrante... Consta rara a lei da compaixão no calendário de virtudes, contudo a Deus eu imploro pela vida dos homens que enterram covardes, dos que despacham sem dores os males do passado; para que os paulistas vivam com alegria e continuem a preencher as tuas ruas de passagens antigas e de caminhos novos. E onde está o meu abrigo de couro e velo? O que vier a restar dos animais devoradores do ser humano há de ser, nesta saudosa garoa, o nosso eterno agasalho*.



Eduardo Anizelli/Folhapress. Serviços Gerais/Grupo Trinca.

* “Ele descera como a chuva em um velo”, ou “Descera como o rocio sobre a lâ dos rebanhos” (Salmos 72: 6).

AS BELAS ESTRADAS DE MINAS

(para o Senador Antonio Anastasia)

Onde fica Minas? Lá onde a estrada é um carro depois de outro carro entre a estrela firme, a nuvem baixa e o morro azul... Lá onde mora o Brasil que não existe mais, onde há estrada de mão dupla estreita, entre os anúncios de cachaça, queijos e minhocuçus. (Não falarei de buracos, porque são poucos). Lá onde tem comarcas de Passos, de Abre-Campo, Caxambu, Dolores de Indaiá; Cedro de Abaeté, Bom Despacho, Ervália, Rio Casca; de Braúna, Resplendor, Aiuruoca, da Canastra; de Açucena, Naque-Nanuque e Bom Jesus do Bagre... Onde vivem Patos e Formiga, tem poema. Lá onde tem ponte sobre o Rio Cristal, ponte sobre o Rio Paracatu, ponte sobre o Córrego Extreminha, ponte sobre o Córrego Poções, ponte sobre o Córrego do Arrependido, ponte sobre o Córrego Mata-léguas, ponte sobre o Rio Sapucaí... Vi um bicho que não era nem cachorro, nem paca, nem capivara, nem veado: era uma cotia... Vi um porco-espinho enorme. Vi rolinha. Vi tatu. Vi um tucano voando alto, porque é esperto. Vi, é claro, as vacas pastando. Que se importam as vacas? Lá, onde a mata escura é branca de luz nossa, onde a colina e a alvorada são as cortinas ensolaradas de uma cidadela...! Onde a gente é capaz de repentinamente dar grandes saltos de compreensão no silêncio.

Lá, onde tem circuito de tropeiros, circuito do cerrado, circuito de gruta e mar de morros, circuito das águas, circuito dos caminhos do sul de Minas... (E não dá curto-circuito?) Onde tem caminhão pegando fogo, em incêndio brabo mesmo, rodeado de cones no meio da noite escura, sem ninguém, tudo breu mudo... Onde tem acidentes fatais com carretas enormes e há equipes de socorro bem-equipadas me dizendo que não precisam de minha ajuda. Lá onde tem coisa se mexendo na mata que graças a Deus não vi. Lá, onde tem uma loja cheia de orquídeas perfumadas, que não encontrei em nenhuma outra parte. Lá, onde tem desjejum com cerveja e pão-de-queijo. Onde há mapa com todas as vias batizadas. Lá onde o café é de graça, moça. De graça?! Esse café bom? É, de graça. Custa nada, não... Mas onde fica Minas, onde assoma o assombro? Lá. Onde tudo tem alma. Minas fica onde as pedras têm alma, onde a alma tem chão e o chão tem saudades. Onde eu paro meu carro para mirar a vista desde a criação eterna do mundo... É devagar que se chega a conclusão nenhuma. Onde o dia tem vinte e cinco horas extenuantes-revigorantes-extenuantes, dirigindo. Onde tem vinte e seis garças ciscando e voando desde um brejo d'água, onde a estrada é feita de franjas de pedra, de ombros nus de montanha... Onde crescem os arbustos picados de folhas verdes-claras e redondas e onde surgem as colunas limpas que erguem os formosos coqueiros... Lá, onde tem um morro crespo de mata virgem recamada com muitas árvores robustas, eriçadas e só se vê verde-escuro. Lá onde do alto o olhar se perde em ver tanta ponte e tanto horizonte e tanto vale... Lá, onde a imensidão mora e o olhar se perde. Lá, onde o meu lábio inebriado sangra... Onde não se pode extravazar os ímpetos de se levar uma vida degradante sem vê-los dissipar no horizonte infinito. Lá, onde eu paro meu carro em mirante da vista singrando desde a criação do mundo eterno... Cicatriz no mapa: mas no horizonte, é eterno. Para cantar a imensidão ali, de estrada, seria necessário um sem-fim de poetas; um tanto de motoristas que se cumprimentam bom-dia e boa-noite com os faróis de milha; vinte e seis garças; e um monte de crianças correndo na quadra de Itaúna, já tarde, na vinheta de noite adentro. Para cantar as curvas que nunca terminam na Estrada Real até Piquete, cheia de neblina... Lá, onde viver e dirigir é sempre um milagre...! A vida muitas vezes é também assim, real: como uma estrada sem acostamento... Por lá, onde as famílias negras se envergam até hoje nas casas de patrimônio do Barão de Itajubá, do ladinho de onde passava a linha do trem. Lá, onde eu paro um 'cadinho para anotar, porque escrever

tudo é difícil. É difícil achar lugar mais acolhedor que Minas. Lá, onde me dizem, antes de me jurar de morte, que eu sou mineira... Para mim, para eu me devastar em dois dias de terra e sentir o meu rosto com água, para me engalantar com desvelo e me varrer de ponta a ponta os dédalos com o fogo de um mudo estrépito, basta me dizer: “as belas estradas de Minas”...

PARIS VIDE

Oh Pays frais ! Oh chère ville la plus belle du monde ! Qui es-tu, toi, qui me guéris du mot sesquipedalien... ? Tes lumières glorieuses arrivent au changement de mon pas chaillot... Fais la vie être la fois de la beauté, Paris, car je suis le chaume après une moisson d'impitiés. Fais des merveilles dont je façonnerai celles de mes vers ! Je ne suis que gorgée de tréteaux d'or et de manteau pourpre, mes sentences piériens sont faites d'un entêtement de flétrir et d'épanouir... De douter et de savoir... D'aller et de revenir... De grandir et de devenir ancienne... Oh Paris, avec tes vins libertés... Oui, Paris, on aura les trains de bulles des amis, on ouvrira un figue d'or pour trouver une perle, on remarquera dans les pages d'un livre antique un mot sacré, on enclenchera le bruit sec de la liège et mordra une truffe molle, on portera une robe noire avec une encolure longue et ouverte, les canassons marcheront sur le sable fin, la Tour Eiffel s'habillera en bleu. Matin du monde ! Tu m'a chaussé d'une caresse quand je voudrais ta touche, alors je marche par tes vies pour me purger aux fruits de l'automne. La musique des feuilles sèches y est sur le trottoir, croissante dans le godet entre mes chaussures et l'herbe, les sons du vent sont à mes oreilles, la brise d'électricité est sur mes cheveux... Le Bois de Boulogne a déjà de l'eau noir et les jolis buissons de mes secrets. C'est l'année 2020 quand je rentre chez toi entre les bâtiments des angles adoucis, ceux qui me regardent par les visages de pierre clouantes du néant qui passe; entre les grimaces sur les rebords des fenêtres et sur les femmes sinueuses des encadrements de tes portes, sur les chemins suspendus formant des lignes côtelées de ton corps ... Je porte un sauf-conduit pour reconnaître tes jardins. Je suis ton enfant à Trocadéro et je me souviens du premier chemin que j'ai marché seule: je te reconnaissais avec d'autres yeux. Je choisis chez le fleuriste un bouquet pour tes hommes et tes femmes, je tiens dans mes mains des roses de toutes couleurs sans épingles, entourées de branches chartreuses. Soudain, personne dans tes rues ! Le couvre-feu, les jours et les nuits sont à ce moment-là enfermés dans un puteal et sa clôture: le bidental romain sera construit pour l'expiation de la brutalité ce dimanche, car un feu céleste t'a frappé. Paris vide ! L'étonnement... Je n'avais jamais te vu d'avant vide... On voit des planètes sur la topographie de ton sein. Toutefois tu es matin, les lumières te remplissent, car elles viennent dans l'aise, soit la saison chaude ou bien froide. Le lume ne se retient pas par la fumée.* Oui, le royaume des lumières est libre, traversé de rêve et d'histoire. Pendant que toute Paris se couchait, il est arrivé à moi: son brille jaillit avec une joie dorée tressante dès ares et dès portes ; des tours de danses et des dômes glissants, des contours des arbres tremblants d'être touchés... Un belvédère fait levage sur la rive à Neully-sur-Seine, blanc entre les murs jaunes et les réflexes bleus. L'amour, l'accord qui ne se rompre jamais, y dont se courbe l'angle entre le soleil et la terre, temple dont se garde une fontaine des accomplissements du cœur. Malgré l'horreur, les fleurs du champ dans un verre d'eau me réveillent. Cependant tu sera toute une journée de vacances, un samedi de chats sur l'herbe, un après-midi de corbeaux sur le carrousel du Sacré-Coeur. L'épreuve fit la mémoire et tout malheur sera oublié: les sauvageries arrivent à la civilisation pour être apprivoisées. Maintenant, tu es déserte, mais demain, après la pluie, les arbres seront les arbitres de l'automne, avec leurs écorces d'âge. Ma chanson de l'âme. Ah, Paris, je te vins nue et je te laisse nue, toi, qui es la mère des poètes... Mais le royaume des lumières arrive à l'enfonçure pour nous couvrir de sa raison, un manteau. Si j'encore manqué la cible et si j'encore marche seule de pure absence, des colonnes profilées ouvrent le piédestal de bustes d'or et je me suis entourée. Ils alors m'enseignent la théogonie des châtelets qu'on ne put démolir, le regarde dans quatre vues à très haute, les trésors des dessins milliers, des marques égyptiennes qui frisent les bâtisseurs dans

* Horace, Ars poetica.

ses mains... L'escalier doré de mon rêve sauve le plus grand amour que j'ai souhaité. J'étoffe ma poitrine, je ferme mes yeux, j'écoute les limiers du silence, mon calamus est transverse... Entre les rives de gloire du passé généreux, tu es maintenant dépouillée de gens et de pas, de repas et de mouvement des oiseaux, de fleurs et de questions, de citations et de marchés... Tu es plongée dans l'air... Un poix des Vosges s'étend sur toute la surface d'une mémoire épaisse. Mes soleils suivent leurs propres orbites, ils gîtent dans un terrier que je fis dans mon corps de terre. L'âme est la partie douloureuse de mon corps qui brûlera maintenant et le creux des années sera plein de vagues de la mer. Alors je monte la nuit et le grand escalier de pierre parmi les lumières de tes jardins. Paris, tu es dans une paix complète comme je n'ai jamais vue, ta main trouve ma main sans trépidation. Tu me bises et la Tour Eiffel dort comme un sapin au réveillon de Noël. Tes rues se reposent du branle-bas du siècle dernier. Le horreur eût été devant tes yeux mais tu ne t'affligea pas, ville de grande douceur, berceau de Voltaire-mon-ami. Les gens rentrent chez eux, et tout ce que tu a fais à moi, dans un immense espace ouvert restant, c'est l'invention de cette poésie-là... Remplissage d'une couche de lumière noctilienne des étoiles. Délassement qui suit mes plusieurs pas de ces longs travaux. Instruction de la réminiscence...



Em Bois de Bologne

PARIS VAZIA

Ah, país fresco! Ó, querida cidade mais bela do mundo! Quem és tu, que me curas da sentença sesquipedal? As tuas luzes gloriosas me vêm com a mudança de meu passo claudicante. Faz a vida ser a vez da beleza, Paris, pois estou só bagaço depois de uma colheita de impiedades. Faz as maravilhas das quais eu desenharei as maravilhas de meus versos! Eu apenas me fartarei depois de um tablado de ouro e de um manto púrpura. As minhas palavras piérias afinal se fazem da testude em fenecer e brotar... De duvidar e de saber... De ir e retornar... De crescer e me tornar antiga. Ó, Paris de teus vinhos liberados... Sim, vamos a Paris, onde teremos as borbulhas dos amigos, abriremos um figo de ouro para encontrar uma pérola, acharemos nas páginas de um livro anoso a palavra sagrada, encadaremos o estalo seco de uma rolha e morderemos uma trufa macia, trajaremos um cetim negro com decote profundo. A cavalgadura será sobre a areia fina, a Torre Eiffel se vestirá de azul. Manhã do mundo! Me encheste de carícias quando quis o teu toque, e agora eu ando pelas tuas ruas de me purgar da bile com os frutos do outono. A música das folhas secas já está sobre as calçadas e cresce na dobra entre meus sapatos e a relva, os sons do vento já estão em meus ouvidos e a brisa já faz eletricidade nos meus cabelos... O Bosque de Bolonha já tem água escura e os arbustos bonitos de meus segredos. É o ano de 2020, quando a ti chego entre os prédios de ângulos polidos. Eles me enxergam pelos rostos de pedra ruminando o nada que passa; entre as efígies nas bordas de janelas e entre as mulheres sinuosas das molduras de tuas portas, nos caminhos suspensos que desenhavam os relevos de teu corpo... E tenho um salvo-conduto para merecer os teus jardins. Sou tua criança em Trocadéro e então me lembro da primeira vez que andei por aí sozinha: quando eu te reconheci com meus outros olhos. Escolho junto ao florista um buquê para teus homens e tuas mulheres, trago em minhas mãos rosas de todas as cores sem espinhos, revolvidas de ramos glaucos. De súbito, ninguém em tuas ruas...! O toque de recolher, os dias e as noites se fecham num puteal sobre a cerradura: o bidental romano será construído para expiar a brutalidade neste domingo, pois o fogo celeste golpeou teu solo. Paris vazia! O estardalhaço... Eu jamais te havia visto vazia. De todo modo tu és manhã, as luzes te preenchem, pois atravessam tudo, seja a estação quente ou fria. O lume não se deixa reter pela fumaça!* Sim, o reino das luzes é livre, crivado de sonho e de história. Enquanto toda Paris se recolhe, esse reino me encontra: o seu brilho irrompe com alegria dourada trespassante de arcos e de portas; de voltas de danças e de cúpulas fulgurantes, desde os contornos das árvores em frêmitos de eu as ter tocado... Um belvedere se ergue sobre as margens de Neully-sur-Seine, branco entre os muros-vivos amarelos e reflexos azuis. O amor é o acordo que não pode ser rompido, templo de onde se deita o ângulo entre o sol e a terra, o templo onde se guarda a fonte dos feitos de nosso coração. A despeito do terror, as flores do campo em um vaso d'água me despertam. Apesar de tudo serás um feriado, um sábado de gatos sobre a relva, uma tarde de corvos sobre o carrossel de Sacré-Coeur. O infornúcio fez a memória! Toda maldade será esquecida: a selvageria alcança a civilização apenas para ser domada. Agora, tu estás deserta, mas depois depois da chuva as árvores serão os árbitros do outono com suas cascas de idade. Canção da alma. Ah, Paris, eu te vim nua e te deixo nua, tu, que és mãe de poetas... Mas o reino de tuas luzes nos vem sobre a perplexidade para, nos cobrir de sua razão, nosso manto. Se ainda perco o alvo e se ainda caminho só de ser tanta ausência, as colunas perfiladas me abrem um pedestal de bustos de ouro e eu me vejo abarcada. Eles me ensinam a teogonia das torres que ninguém conseguiu demolir, o olhar cardeal desde quatro pontos altíssimos, os tesouros dos desenhos milhares, as marcas

* Horácio, Ars poetica.

egípcias que os maçons frisaram com suas mãos... A escadaria dourada de meu sonho guarda o maior amor que contemplei. Encho meu peito, fecho meus olhos, escuto os limiões do silêncio: o meu cálamó está transverso... Entre os rios de glória de teu passado generoso, estás agora desprovida de gente e de passos, de compassos de pássaros e de mesas, de flores e de questões, de citações e de feiras... Estás mergulhada no ar. Os Vosgos píceos recobrem toda a superfície de uma memória espessa. Os meus sóis seguiram suas próprias orbes e se abrigaram em uma toca que perfurei em meu corpo de terra. A alma é a parte dolorosa do corpo que me arde agora, e o buraco dos anos já está cheio de onda marítima. Então subo a noite e a grande escada de pedra entre os lampiões de teus jardins. Paris, estás em uma paz completa como nunca havia visto antes e a minha mão encontra a tua mão sem nenhum estremecimento. Tu me beijas como amiga de longa data e a Torre Eiffel é como um pinheiro na véspera de Natal... As tuas ruas descansam do desassossego do século passado. O terror esteve diante de teus olhos mas não te afligiste, cidade amabilíssima, lar de meu amigo Voltaire. As pessoas se recolhem e tudo que me fizeste nesse imenso espaço aberto remanescente é a invenção deste poema... Provimento de um fanal de luz noctília das estrelas. Fôlego para os meus passos muitos nestes longos trabalhos. Instrução da permanência...



Ana Paula Arendt, pseudônimo literário de R. P. Alencar, é Mestre em Ciência Política, poeta e diplomata brasileira. Membro correspondente eleita pela Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, da New York Academy of Sciences, da Sociedade Brasileira de Física e da Associação do Corpo de Veteranos Fuzileiros Navais.

"Que palavras bem ditas bendizendo todas as mulheres que podem fazer um mundo melhor. Não será pela violência, arrogância e prepotência. Nisso apenas estaremos imitando modelos ultrapassados e que não agregam valor. Será como você diz. Será para o mundo ter brilho! Bendita seja!"

Maria do Carmo Zinato, Presidente do Rotary Club Brasília International, sobre o poema "Por mais mulheres melhores".

"Emoção e tristeza em estado etéreo, imaculado, absoluto. Ah, quantas formas no amor..."

Embaixador Raul de Taunay, sobre os Sonetos.

"De um vigor estético e de uma beleza moral excepcionais!"

Embaixador Afonso Carbonar, sobre o poema "Ser negra".

"Impressionante."

Davino Sena, poeta e diplomata brasileiro, sobre a "Ode à sibipiruna".

"Railssa Alencar é, hoje, a melhor poetisa em língua portuguesa que conheço."

Embaixador Bretas Bastos, Representante do Brasil junto à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, sobre os Sonetos.

"É nossa a honra e o privilégio de ser veículo da culta verve de Ana Paula Arendt. Todo dia 30, já há quase dois anos, no portal Observatório da Comunicação Institucional, literatura de primeira."

Manoel Marcondes Neto, ex-Secretário Geral do Conselho Federal de Profissionais de Relações Públicas e Professor da UERJ.

"Gostei de ler suas poesias. Me pareceu conter muito da força de uma escrita feminina, sem o sobressalto feminista identitário. A par do lirismo, e politizada sem ismos. Um país se faz com excelentes poetas, dizia o personagem Vieira, de Terra em transe. (...) A par de boas compreensões das contradições em curso, nesta quadra de História mundial, é urgente a poesia, como quebra da representação da 'escala de opiniões'."

Antônio José Romera Valverde, Professor Titular do Departamento de Filosofia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da PUC-SP.

"Em seu poema 'Paulisteia', que gentilmente nos encaminhou, encontramos um especial e autêntico carinho pela cidade onde vivem paulistanos e brasileiros de diversas origens. Meus cumprimentos por mais essa obra que se soma a sua vasta contribuição literária".

João Dória, Governador do Estado de São Paulo.

"Tenho certeza de que cada mineira e cada mineiro que tem contato com esse texto tão belo se sente contemplado em ao menos alguma parte".

Senador Antonio Anastasia, sobre o poema "As belas estradas de Minas".

ISBN: 978-65-990855-6-7



100

9 786599 085567

